



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

DANIELA ADONAI LIMA E SILVA

**CULTURA DIGITAL E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIABILIZAÇÃO DOS
JOVENS, SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOCENTE**

**FORTALEZA
2009**

DANIELA ADONAI LIMA E SILVA

CULTURA DIGITAL E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIABILIZAÇÃO DOS JOVENS, SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOCENTE

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof.Dr. José Célio Freire

FORTALEZA

2009

"*Lecturis saltem*"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

S579c

Silva, Daniela Adonai Lima e.

Cultura digital e sua influência na sociabilização dos jovens, segundo a percepção docente / por Daniela Adonai Lima e Silva. – 2009.

167f. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,Centro de Humanidades,Programa de Pós-Graduação em Psicologia,Fortaleza (CE), 31/08/2009.

Orientação: Prof. Dr. José Célio Freire.

Inclui bibliografia.

1-ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO – FORTALEZA (CE) – ATITUDES.

2-PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO – FORTALEZA (CE) – ATITUDES.

3-USUÁRIOS DA INTERNET – FORTALEZA (CE) – ATITUDES.4-JOVENS – EFEITO

DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS – FORTALEZA (CE).5-PROFESSORES E

ALUNOS – EFEITO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS – FORTALEZA (CE).

6-ESCOLAS PARTICULARES – FORTALEZA (CE).I- Freire, José Célio,orientador.

II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III-Título.

CDD(22ª ed.) 305.93718235098131

91/09

Ficha catalográfica (verso da folha de rosto)

DANIELA ADONAI LIMA E SILVA

CULTURA DIGITAL E SUA INFLUÊNCIA, NA SOCIABILIZAÇÃO DOS JOVENS, SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOCENTE

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em : _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Célio Freire (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Fernando Lincoln Carneiro Leão Mattos
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof^ª.Dr.^a Célia Maria Onofre Silva
Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Prof^ª.Dr.^a Verônica Morais Ximenes
Coordenadora do Curso de Mestrado em Psicologia da UFC

Aos meus pais, Daniel Alberto e Maria do Socorro, à minha irmã, Danile, a todos os que lutam por uma educação mais humanizadora e, especialmente, aos excluídos digitais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em especial, e a Nossa Senhora pela inspiração das ideias e ânimo pela produção do saber.

Aos meus pais, pelo incentivo e auxílio na conquista de meu aperfeiçoamento profissional.

À minha irmã e amigos pelo apoio, compreensão e acolhimento a mim dispensados em momentos de renúncia e de superação de desafios, ao longo desta jornada.

Aos meus colegas de mestrado, por todas as experiências trocadas e compartilhamento de ideias, angústias, alegrias e desejos.

À FUNCAP, Fundação Cearense de Apoio e Incentivo ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por ter me possibilitado dedicação exclusiva na produção desta dissertação.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, pela autorização da realização da etapa de campo deste trabalho.

Aos professores colaboradores desta pesquisa, pela disponibilidade e interesse em minha investigação, pela riqueza de experiências trazidas para análise e ajuda, a partir disso, de sua conversão em conhecimento.

Aos professores do mestrado, que me propiciaram subsídios teóricos para uma avaliação crítica dos fenômenos estudados. Em especial, às professoras Fátima Severiano e Luciana Lobo.

À Coordenação do Mestrado em Psicologia e, de uma forma carinhosa, ao meu amigo Hélder, pelas orientações administrativas, necessárias à realização de todos os passos que envolveram essa ação acadêmica.

Ao meu orientador, Célio Freire, e aos membros da banca de exame geral de conhecimento e de defesa que, iluminando e norteando o trilhar de meu caminho acadêmico, tornaram possível a concretização deste sonho há muito acalentado.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo abordar a influência da Rede Mundial de Computadores na sociabilização dos jovens, no contexto da cultura digital, segundo a percepção docente. Para tanto, foi realizada uma investigação de diversos estudiosos sobre o assunto, de vários campos relacionados às Ciências Humanas – Filosofia, Sociologia, Educação e Psicologia – destacando-se Francisco Rüdiger, Pierre Lévy, Manuel Castells, Erick Felinto, Mário Marques e Vani Kenski. Este trabalho foi enriquecido com a realização de entrevistas com professores de escolas particulares, educadores de jovens do Ensino Médio, usuários da Internet. A partir da aplicação desta técnica, tornou-se possível a articulação do conhecimento teórico construído com o saber advindo das experiências dos professores, que possibilitou à pesquisadora uma melhor compreensão e avaliação crítica dos processos de sociabilização discente, na sociedade em rede, e suas implicações na vida dos alunos. Tal avaliação empreendeu-se considerando os valores apregoados no contexto sócio-histórico atual, voltados a ideais democráticos, bem como àqueles mais marcantes, conservadores e reprodutores do sistema capitalista vigente, tais como: individualismo, consumismo, hedonismo, exaltação do presente e imediatismo. Bom frisar, a tendência contundente que ganha força na sociedade informacional globalizada, que consiste na centralidade da Internet, evidenciada no comportamento dos sujeitos, de um modo geral, na visão dos autores, e tão emblemática na vida da “geração net”, em outras palavras, dos jovens nascidos na década de 90, pelo que se pode depreender de teóricos e dos discursos dos que acompanham dia-a-dia e dedicam-se à formação humana. Tais mudanças vêm afetando os modos e condições de ensino-aprendizagem, vivências pessoais e relações intersubjetivas, dentro e fora do meio escolar. Aproximações e encontros, ou seja, laços de solidariedade, parceria, amizade, inclusão, como em oposição, desencontros, indiferenças, querelas e exclusão social, dados em maior dimensão e intensidade, caracterizam a vida dos jovens de classe média alta, nos prismas docentes. Esta transformação na sociabilidade dos jovens, por influência do mergulho no ciberespaço, não se limita aos seus relacionamentos interpessoais, portanto, mas reconfiguram quantitativa e qualitativamente as interações mantidas também com pais, professores e com pessoas com quem estabelecem contato no ou fora do ciberespaço, no interior ou exterior da escola. Não se sabe ao certo as implicações éticas destas e outras condições existenciais, mas essa dissertação aponta a necessidade da reflexão e tomada de medidas educativas em torno delas, para que este movimento social revolucionário, mobilizado pelos jovens, sobretudo da elite da sociedade em rede, não venha a corroborar para um recrudescimento do mal-estar pessoal e coletivo e para o agravamento da exclusão social.

Palavras-chave: Internet. Jovens. Sociabilização. Educação. Cultura digital. Ética.

ABSTRACT

The aim of this paper is to approach the influence of the Wide World Web - Internet in the sociabilization of youth within a digital culture context according to the teachers' perception. For that purpose, an investigation on several leading scholars on the subject was performed, encompassing the many fields of Human Sciences – Philosophy, Sociology, Education and Psychology – with a highlight for Francisco Rüdiger, Pierre Lévy, Manuel Castells, Erick Felinto, Mário Marques and Vani Kenski. The current work was further improved on through interviews conducted with private school teachers, secondary school teachers of young students, Internet users. After the application of the technique, it was made possible to articulate theoretical learning built upon knowledge gleaned from teachers' experiences, something that allowed the researcher a better understanding and critical assessment of the students' sociabilization process, in the web connected society, and its implication on the students' lives. Such appraisal was undertaken taking in consideration those values proclaimed in the current social historic context, turned towards both democratic ideals as well as those more remarkable, conservative and reproducers of the capitalist system in force, such as individualism, consumption, hedonism, exaltation of the present day and immediatism. It is important to underline the stark trend which gains strength in the informational global society, comprised of Internet's centrality, in a general manner, made clear enough in the subject's behavior, under the authors' view, and so emblematic in the "net generation" life, or in other words, those young people born in the 90's, from what we can assume from the theoreticians and of the speeches of those who follow the day-to-day and dedicate themselves to human formation. Changes such as these are affecting the manner and condition of teaching-learning, personal living experiences and inter-subjective relationship, both inside and outside the school environment. Approaches and meetings, that is, solidarity ties, partnership, friendship, inclusion, as in opposition to disagreement, indifference, quarrels and social exclusion, provided in a higher dimension and intensity, profile the life of high-mid-class youths, under the teacher's lenses. This transformation in the sociability of young people, under the influence of the deep dive in the cyberspace, is not restrained to their inter-personal relationships though, but it reshapes the quantity and the quality of relationships held also with parents, teachers, as well as with persons whom they contact inside or outside cyberspace, in or out of school. It is still not known for sure the ethical implications of these and other existential conditions, but the present paper points out to the need for attention, reflection and to enforce educational measures around them, so that this revolutionary social movement, mobilized by young people, especially society's elite on-line, shall not corroborate to an aggravation of personal and collective unrest leading to social exclusion worsening.

Key words: Internet. Youths. Sociabilization. Education. Digital culture. Ethics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	HORIZONTES DA PESQUISA	14
2.1	O objeto	14
2.2	Aproximação do objeto	14
2.3	Justificativa.....	15
2.4	Objetivo geral	15
2.4.1	Objetivos específicos.....	16
2.5	Questões iniciais	16
2.6	Metodologia.....	17
2.6.1	Natureza da pesquisa	17
2.6.2	Técnicas, procedimentos e instrumentos da pesquisa	17
2.6.2.1	Pesquisa bibliográfica.....	17
2.6.3	Pesquisa de campo: definição, lócus e amostra da pesquisa	18
2.6.3.1	Técnica da pesquisa de campo: entrevista.....	19
2.7	Análise interpretativa e escrita da dissertação.....	22
3	REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES E TRANSFORMAÇÕES NA SOCIABILIZAÇÃO, NA ATUALIDADE.....	25
3.1	Um breve histórico sobre tecnologias digitais e Internet e suas repercussões sociais	25
3.2	Mudanças comportamentais e organizacionais na sociedade informacional.....	30
3.3	Desigualdade no domínio tecnológico e exclusão digital.....	32
3.4	Cultura da virtualidade e condições de sociabilização na sociedade em rede.....	34
3.5	Sociabilização dos jovens, no contexto de ensino-aprendizagem, com a utilização da rede	41
3.6	Características da sociabilização dos jovens, a partir do mergulho no ciberespaço.....	50

4	MUDANÇAS NA SOCIABILIZAÇÃO DOS ALUNOS POR INFLUÊNCIA DA INTERNET, SOB O PRISMA DOCENTE.....	56
4.1	Facilidades na sociabilização discente propiciadas pela rede	56
4.2	Mudanças comportamentais favoráveis à sociabilização dos jovens com o uso da internet ...	58
4.2.1	Maiores habilidades comunicativas.....	58
4.2.2	Exercício de novos papéis	59
4.2.3	Gosto pela partilha do saber e experiências diversas de cooperação com parceiros de trabalho próximos e distantes fisicamente.....	60
4.2.4	Auxílio nos problemas de pessoas próximas.....	63
4.2.5	Ampliação da visão de mundo	64
4.2.6	Reconhecimento dos próprios jovens de suas faltas com os usos transgressores da rede e sua disposição pessoal para a não reincidência nos erros detectados.....	65
4.2.7	Descoberta de estratégias de defesa dos perigos e modos de lidar com as dificuldades da vida	66
4.2.8	Modos artísticos de expressão e socialização das emoções e sentimentos.....	67
4.2.9	Preferência do lar como ambiente para a interação em rede	69
4.3	Dificuldades na sociabilização discente propiciadas pela rede	70
4.4	Mudanças comportamentais desfavoráveis à sociabilização dos jovens com o uso da internet.....	76
4.4.1	Práticas ilícitas na rede	77
4.4.2	Descomprometimento dos jovens com as regras da “netiqueta”.....	79
4.4.3	Exposição demasiada em rede.....	80
4.4.4	Incorporação massificada de culturas estrangeiras, por jovens menos críticos e mais imaturos	81
4.4.5	Menor interesse por conhecimentos científicos e pela realidade social	82
4.4.6	Interesse descompromissado em saber da vida do outro.....	84
4.4.7	Exortação de personalidades	85
4.4.8	Busca desnorreada de orientação em rede	86
4.4.9	Vício de Internet.....	87
4.4.10	Naturalização e fascínio pela rede	92

4.4.11	Importância secundária de atividades extra-rede.....	93
4.4.12	Amizades <i>versus</i> conflitos, nas interações face a face propiciadas pela rede	95
4.4.13	Resistência à mudança de comportamentos antissociais com o uso da rede	96
4.4.14	Desconsideração dos jovens em relação às orientações e ações educadoras de pais e professores.....	97
4.4.15	Discriminação do diferente.....	98
4.4.16	Experiências afetivas e namoros virtuais: encontros e desencontros	103
4.4.17	Dissimulação no comportamento por influência da interação em rede e na rede.....	104
5	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS SOBRE A SOCIABILIZAÇÃO DOS JOVENS NOS GRUPOS FORMATIVOS DA SOCIEDADE EM REDE	107
5.1	Mudanças na relação aluno-professor, aluno-aluno, com os encontros e desencontros virtuais	107
5.2	Família – escola e sociabilização dos jovens com a internet.....	122
6	SOCIABILIZAÇÃO DISCENTE E VALORES DA SOCIEDADE EM REDE, MUDANÇAS NOS PROCESSOS FORMATIVOS NAS ESCOLAS, COM O USO DA INTERNET	128
7	CONCLUSÃO.....	141
	REFERÊNCIAS	153
	APÊNDICE.....	158
	ANEXOS.....	160
	ANEXO A	161
	ANEXO B	162

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, estabelece-se um consenso entre os autores de que estamos em uma nova era da universalização do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório, em um contexto histórico denominado globalização. Ao processo de globalização atribui-se a integração e conexão de comunidades, organizações e grupos em novas combinações de espaço-tempo, a intersecção complexa de fenômenos contraditórios que atravessam todo o sistema mundial e envolvem os diversos aspectos da vida contemporânea – econômico, político, social, cultural –, interpelando os sujeitos de diferentes classes sociais, etnias, religiões, convicções políticas, e instalando mudanças nos contextos locais, pessoais e de experiência social. (MANCEBO, 2003).

Segundo Castells (1999), no mundo global, a exortação do paradigma tecnológico fundamentado na informação embasa uma nova estrutura social marcada pela presença e funcionamento de um sistema de redes interligadas, configuradora de uma sociedade em rede. Lévy (2005), por sua vez, explana que as condições de vida em sociedade se reestruturam com a interconexão geral das informações, das máquinas e dos sujeitos, com base em mudanças culturais, na atualidade, incitadas pelo ingresso no ciberespaço.

O ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 2005, p. 17).

De acordo com Lévy (2005) e Castells (1999), a mudança de códigos e valores da sociedade em rede engendra uma nova cultura, a cultura da virtualidade, que tem a Internet como centro, a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores, a rede que liga a maior parte das redes.

Magdalena e Costa (2003) avaliam que a Internet, a principal das redes, por possibilitar a digitalização, armazenamento e transmissão de informações e dados de diversas naturezas, sons, imagens, em alta velocidade, ao mundo como um todo, de modo pluridirecional, traz mudanças para várias áreas: comerciais, sociais, organizacionais, e, desta forma, ao estilo de vida, trabalho e entretenimento dos sujeitos.

Complementando as autoras supracitadas, Lévy (2005) constata que a sociabilização nos dias atuais, com o advento da Internet, se dá com base na universalidade, pela ampla e crescente interação de pessoas de culturas diferentes na rede, com intencionalidades diversas em suas ações. Tal condição geradora de conhecimentos plurais repercute decisivamente em suas existências.

Castells (1999) reflete, com base nisso, que a oposição entre a homogeneização social, decorrente da globalização dos padrões de interação organizados em rede e a diversidade cultural, condição marcante da atualidade, instaura uma série de conflitos sociais. Ele explica que a difusão das novas tecnologias da informação processou-se de modo seletivo e não homogêneo, tanto social quanto funcionalmente. Assim, várias regiões do mundo, como favelas africanas, encontram-se desconectadas do sistema em rede, diferentemente dos grupos sociais e seus territórios dominantes conectados por todo o globo.

Para Kenski (2007), essa condição traz importantes implicações sociais, na medida em que as sociedades que não têm acesso às novas tecnologias de informação e comunicação - (TICs) - são consideradas subdesenvolvidas e excluídas da tomada de decisões do mundo global, no que tange a aspectos políticos e econômicos.

Tendo em vista tal realidade, a educação na sociedade das redes digitais transforma-se e assume como desafio, na atualidade, adaptar-se aos avanços tecnológicos, capacitar os alunos na utilização desses novos meios de comunicação e informação de modo inovador e crítico, como prescreve a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio. (BRASIL: MEC, SEMTEC, 1999).

Kenski (2007) revela que em uma sociedade informacional que prioriza o consumo de bens e serviços da informação, como a atual, é requerido aos sujeitos um nível de escolaridade que lhes permita tornarem-se consumidores. A proposta neoliberal de educação, tradicional, busca formar profissionais que fomentem a produção contínua de tais bens, prepará-los para uma vida social, fundamentada na atividade produtiva, no conhecimento e desenvolvimento técnico-científico.

Tal modelo de educação privilegia, na visão desta autora, o uso das tecnologias da informação e da comunicação para apropriação de saberes pré-validados, certificados, pondo em xeque a formação dos sujeitos como cidadãos e sua capacidade de entendimento da complexidade do mundo, em processo intenso de mudanças e enfrentamento de seus desafios.

Isto se torna um problema, pois, como explana Thompson (1999), não se faz possível entender as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas, sem a reflexão crítica do processo da globalização da comunicação, iniciado em meados do século XIX. A incompreensão deste processo, identificado ao aumento do fluxo internacional de informação e de comunicação de modo extensivo, e do desenvolvimento dos meios de comunicação e suas repercussões para a vida humana, impede uma ação transformadora da realidade social. (THOMPSON, 1999).

Avaliando, nesta cultura tecnológica, digital, a importância da utilização do ciberespaço por jovens na produção de sua subjetividade, bem como os efeitos desta formação na sua sociabilização, considera-se, pois, relevante, neste trabalho de mestrado, uma investigação direcionada ao entendimento da percepção dos professores, a partir de sua experiência docente, no que diz respeito à influência do uso genérico da Internet sobre a sociabilização de jovens do Ensino Médio de escolas privadas, ao longo do processo de sua educação formal.

No segundo capítulo deste trabalho, serão explicitados os caminhos trilhados pela investigadora para a realização de sua pesquisa.

No terceiro capítulo será feita uma breve incursão teórica sobre as tecnologias digitais, sobretudo a Internet, e suas implicações sociais; se versará sobre a cultura da virtualidade, novas condições de sociabilização na cibercultura, contemplando modos de sociabilização dos jovens no contexto de ensino-aprendizagem e características dos estudantes, a partir da navegação em rede.

O quarto capítulo abordará, de modo crítico, as facilidades e dificuldades docentes no processo de formação dos alunos direcionado a uma boa sociabilização, bem como as mudanças de comportamentos – favoráveis e desfavoráveis – a este processo, ocorridas na vida dos jovens com o mergulho no ciberespaço.

Bom esclarecer que a divisão disposta no trabalho com relação às facilidades e dificuldades no processo de formação dos jovens e às mudanças do seu comportamento favoráveis e desfavoráveis à sua sociabilização, relacionadas ao uso da Internet, será feita por uma necessidade de melhor exposição das ideias, para uma maior facilidade de sua compreensão.

O quinto capítulo explanará sobre alterações na relação aluno-professor, aluno-aluno com os encontros e desencontros estabelecidos por meio e a partir da Internet, trazendo questionamentos referentes a aspectos éticos deste fenômeno. Também será abordada a configuração da relação família-escola, na cultura digital, e suas repercussões na sociabilização dos jovens internautas.

No sexto capítulo, mudanças nos processos formativos nas escolas, sobretudo no que se refere à sociabilização dos jovens, serão relacionadas a valores incitados pela sociedade em rede e empreendidas análises críticas da condução deste processo, tendo-se em vista tal associação.

Nas considerações finais serão discutidos alguns conhecimentos construídos pela pesquisadora sobre o tema investigado, ao longo da produção de sua dissertação, sedimentada em sua pesquisa bibliográfica e de campo.

Para Dowbor (2005, p.30), na medida em que se integram informação, comunicação e formação na atualidade, a sociedade do conhecimento assim criada manifesta um redimensionamento do próprio homem: “De certo modo, o processo reflete os primeiros passos do *homo culturalis*, em contraposição ao *homo economicus* dos séculos XIX e XX.” Entretanto, tal mudança requer que os sujeitos em suas próprias nações descubram caminhos próprios para seu desenvolvimento.

A importância deste trabalho se assenta, portanto, no respaldo teórico, a ser construído a partir dele, para uma discussão e intervenção, por parte de psicólogos e educadores, convergentes a uma ação configuradora de processos humanos e socializadores de subjetivação, no meio escolar, favorável a um maior reconhecimento do outro na contemporaneidade e inclusão social.

O próximo capítulo exporá os elementos metodológicos basilares desta pesquisa, os quais envolveram o processo integral de escrita desta dissertação.

2 HORIZONTES DA PESQUISA

2.1 O objeto

Esta pesquisa de mestrado tem como objeto de estudo a percepção dos professores sobre a influência do uso genérico da Rede Mundial de Computadores, no contexto da cultura digital, sobre a sociabilização de jovens do Ensino Médio de escolas privadas, ao longo do processo de educação formal destes.

Conforme Lévy (1999), a cultura digitalizada (cibercultura), engendradora nos dias atuais, mergulhada no espaço cibernético, tem produzido novos modos de se informar e se comunicar, novas condições de formação humana, na atualidade, que repercutem diretamente nos modos de sociabilização como um todo, no mundo global em rede.

2.2 Aproximação do objeto

A aproximação com esse objeto de estudo deu-se a partir do interesse da pesquisadora em descobrir, motivada pela sua preferência pela interface dos saberes Psi com o campo da educação, as novas condições de sociabilização de alunos, no contexto da sociedade atual, despertado em sua experiência de estágio em uma escola particular, ao longo dos dois últimos anos de sua graduação em Psicologia.

Este interesse fortaleceu-se no decorrer de sua experiência de trabalho, já como profissional, com grupos de professores de várias áreas do ensino, de diversas universidades e faculdades. Em tal ocasião, os educadores levaram a pesquisadora a atinar para a importância da compreensão de possíveis mudanças na sociabilização discente, tendo em vista uma prática psicológica orientada ao aperfeiçoamento do trabalho docente. Tal necessidade, no que tange à formação de jovens, de modo congruente e contextualizado às necessidades e desafios a serem enfrentados pelos sujeitos na sociedade globalizada, demanda uma abordagem ética desse processo.

Considerando-se que a formação humana se estabelece significativamente a partir da ação docente nas escolas, pareceu ser mais interessante e relevante saber o que pensam os

professores sobre as condições de sociabilização dos jovens com o uso da Internet, ao invés da sociabilização em si, visto serem suas interpretações sobre este assunto específico delimitadoras dos modos de implementação de tal missão educacional.

2.3 Justificativa

Segundo Oliveira (2002), as formas prioritárias de comunicação na totalidade dos campos da vida social encontram-se cada vez mais dependentes das novas tecnologias. À proporção em que os saberes científicos originam equipamentos e novidades tecnológicas diversas que utilizadas interferem decisivamente nos hábitos cotidianos das sociedades contemporâneas, amplia-se a importância da tematização sobre o uso delas.

Tal pesquisa torna-se importante, uma vez que sua temática ainda é estudada de modo incipiente e pouco abordada, publicada e debatida na área de Psicologia voltada à educação, embora seu tema embase e oriente ações de professores e psicólogos nas escolas, com fins pedagógicos e de formação humana.

A pesquisa visa contribuir, desta forma, para uma reflexão acerca da necessidade de problematizar, sobretudo nos espaços mobilizados para a formação humana, em especial as escolas, as condições de uso genérico da Rede Mundial de Computadores pelos jovens e sua interferência sobre os modos de sociabilização dos mesmos. Esta tarefa envolve também um questionamento crítico da cultura tecnológica gestada na atualidade.

Também se objetiva com este trabalho propiciar um respaldo teórico para uma discussão e intervenção, por parte de psicólogos e educadores, convergentes a uma ação mobilizadora de processos humanos e socializadores, nas instituições de ensino-aprendizagem, voltados ao bem-estar pessoal e coletivo.

2.4 Objetivo geral

Investigar a percepção dos professores sobre a influência do uso genérico da Rede Mundial de Computadores (Internet) – no contexto da cultura digital –, na sociabilização de jovens do Ensino Médio de escolas particulares, a partir da experiência da sala de aula.

2.4.1 *Objetivos específicos*

Apontar as características da sociabilização dos jovens de escolas particulares do Ensino Médio que fazem uso da Internet, na atualidade, identificadas pelos seus professores.

Identificar as facilidades e dificuldades atuais enfrentadas pelos professores, em sala de aula, com relação ao processo de sociabilização de jovens, a partir do uso genérico da Internet por estes.

Analisar a importância e as consequências do uso da Internet na sociabilização dos jovens em sala de aula, no contexto da cultura digital, como percebidos pelos docentes.

2.5 **Questões iniciais**

A pesquisadora, ao propor esta temática de investigação, visou certificar-se quanto à validade das seguintes conjecturas levantadas por ela, antes de sua realização, considerando-se os pontos de vistas de professores do Ensino Médio de escolas privadas sobre a questão enfocada:

1 As condições e modos de uso genérico da Internet por jovens de Ensino Médio de escolas privadas podem estar exercendo poder de influência sobre suas formas de sociabilização na contemporaneidade.

2 Mudanças nas condições de formação e sociabilização dos jovens, com o uso da Internet, podem estar se dando nas escolas, a partir de valores disseminados pela sociedade global.

3 Novos modos de sociabilização dos jovens, com a sua navegação em rede, podem estar promovendo mudanças nas relações sociais, desfavoráveis à inclusão social e ao bem-estar coletivo.

2.6 Metodologia

Apresenta-se neste tópico uma sucinta abordagem acerca dos métodos e técnicas utilizadas neste trabalho e o relato da implementação destes, ao longo do desenvolvimento das etapas da pesquisa.

2.6.1 *Natureza da pesquisa*

A pesquisa aqui descrita caracteriza-se pelo interesse, com base em seus objetivos geral e específicos, em descrições detalhadas de situações, interações, comportamentos observados, eventos, citações literais de pessoas sobre atitudes, crenças, experiências envolvendo a utilização da Internet, e é de natureza qualitativa por esta razão, conforme concebe Bastos (2005). De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa tem sua relevância no estudo das relações sociais, dada a pluralização de estilos de vida e de padrões de interpretação na sociedade, nos dias atuais.

2.6.2 *Técnicas, procedimentos e instrumentos da pesquisa*

2.6.2.1 *Pesquisa bibliográfica*

A pesquisa bibliográfica desenvolveu-se com o processo de localização, seleção, leitura, reflexão e análise de documentos pertinentes aos objetivos do assunto investigado (CERVO; BERVIAN, 1996). A análise da literatura obtida deu-se por meio da consulta de livros, revistas, artigos, monografias, *sites* da Internet sobre o assunto focado, para a explicitação do problema por meio de referências teóricas, como sugerido por Bastos (2005).

Ao longo desta primeira etapa foram feitos apontamentos e resenhas com a transcrição de ideias relevantes de autores sobre a temática explorada, conforme o indicado por Cervo e Bervian (1996). Estes recursos auxiliaram a pesquisadora a distinguir o essencial do prescindível para a abordagem do tema. Os apontamentos e as resenhas também subsidiaram a confecção de um roteiro, uma lista de perguntas correspondente ao instrumento

de coleta de dados da pesquisa. Facilitaram também a análise, interpretação e discussão dos dados, empreendidas ao longo deste trabalho acadêmico.

Em suma, a pesquisa bibliográfica proporcionou maiores informações sobre o assunto tratado; auxiliou na determinação do tema do trabalho, na definição dos objetivos, formulação das questões e descoberta de um enfoque para o trabalho desejado, em consonância ao concebido por Andrade (1997). Constituiu uma etapa preliminar ou preparatória para a pesquisa de campo, realizada após a aprovação deste projeto no Comitê de Ética em Pesquisa da UFC.

2.6.3 Pesquisa de campo: definição, locus e amostra da pesquisa

Conforme Lakatos e Marconi (1996), a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos da forma como se dão espontaneamente na coleta de dados e o registro de variáveis consideradas relevantes para a análise dos mesmos. Tem como objetivo obter informações e, ou, conhecimentos sobre a questão para a qual se busca uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira confirmar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre estes, bem como proporcionar a alteração e elucidação de conceitos referentes a eles. Esta etapa da investigação visou, portanto, compreender mais profunda e claramente os fenômenos relacionados ao tema investigado.

A investigação deu-se na cidade de Fortaleza, com professores de jovens usuários da Internet do Ensino Médio de duas escolas particulares, com mais de 300 alunos, visitadas pela pesquisadora. A seleção foi feita com base no critério de maior indicação de seus coordenadores, responsáveis por este nível de ensino, conforme a percepção destes de maior propriedade dos docentes sobre o tema em estudo.

A amostra escolhida constituiu-se de 06 professores do Ensino Médio, com no mínimo dois anos de experiência docente, destes colégios particulares, de ambos os sexos, com alunos na faixa etária de 14 a 18 anos. A participação dos professores na pesquisa ocorreu somente após autorização formal de suas respectivas escolas e aceitação desta pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC.

A preferência por colégios particulares deu-se pela impressão pessoal da investigadora de ser em tais escolas maior a interação dos professores com alunos que

pertencem, em sua maioria, a classes sociais que mais uso fazem da Rede Mundial de Computadores, em virtude de um maior poder de compra de aparelhos tecnológicos de informação e comunicação, como também mais forte a tendência a exercerem sua profissão em consonância com o ideal neoliberal de educação de jovens.

A escolha de professores com tais características embasou-se nessa impressão e justificou-se na necessidade sentida pela pesquisadora de certificar-se da importância de suas questões iniciais e analisar criticamente a percepção docente sobre as condições de sociabilização de jovens de colégios privados, devido ao uso da Internet, com base na experiência de sala de aula destes profissionais.

O recrutamento dos professores com esse perfil para a participação na pesquisa em sua fase de campo se deu primeiramente de modo informal através de contatos com a pesquisadora, por mensagens eletrônicas e ligações telefônicas. Tais contatos foram possibilitados a partir de conversas com coordenadores do Ensino Médio das escolas visitadas, que tinham acesso a profissionais que atendiam a tais requisitos da amostra da pesquisa. Estes propiciaram, portanto, o contato da pesquisadora com os professores, bem como pessoas ligadas à coordenação das escolas.

O convite para a participação no trabalho acadêmico em pauta precisou ser reforçado formalmente pela investigadora, com o envio de uma mensagem explicativa da pesquisa ao endereço eletrônico dos professores selecionados, para um melhor esclarecimento das condições de sua colaboração na pesquisa e confirmação desta.

2.6.3.1 Técnica da pesquisa de campo: entrevista

Para Lakatos e Marconi (1996, p.195),

Entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Conforme Gil (1994), problemas humanos no âmbito das ciências sociais podem ser perscrutados por meio dela, não se restringindo a sua utilidade à coleta de informações, mas sendo indicada também no diagnóstico e orientação dos mesmos. Crenças, saberes,

expectativas, desejos, sentimentos, intenção de ações, explicações e razões a respeito de diversos aspectos do comportamento humano e da vida social podem ser aferidas mais profundamente com ela.

As indicações de aplicabilidade desta técnica, seus objetivos e vantagens, explicitados por Lakatos e Marconi (1996) e Gil (1994), convergiram aos objetivos da pesquisa ora descrita, disto derivar sua escolha como técnica em sua fase de campo. A entrevista realizada neste trabalho possibilitou a coleta de informações mais difíceis de serem encontradas em fontes documentais e registros. A utilização de tal instrumento trouxe a vantagem de melhor extrair as informações desejadas, permitir a complementação das já conhecidas, obtidas de outras fontes e possibilitar a realização de estudos de caso, no futuro, como ressaltam Cervo e Bervian (1996).

A pesquisadora, respaldada na pesquisa bibliográfica e no conhecimento de noções metodológicas, empreendeu nessa fase de campo a aplicação de uma lista de perguntas, componentes do roteiro da entrevista, confeccionado na etapa antecedente. Tal instrumento de coleta de informações foi elaborado com perguntas abertas, com os principais tópicos relativos à temática investigada, concernentes aos objetivos geral e específicos de sua pesquisa. Tal tarefa ajudou no direcionamento da conversação profissional para o esclarecimento e aprofundamento do assunto investigado.

A entrevista aplicada aos professores foi do tipo semi-estruturada por não ter obedecido, ao longo dos questionamentos, o esquema rígido preestabelecido no roteiro de entrevista elaborado, embora focasse um assunto específico. O roteiro utilizado com flexibilidade estimulou a conversação e propiciou abordagens de tópicos não previstos, mantendo-se a dinamicidade do processo. A pesquisadora pôde com esta técnica sondar, também, razões e motivos nas respostas dos informantes. Realizou-se a mesma, portanto, de modo similar ao descrito por Lakatos e Marconi (1996) com relação a tal técnica de coleta de informações.

Após a submissão e aprovação do roteiro de entrevista pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC, o instrumento foi aplicado individualmente, durante uma média de 50 minutos, em dia e hora definidos em consenso pela pesquisadora e cada um de seus informantes de pesquisa, considerando-se o prazo de atividades estabelecido no seu

cronograma, o qual não pôde ser cumprido à risca, por dificuldades de acesso aos participantes, na fase de campo.

O local de coleta de informações foi escolhido entre o domicílio do participante ou o Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade, vinculado ao mestrado de Psicologia da UFC, acordado também entre a pesquisadora e os docentes da amostra, individualmente. A entrevista se deu com a participação apenas da pesquisadora e de cada um dos professores selecionados, para a garantia da confidencialidade. Realizou-se em um único dia, com cada um, em ambiente com boas condições de conversação.

No primeiro momento, a pesquisadora, antes de iniciar a entrevista, buscou criar um clima de receptividade e cordialidade, uma atmosfera favorável à conversação, deixando o informante falar livremente por alguns minutos. Fez, então, uma explicação sucinta sobre seu objeto de estudo, as finalidades e condições da entrevista e de participação na pesquisa, solicitando-lhe, em seguida, a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, também assinado por ela própria.

Após este contato inicial, de estabelecimento de confiança na relação, a entrevista propriamente dita teve início, sendo o áudio gravado na íntegra. Processou-se conforme o acertado no termo supracitado. (APÊNDICE). As perguntas foram feitas guiando-se a conversa conforme a sequência do roteiro, mas de um modo flexível, garantindo um melhor desenvolvimento do processo de coleta de informações. A pesquisadora teve o cuidado de se certificar se as repostas atendiam aos objetivos das questões do roteiro, ao longo do processo e em seu término.

A pesquisadora buscou esclarecer dúvidas dos entrevistados na compreensão das perguntas, ao longo da entrevista; não interromper o discurso destes, nem sugerir-lhes ou induzir-lhes repostas. Evitou, desta forma, emissões de opiniões particulares, juízos de valor, mantendo uma postura neutra e amigável no emprego de tal técnica. Em alguns momentos, os entrevistados não deixaram explícitas suas repostas. Houve muitas reticências em suas falas, embora tenham participado de modo espontâneo e tido liberdade em suas colocações. Foi necessário também a pesquisadora fazer anotações, autorizadas no termo de consentimento livre esclarecido, sugeridas por Cerro e Bervian (1996); estimular detalhamentos das repostas dadas, bem como reconduzir, meticulosamente, o informante ao objeto da pesquisa, ao foco da discussão, para a consecução de seus objetivos investigatórios.

De acordo com Lakatos e Marconi (1996), a técnica da entrevista propicia ao entrevistado um maior contato com sua própria experiência, adentrando em áreas importantes desta, mas não previstas pela pesquisadora na elaboração do instrumento de pesquisa. A pesquisadora percebeu esta condição ao longo da aplicação da técnica e aproveitou-a, na medida do viável e possível, conforme sua necessidade e interesse acadêmicos.

Ao final da entrevista, os devidos agradecimentos foram feitos ao informante e garantido o sigilo de suas colocações e de sua identidade. Findada a coleta de informações com esta técnica e com a devida autorização de seus participantes, o material gravado foi transcrito na íntegra, digitado, lido e organizado pela pesquisadora. Tal procedimento subsidiou a análise interpretativa e a escrita da dissertação, detalhada mais a seguir.

Importante frisar que a incorporação de tais informações ao *corpus* da pesquisa (material empírico) ocorreu de modo seletivo, constando nele somente as respostas mais elucidativas ao problema investigado, a partir de uma triagem das respostas ao roteiro, e, para além dele, consideradas pela pesquisadora mais relevantes e contextualizadas ao entendimento de seu objeto de pesquisa, considerando-se seus objetivos geral e específicos. Apontamentos feitos pela pesquisadora, durante e após a execução da entrevista, também compuseram tal *corpus*, o qual somente converteu-se no trabalho dissertativo após os procedimentos de análise e articulação teórica, concernentes ao tópico posterior.

2.7 Análise interpretativa e escrita da dissertação

O trabalho de análise do *corpus* ocorreu, inicialmente, mediante leitura e interpretação fértil de todo o material produzido, comentados nos parágrafos acima. Concluída esta etapa, foram realizadas as seguintes tarefas referentes ao tratamento do *corpus*:

- Etapa de categorização, correspondendo à nomeação de categorias, de acordo com as temáticas singulares, delineadas a partir das informações coletadas. As categorias foram configuradas somente *a posteriori* da leitura do *corpus*;

- Leitura mais minuciosa do material empírico, pela qual a pesquisadora detectou as recorrências e repetições nele contidas, que possibilitaram a classificação das informações nas categorias definidas, bem como o estabelecimento de eixos comuns, dimensões e subdimensões, relativas a cada uma destas, para uma maior clareza descritiva da pesquisa;

- Inter-relacionamento das categorias, contendo as informações das mesmas.

Após o inter-relacionamento das categorias, a pesquisadora empreendeu a análise das informações coletadas, que procurou lidar com os temas surgidos na entrevista, prescindindo de conceitos definidos e teorizações cristalizadas no trato do *corpus* de pesquisa, conforme prescreve Flick (2009). Como revela este autor, aos pesquisadores em Psicologia é indicado não dedicar-se à descrição detalhada de circunstâncias concretas e à comprovação da validade de teorias pré-concebidas, mas à análise de significados subjetivos das experiências e das práticas cotidianas, voltada à produção de novos conhecimentos.

Esta pesquisa, deste modo, atentou a uma contínua criação de significados plurais construídos e inferidos sobre a temática, a partir de sua fase de campo. Não se deteve, pois, ao que foi trazido pelos docentes em suas falas, *ipsis litteris*. As interpretações realizadas, desta forma, encontraram apoio claro nesse processo analítico, no discurso dos professores, mas também naquilo que não foi traduzido verbalmente, ou seja, em suas discontinuidades, nas entrelinhas das mensagens ditas e para além destas. Tal análise embasou-se também numa leitura reflexiva dos apontamentos e resenhas da fase bibliográfica.

A pesquisadora, no processo analítico, procurou comparar e confrontar posições estabelecidas nas conversas profissionais, a partir das informações das categorias configuradas, destacando tanto opiniões majoritárias como de relevância secundária, identificadas no material. Tal cotejo se fez de um modo simultâneo à articulação destes posicionamentos com teorizações de autores reconhecidos, estudados na fase bibliográfica, delineando uma análise de conteúdos relevantes, críticos e discordantes sobre o assunto investigado.

Esta pesquisa não buscou analisar os fenômenos estudados privilegiando uma teoria ou um autor específico. Esta etapa analítica do trabalho acadêmico tratou de estabelecer as convergências, divergências e pontos de ligação dos prismas de diversos teóricos estudiosos do tema selecionado pela pesquisadora com relação às opiniões docentes nas entrevistas relativas à temática investigada. Uma visão ética das questões 'psi' referentes ao tema em estudo também foi empreendida como forma de reflexão sobre os processos de sociabilização dos jovens na contemporaneidade.

Em seus procedimentos de análise, a pesquisadora considerou sempre os objetivos básicos da investigação, que foram seus guias tanto para o processo de análise do material

apreendido e elaborado, quanto para as interpretações subsequentes, conforme o enfoque teórico proposto para o estudo.

No trabalho dissertativo, as informações derivadas das entrevistas relevantes à pesquisa, trabalhadas no processo de análise e interpretação, foram destacadas em sua produção escrita. Tal destaque se deu tanto àquelas que apresentaram uma convergência no raciocínio das ideias, como as que expuseram diversidades de opiniões sobre a temática investigada. Na dissertação foram mencionadas a importância e relevância dadas às informações comentadas pelos entrevistados.

Importante frisar que citações literais constaram do trabalho dissertativo, no entanto não foram identificados os professores participantes da pesquisa, conforme o estabelecido no termo de consentimento livre e esclarecido firmado entre a pesquisadora e cada docente. (ANEXO B). Desta forma, a pesquisadora buscou preservar a privacidade dos colaboradores, atendendo aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos. (Res.196 /96 do Conselho Nacional de Saúde). O título da dissertação no termo de consentimento livre e esclarecido não corresponde ao título final deste trabalho. O mencionado em tal documento foi substituído pelo atual, por sugestão da banca examinadora, somente na ocasião de sua defesa.

No próximo capítulo, a parte analítica desta dissertação se inicia, versando sobre as alterações dadas na sociabilidade e na vida humana, no geral, com o desenvolvimento das novas tecnologias e, com elas, o surgimento da Internet e a configuração da sociedade em rede.

3 REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES E TRANSFORMAÇÕES NA SOCIABILIZAÇÃO, NA ATUALIDADE

Este capítulo fará uma abordagem teórica das mudanças engendradas nos modos, condições e características de relações sociais e de existência humana, com a formação da sociedade em rede e da cultura da virtualidade, a partir do mergulho no ciberespaço, pelos sujeitos. Esta questão será posteriormente enfocada considerando, de forma mais detida, essa navegação no espaço virtual pelos internautas nascidos na década de 90, desenvolvida em contexto de ensino–aprendizagem, como também a partir de entradas deliberadas, livres, na rede, com fins de atendimento aos objetivos deste trabalho.

Para um melhor entendimento desse processo, será discutido, inicialmente, neste próximo tópico, um pouco da história do desenvolvimento tecnológico propiciado pela telemática, o qual possibilitou a construção e incorporação da Internet no cotidiano dos sujeitos, influenciando e suscitando novos desdobramentos na vida social.

3.1 Um breve histórico sobre tecnologias digitais e Internet e suas repercussões sociais

Lévy (2005) revela que as imagens, os signos, os discursos que dão aos homens e às instituições recursos e razões de viver, encontram-se diretamente associados à dimensão material da existência humana, que envolve a concepção, a produção e a utilização dos objetos técnicos. As técnicas produzidas e redimensionadas, quando utilizadas pelo homem, o constroem. Desta forma, tornam-se um ponto crucial da análise dos sistemas sócio-técnicos globais, que abrange a face material e artificial dos fenômenos humanos.

Rüdiger (2002), retomando o discurso de Simmel (1990), frisa que o emprego das técnicas depende das condições históricas e sociais em que se dá a trajetória de formação do indivíduo. De acordo com Lévy (2005), em torno da técnica, sobretudo daquelas referentes às tecnologias digitais, gravitam múltiplas ideias, projetos sociais, interesses, utopias e estratégias de poder dos homens sociais.

Conforme Lévy (2005), as técnicas são desenvolvidas pelos sujeitos, dentre outros objetivos, em prol de uma maior autonomia, colaboração entre si e incremento de suas capacidades cognitivas. Por vezes, ações e planos heterogêneos dos sujeitos, ligados ao uso da técnica, confrontam-se, mas com menor frequência que os seus conluios.

Para Kenski (2007), suportes midiáticos tradicionais como jornais, revistas, rádio, cinema e vídeo foram transformados, nas últimas décadas, em novas formas de produção e propagação de informações, novos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações. De acordo com Castells (1999), essas novas tecnologias da informação propiciaram o surgimento de redes digitais, incluindo a Internet.

Conforme esclarecem Magdalena e Costa (2003), na sociedade informacional é estabelecida uma utilização intensiva e ampliada de tecnologias funcionando em rede, como o telefone, o rádio, a televisão e computadores, graças aos avanços da telemática, a partir da qual interoperam recursos computacionais e tecnologias de comunicação. Para Kenski (2007), esta comunicação em redes torna o virtual hoje o principal espaço de ação das novas tecnologias e a informação sua fundamental matéria-prima. Engendra no ciberespaço uma interação e comunicação síncrona, em tempo real, ou seja, no momento em que o fato acontece, ou, ainda, simultânea.

O ciberespaço, um novo espaço de comunicação, de organização e de transação, um novo mercado de informação e de conhecimento, bem como espaço de sociabilidade, abrange sistemas de comunicações eletrônicas transmissoras de informações digitais ou destinadas à digitalização. Lévy (2005) atribui a esta codificação digital a plasticidade, a fluidez, a interatividade, a hipertextualidade, o cálculo preciso e o tratamento em tempo real das informações e, em síntese, a virtualidade da informação em tal espaço.

O ciberespaço ou mundo virtual, tal como o pensa Lévy (2005), é aquele acessível por meio de rede e completamente aberto à conexão, interação e mutação com outros mundos virtuais, de modo *on-line*. Também tal mundo engloba uma dimensão *off-line*, identificada a instalações “fechadas”, que não se opõe, entretanto, ao primeiro, visto que ambos se complementam, se enriquecem e se estimulam.

Lévy (2005) informa que o termo “ciberespaço” surgiu a partir da ficção científica *Neuromancer*, de William Gibson, em 1984, nomeando o universo das redes digitais,

identificado ao campo de conflitos mundiais. *Nessa* obra, “heróis”, para vivenciar aventuras, adentram tal espaço, que contém uma fortaleza de informações secretas protegidas por programas repletos de dados mutantes e substituíveis ao redor da Terra. A expressão ciberespaço foi apreendida pelos usuários e criadores de redes digitais, popularizando-se também com ela a expressão “cibercultura”, por influência de movimentos literários, musicais, artísticos e políticos.

Lévy (2005) considera que a inauguração do ciberespaço corrobora para a evolução geral da civilização. Este autor frisa, entretanto, que as técnicas produzidas nas culturas, de um modo geral, não são boas ou más *a priori*. Tal qualificação depende da intencionalidade de seu uso, que regula sua utilização, repercutindo diretamente na vida humana. Embora não determinem os fenômenos sociais, os condicionam, oportunizando mudanças culturais e sociais, impossibilitadas sem a sua existência:

Nem a salvação nem a perdição residem na técnica. Sempre ambivalentes, as técnicas projetam no mundo material nossas emoções, intenções e projetos. Os instrumentos que construímos nos dão poderes, mas coletivamente responsáveis, a escolha está em nossas mãos. (LÉVY, 2005, p. 16-17).

Para Lévy (2005), somente as especificidades técnicas do ciberespaço propiciam a grupos humanos inumeráveis interagirem, coordenarem, cooperarem, desenvolverem-se, bem como consultarem uma memória comum, praticamente em tempo real, apesar das distâncias geográficas e diferença de horários. Daí a relevância extrema da Internet no que tange à comunicação e à sociabilização humanas. Castells (1999) evidencia que as marcas da interação em rede, a informalidade e a capacidade auto-reguladora de comunicação, engendram uma forma de sociabilização em que muitos contribuem para muitos, mas tendo cada um sua própria voz e aguardando uma resposta individualizada.

Kenski (2007) revela que os ambientes digitais, ao articularem telefones celulares, computadores, televisores e satélites, proporcionaram uma maior presença de mensagens textuais, sonoras e visuais, em diversos formatos, no dia-a-dia dos sujeitos e, com isso, relações mais dinâmicas, intensas e pessoais nas interações com pessoas ou bancos de dados dispersos pelo mundo. A obtenção de informações digitais tornou-se mais veloz com seu acesso em banda larga, feito por qualquer conexão acima da velocidade de padrão dos modems analógicos (56 Kbps), com estabilidade e qualidade.

As informações nos espaços de fluxo das redes podem ser acessadas da forma como circulam: misturadas, recortadas, combinadas, ampliadas, congregadas, conforme os interesses e necessidades de quem as acessa. Tais fluxos não obedecem a coordenadas de espaço e tempo. A correspondência da realidade do ciberespaço à realidade virtual deriva do espaço cibernético poder ligar-se ao espaço físico de modos variados e com muitas recombinações. (KENSKI, 2007).

A primeira rede de computadores interligados foi construída em ambiente militar, em 1960, durante a Guerra Fria. A Internet originou-se com o desenvolvimento de trabalhos da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA). Foi projetada com o intuito de impedir a tomada ou destruição do sistema norte-americano de comunicação pelos soviéticos, pelo temor de uma guerra nuclear com tal país. A arquitetura de rede, composta por milhares de redes de computadores autônomos, com inúmeras formas de conexão, não possibilita seu controle a partir de nenhum centro (CASTELLS, 1999). Subsidiando o desenvolvimento da Internet, havia redes científicas, institucionais e pessoais que cruzavam o Departamento de Defesa, como a Fundação Nacional da Ciência e as principais universidades americanas, voltadas para a pesquisa, e núcleos de geração de ideias especializados em tecnologia, segundo Castells (1999).

A Internet funciona a partir da reunião de diversos computadores na transmissão de todos os tipos de dados, uns aos outros, possibilitada pelo avanço tecnológico na área. É fruto de um processo tecnológico que envolve a união entre o computador, a linha telefônica, um *modem*, provedores de acesso e navegadores. Kenski (2007) evidencia que a telemática, assim, transformou o espaço de ação limitado dos computadores em um novo espaço, o virtual.

A coexistência pacífica de vários interesses e culturas, na Rede, configurou a *World Wide Web* – WWW (Teia de Alcance Mundial). Trata-se de uma rede flexível, composta por redes dentro da Internet, na qual instituições, empresas, associações e pessoas físicas montam os próprios *sites*, que servem de base para a produção de *homepages*, elaboradas com colagens variáveis de textos e imagens, a todos os conectados a ela. Com o auxílio da tecnologia de novos *softwares*, a Web propiciou também agrupamentos de interesses e projetos na rede, de forma facilitada. (CASTELLS, 1999).

Quando se implantou no Brasil, em 1990, a Internet compreendia, em média, 1500 sub-redes, 250 mil servidores e cerca de 617 mil computadores interconectados. A *World Wide Web*, ou rede WWW, surgiu neste país em 1991, constituindo apenas uma parte da Internet, a mais acessada, que reúne documentos pelos quais são transmitidas informações por meio de textos, sons, animação, etc. (CESALTINA, 2007).

Para Nicolaci-da-Costa (1998), até julho de 1995 o acesso à rede era restrito a participantes de centros acadêmicos ou a quem podia abrir uma conta no *AlterNex*, sendo utilizados serviços como: correio eletrônico, grupos de bate-papo, grupos de discussão com temas definidos, visitas a museus, bibliotecas, *homepages*, etc. Seus usuários, em sua maioria homens, jovens, solteiros, de classe alta, com segundo grau completo e até mesmo nível superior, conectavam-se em busca de informações sobre música, artes, esportes e turismo, temas de maior interesse, que ainda hoje atraem seus navegantes, os quais crescem em número, vertiginosamente.¹

Os propósitos de comunicação por meio de tal rede são muito diversificados: realização de negócios, intercâmbio de informações e experiências, aprendizagem compartilhada, desenvolvimento de pesquisas e projetos, namoros, jogos, conversas, pedidos de ajuda, vivência de novos arranjos de laços sociais, em pequenos grupos ou comunidades virtuais, interação com movimentos políticos, etc. Também a utilizam para baixar clipes e músicas, ou somente vê-los e escutá-los. Qualquer pessoa pode frequentar o ambiente virtual, ser membro da rede, mas precisa saber lidar com a linguagem de cada tipo de atividade. Os hipertextos são a base da linguagem digital.

Os hipertextos se compõem de sequências em camadas de documentos articulados, que funcionam como páginas não numeradas e que trazem informações diversas sobre um dado assunto, as quais podem ser exploradas, aprofundadas ou não, de modo mais minucioso pelos sujeitos que delas fazem uso, a depender do seu interesse. (KENSKI, 2007). Alguns limitam sua “navegação” nas páginas a uma leitura rápida sobre o tema, informando-se superficialmente sobre o mesmo. Tendo maior motivação, a pesquisa pode se prolongar

¹ Dados relativos ao primeiro trimestre de 2008, do *Global Internet Trend* - GNeT, indicam que 41.565 milhões de pessoas com 16 anos ou mais declaram ter acesso à Internet em ambientes diversos (casa, trabalho, escola, cybercafés, bibliotecas e outros locais). (Disponível em: <http://portalimprensa.com.br/portal/ultimas_noticias/2008/07/24/imprensa21157.shtml> Acesso em: 01 jun. 2009). Segundo Cesaltina (2007), os estudantes são os maiores usuários da rede. Isto se deve aos governos estarem investindo na montagem de laboratórios de informática.

clicando-se nas páginas e coletando mais informações sobre o assunto, até darem-se por satisfeitos na sua investigação, o que pode demorar horas, dias ou anos.

O hipertexto é uma evolução do texto tradicional, linear. A introdução de fotos, vídeos, sons, desenhos e textos, nele, o converte em um documento multimídia ou uma *hipermídia*. Tanto os hipertextos quanto as hipermídias redimensionam os modos como se faz o acesso e a leitura das informações. A interação dele com o usuário é estimulada pela sua facilidade de navegação e manipulação. Sua estrutura possibilita que o usuário faça saltos na leitura dos diversos tipos de dados acessados e encontre em algum local a informação procurada. Com a hipermídia, as informações acessadas nos formatos diferenciados, acima citados, revolucionam as práticas culturais da sociedade da informação. (KENSKI, 2007; MAGDALENA; COSTA, 2003).

3.2 Mudanças comportamentais e organizacionais na sociedade informacional

Para Kenski (2007), hipertextos e os recursos da hipermídia não são simples suportes tecnológicos, mas suas linguagens se comunicam com as capacidades perceptivas, cognitivas, intuitivas, emocionais e comunicativas dos sujeitos. Para cada uma das modalidades do signo, texto alfabético, música ou imagem, a cibercultura faz brotar uma nova maneira de agir, segundo Pierre Lévy (2005). Kenski explicita essa condição:

A linguagem digital, expressa em múltiplas TICs, impõe mudanças radicais nas formas de acesso à informação, à cultura e ao entretenimento. O poder da linguagem digital, baseado no acesso a computadores e todos os seus periféricos, à Internet, aos jogos eletrônicos etc., com todas as possibilidades de convergência e sinergia entre as mais variadas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e uma outra realidade informacional. (KENSKI, 2007, p. 33).

Conforme Marques (2006), as redes interativas de comunicação na sociedade atual encerram novas características técnicas, organizativas e culturais, abrindo caminhos para uma era da informação multilateral, onipresente, flexível e descentralizada. A cultura da imagem, do som e do espetáculo, propiciada pelo cinema, a radiofonia e a telefonia, vivencia uma nova fase, alcança um novo patamar tecnológico, pela formação de redes interativas de hipertextos, com uma metalinguagem de modalidades oral, escrita e audiovisual.

De acordo com Kenski (2007), os jogos interativos pelo computador, as conversas em bate-papos, em fóruns e por *e-mail* viabilizam novos modos de interação que, além de estabelecerem novas formas de comunicação e relação social, mobilizam novas habilidades, valores, percepções, conhecimentos e sentimentos nos sujeitos, que os capacitam a melhores respostas às solicitações feitas em tais recursos, melhor desempenho nas atividades nesses espaços e para além deles.

A Internet revoluciona a vida dos sujeitos por possibilitar uma comunicação síncrona, discussões *on-line* e participação em videoconferências, à velocidade da luz, o que anula as distâncias, possibilitando a percepção do ciberespaço como uma verdadeira aldeia global. (GASPARETTI, 2001; KENSKI, 2007). Segundo Kenski (2007), os contatos nas redes e comunidades virtuais articulam pessoas, organizações e inúmeras redes-locais fechadas (Intranet), públicas ou abertas, como é o caso da Internet.

Kenski (2007) frisa que as novas tecnologias e o ingresso no ciberespaço, ao impulsionar mudanças nos modos de pensar e agir, e nas relações dos sujeitos e de todo o grupo social, promovem alterações no campo laboral, nas qualificações profissionais e na forma como as pessoas trabalham, informam-se e interagem entre si e com o mundo todo. Para esta autora, o espaço virtual interfere no comportamento de pessoas e organizações, que se esforçam para adaptar-se à flexibilidade e velocidade de seus movimentos e mudanças. Mesmo com este esforço, os sujeitos não conseguem viver conforme as características dos espaços de fluxo, pois seu mundo físico é outro, seu espaço de atividades cotidianas é localizado.

De acordo com Kenski (2007), a evolução rápida das TICs (telefones celulares, *softwares*, vídeos, computador multimídia, Internet, televisão interativa, videogames etc.) e a velocidade no mundo informacional, impulsionada por seu uso, requerem dos sujeitos a difícil tarefa de identificar e desenvolver competências suficientes para o domínio das tecnologias e de seus processos e a capacidade de transformar a realidade com elas. Os internautas precisam, com isso, manterem-se sempre abertos às inovações.

Lévy (2005) evidencia que a dinamicidade intensa das transformações tecnológicas induz a uma sensação de impacto, de estranhamento dos sujeitos quando tentam dominar o movimento de desenvolvimento das técnicas. Não é possível a aquisição de novas habilidades e competências de modo a acompanhar em ritmo harmônico tais transformações

aceleradas, o que também favorece a percepção de muitos sobre estes avanços como algo ameaçador.

Para Lévy (2005), somente viajando no ciberespaço, descobrindo-o e explorando-o com paciência, arriscando-se a se perder e perdendo-se, por vezes, é que os internautas podem encontrar, seja seguindo uma rota ou desviando-se dela, os *sites* mais convergentes a seus interesses, capazes de enriquecer e instigar sua jornada pessoal. Como explana o autor:

[...] Essa midiateca é povoada, mundial e aumenta constantemente. Ela contém o equivalente a livros, discos, programas de rádios, revistas, jornais, folhetos, *curriculum vitae*, videogames, espaços de discussão de encontros, mercados, tudo isso interligado, vivo, fluido. Longe de se uniformizar, a Internet abriga a cada ano mais línguas, culturas e variedade. Cabe apenas a nós continuar a alimentar essa diversidade e exercer nossa curiosidade para não deixar dormir, enterradas no fundo do oceano informacional, as pérolas de saber e de prazer – diferentes para cada um de nós – que esse oceano contém. (LÉVY, 2005, p. 91-92).

As condições dessa viagem no espaço digital pelos sujeitos realizam-se de modos diferenciados, por decisiva influência de fatores de ordem social e econômica, revelados no tópico subsequente.

3.3 Desigualdade no domínio tecnológico e exclusão digital

Castells (1999) esclarece que a arquitetura aberta da rede, permitindo uma comunicação horizontal global, pelo acesso público amplo e livre de restrições tecnológicas, governamentais ou comerciais para todo sempre, não determina, no entanto, uma igualdade social no domínio tecnológico. Como revelam também análises de pesquisas atuais, 79% dos domicílios brasileiros, aproximadamente, não têm acesso à internet via computador e houve um aumento de 3h de acesso à rede, em casa, do quarto trimestre de 2008 a março de 2009.²

² O Brasil tem 67 milhões e 500 mil usuários da rede mundial de computadores, o que equivale a 35,2% da população brasileira. Ocupa o primeiro lugar em número de internautas em comparação aos demais países da América Latina, encontrando-se em sétima colocação, incluindo-se neste *ranking* os demais países do mundo. Os internautas brasileiros, dentre todos os das demais nações, são os que mais despendem tempo em casa acessando a rede, 23 horas e 12 minutos, por mês. (Estes dados correspondem a pesquisas realizadas em março de 2008, retiradas do site www.internetworldstates.com). Conforme o Comitê gestor da Internet no Brasil, o número de internautas brasileiros domiciliares ativos que navegaram na Internet através de computadores no domicílio, em março de 2009, foi de 25,4 milhões. Seu tempo médio despendido navegando na rede durante estes 31 dias foi de 26 horas e 15 minutos. De acordo com pesquisas realizadas no quarto trimestre de 2008, 21% dos lares brasileiros têm acesso à Internet via computador doméstico. Importante frisar que o acesso à Internet não se dá somente a partir do computador, outras possíveis fontes com o avanço tecnológico são os telefones celulares, TV e PDAs (Disponível em: <Netview Ibope / Netratings e GNETT Ibope / Netratings-<http://www.Cetic.br/usuarios/ibope.index.htm>> Acesso em: 22 fev. 2009)

Braga (2007) salienta que a Internet, ao estar acessível a moradores de regiões menos favorecidas financeiramente, permite, em tese, aos mesmos contatarem diferentes grupos, ultrapassando barreiras sociais e geográficas que os excluam da participação social. Julga positiva no aspecto da socialidade essa condição: “Fora do ambiente virtual, esses grupos talvez não se formassem, em função dos diferentes tipos de normas e valores que justificam e mantêm a segregação entre grupos sociais na sociedade mais ampla” (BRAGA, 2007, p. 187). Cesaltina (2007) endossa tal autora.

De acordo com Cesaltina (2007), devido ao baixo poder aquisitivo da população, em geral, para a aquisição de um computador, e fatores mercadológicos que impossibilitam a implantação de portais de acesso em regiões menos desenvolvidas do país, a Internet ainda não é acessada por muitos excluídos digitais. Kenski esclarece que a desigualdade de condições de acesso e domínio das capacidades básicas de utilização das TICs entre abastados financeira e culturalmente e menos favorecidos em tais aspectos pode promover um enorme fosso cultural na sociedade. A autora parece apontar que a impossibilidade de democratização do acesso às TICs e à Internet e a ineficiência de alguns, sobretudo os mais pobres, em sua navegação, favorecem a exclusão digital.

O Ministério da Educação e Cultura reitera esse posicionamento justificando a sua importância:

A interação e a cooperação resultantes das novas tecnologias de informação e comunicação devem contribuir igualmente para o aperfeiçoamento das formas de convívio social. E, para tanto, é necessário, é imperativo, que se assegure o acesso a elas a um número crescente de indivíduos e grupos sociais, na perspectiva da igualdade. Afastam-se, com isso, os temores de uma sociedade tecnológica a serviço da exploração e alienação do homem, na qual o monopólio das tecnologias cumpre estratégias de controle político, social, econômico e cultural. (BRASIL: MEC, SEMTEC, 1999, p. 37).

Kenski (2007) explica que ainda que as novas tecnologias eletrônicas de informação e da comunicação não sejam utilizadas por todos, por não serem acessíveis devido a seus altos custos e requererem conhecimentos específicos para sua utilização, o que muitos não têm, dá-se cada vez mais uma expansão do seu acesso e do seu uso por diversas pessoas, instituições e espaços sociais. Mesmo com a existência de milhões de pessoas desconectadas à Internet em suas casas, a interconexão não deixa de ser também para estas o princípio que rege a sociedade nos dias atuais.

Castells (1999) avalia que, embora as tecnologias, sobretudo as estrategicamente decisivas na sociedade, não determinem a evolução histórica e a transformação social, seu uso potencializa o desenvolvimento científico e tecnológico e a capacidade de transformação da realidade, pelas mudanças que engendra na vida humana. Nisto assenta-se a importância de seu domínio pelos sujeitos históricos, dando-se isso nos dias atuais, na cultura da virtualidade ou cultura digital. Tal cultura será percorrida a seguir, bem como a pluralidade de formas de socialização associadas a ela.

3.4 Cultura da virtualidade e condições de socialização na sociedade em rede

Para Castells (1999), a integração crescente entre mentes e máquinas, na sociedade em rede, altera decisivamente todo o ciclo de vida, bem como os modos de existência dos sujeitos, ou seja, suas formas de nascer, aprender, trabalhar, produzir, consumir, sonhar, lutar, em suma viver.

Castells (1999) explica que o surgimento de novos dispositivos microeletrônicos, importantes avanços das telecomunicações e a integração dos computadores em rede, nos anos 70, ao intensificar o processo globalizatório e embasar uma reestruturação socioeconômica, na década de 80, no âmbito do sistema capitalista, promoveram mudanças contundentes na cultura e nas interações sociais e organizacionais, nos anos 90. O crescimento exponencial de redes interativas de computadores, ao criar novas formas e canais de comunicação, molda a vida dos sujeitos como também é moldado por ela. (MAGDALENA; COSTA, 2003).

A Internet, com base no que explana Castells (1999), ao possibilitar o encontro de pessoas de diversas origens, a inclusão e abrangência de expressões culturais, das mais populares às mais eruditas, remetidas ao passado, ao presente e ao futuro de forma mesclada, suspende, de certa forma, a noção de contextualização histórica. Lazer, informação, educação integrados constroem também um novo ambiente simbólico, tornando a dimensão virtual aspecto importante da própria realidade, na cultura da virtualidade.

Para Marques (2006, p.104), o processo dinâmico de virtualização de todo o real, dá-se em virtude da informação gerada e armazenada reprocessar-se a todo instante, transformando as dimensões fundantes da vida humana, que consistem no tempo e no espaço.

“O tempo virtual/real se gestiona, não de maneira linear e cronológica, mas como fator diferencial no confronto com outras temporalidades [...] Nessa simultaneidade e imediação temporal rompe-se a rítmica da vida humana associada aos tempos cíclicos.”

Castells (1999) revela que a nova morfologia social em redes, em torno da qual giram as funções e os processos dominantes na era da informação, modifica substancialmente a realização e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura, com base em uma organização social tendenciosa à suplantação do espaço e invalidação do tempo. Este autor explica:

[...] o novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxo que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O *espaço de fluxos e o tempo intemporal* são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade. (CASTELLS, 1999, p. 397-398).

Para Dowbor (2005), essas mudanças decisivas nas cronologias, por influência da sociedade em rede, comentadas acima por Castells, rompem com a visão social de linearidade e sequência rígida das ações empreendidas em cada etapa de desenvolvimento humano, ou seja, suspende a noção de um homem que primeiro estuda, brinca, depois trabalha e se aposenta. (CASTELLS, 1999; DOWBOR, 2005).

Castells (1999) explica que na sociedade em rede não há a indução à realidade virtual, mas a construção da virtualidade. Segundo ele, a realidade tal como vivida sempre pode ser considerada virtual na medida em que configura práticas, a partir de símbolos que não se circunscrevem rigorosamente em uma definição semântica. Deste modo, a diversidade de interpretações possíveis, com base no caráter polissêmico dos discursos, torna as expressões culturais desvinculadas do raciocínio formal, lógico e matemático.³ Como evidencia Marques (2006, p.120):

³ É um erro, segundo Lévy (2005), atribuir ao termo virtual o sentido de irrealidade. Tal palavra envolve, em seu sentido filosófico, algo que existe apenas como potência, ainda não concretizada efetivamente, não formalizada. O virtual é uma dimensão, entretanto, importante da realidade, que existe sem se presentificar. Sobre este ponto esclarece o autor: “É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela própria presa a um lugar ou um tempo em particular.” (LÉVY, 2005, p. 47). O virtual não “substitui” o “real”, mas pluraliza as oportunidades de sua atualização, conforme este autor.

No ciberespaço constroem-se universos virtuais, línguas e saberes mutantes habitam-no imaginantes coletivos em permanente reconfiguração dinâmica, mundos vivos continuamente engendrados pelos processos e interações que nela se desenrolam ao brotarem dentro dele como espaços antropológicos, plenos de existência, reestruturantes e irreversíveis.

Sob certo *prima*, a opacidade de sentido, pela pluralidade de significados das informações em fluxo na rede e impossibilidade de instauração de um sentido único, de um fechamento semântico ou totalização no ciberespaço, faz do ciberespaço uma espécie de labirinto, estando, portanto, os sujeitos mergulhados em uma dimensão caótica, mas não perniciosamente necessariamente, conforme Lévy (2005).

Discorrendo sobre esta condição cultural da atualidade, Felinto (2005) revela que a superabundância e intercâmbio informacional corroboram para a construção de muitas ficções acerca das relações com aparelhos como televisores e computadores de repercussão na vida humana, neste contexto sócio-histórico. A novela de ficção científica de William Gibson, *Neuromancer* (1984), aborda o ciberespaço como um universo sombreado ou paradisíaco, regulado por leis próprias. Em tal romance, os vínculos com os aparatos tecnológicos estabelecem-se muito mais de modo imaginativo que racional, dificultando a percepção do mundo em sua dimensão mais concreta, identificada por Santos (2001, p. 39) com o mundo real:

O ‘mundo real’, portanto, é considerado o que é unanimamente conhecido como o espaço onde a pessoa experiencia a vida, vive, enfim, concretamente e se relaciona; isso inclui também a dimensão de estar vivendo em um tempo e espaço definidos. O mundo real, portanto, é tradicionalmente reconhecido como o espaço que oferece uma autêntica experiência da realidade.

Na visão de Lévy (2005), a cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras. Felinto (2005) parece analisar essa linha de pensamento ao afirmar que o “gnosticismo tecnológico” é o novo mito da cultura do virtual, que amplia um imaginário da desmaterialização do próprio corpo, da superação da finitude humana e das limitações existenciais, a partir da idolatria às novas tecnologias, com a exortação das potencialidades de utilização do computador e da Internet nessa direção. Essa idealização associa-se ao império do imaginário tecnológico na cibercultura.

Para Nicolaci-da-Costa (1998), o ciberespaço é um espaço onde as máquinas têm soberania. Nele o homem não tem vida independente delas. Uma antropomorfização do computador acessado à rede se estabelece, dada a sua prioridade como meio de comunicação,

nos dias atuais. Para alguns, o computador conectado à rede torna-se uma extensão do próprio corpo. Sobre isto declara:

Mas os computadores de nossos dias não são simples arquivos de dados ou instrumentos para resolução rápida e eficaz de diferentes tipos de problemas. Os computadores dos dias de hoje, se não têm a capacidade de sentir, têm, ao menos, a capacidade também muito humana de gerar uma ampla gama de sentimentos em seus usuários: sentimentos negativos – como os de raiva, desespero e impotência perante a máquina –, e sentimentos positivos – como os de confiança, cumplicidade e companheirismo em relação à máquina. O fato é que não são poucos os relatos de seres humanos que admitem ter estabelecido uma relação de amizade e até mesmo de amor com seus computadores. (NICOLACI-DA-COSTA, 1998, p. 58).

Conforme Felinto (2005), a vasta gama de objetos técnicos como: telefones, televisores, câmeras digitais, computadores, têm presença tão corriqueira e marcante no cotidiano na atualidade que, em determinados momentos, são concebidos como seres vivos com inteligência e vontade própria.

Tal posicionamento lança luz ao que proclama criticamente Rüdiger (2002) acerca da cultura tecnológica. Rüdiger (2002) afirma que o predomínio dos meios sobre os fins, das técnicas sobre os valores, distancia os homens, cada vez mais, uns dos outros e diminui o contato direto com as esferas da vida, decompondo-se a cultura, em corolário, pelo crescente cuidado técnico, impulsionado desde a modernidade. Como revela Nelson Ernesto Coelho Júnior (2007, p.492):

[...] Acrescentaria, que o primado absoluto da técnica, dentro da atmosfera de um mundo marcado por um pragmatismo selvagem, em que os resultados são buscados a qualquer preço deixa de lado, inevitavelmente, a possibilidade de uma reflexão mais efetiva sobre as metas de toda e qualquer ação humana.⁴

De acordo com Rüdiger (2002), a decomposição da cultura, em nossa era, envolve a coesão das diversas esferas da vida mediante a circulação monetária e o esvaziamento dos sujeitos, que não extraem do conteúdo objetivo das coisas e ideias os meios para sustentar o refinamento de sua subjetividade, a qual, deste modo, se constitui enquanto suporte de uma cultura de massa, fragmentada e superficial.

⁴ Nelson Ernesto Coelho Júnior (2007) afirma que uma má compreensão do que seja técnica subjaz um mau direcionamento da formação humana, na medida em que esta sendo entendida como mera aplicação de saber impede a sua compreensão, enraizada em processos reflexivos, como instrumento que merece questionamento em seus usos e abusos, como sugere o entendimento heideggeriano do termo, em “A questão da Técnica” (1954). Segundo Nelson Ernesto Coelho Júnior (2007), retomando Heidegger (1954), o primado da técnica é desastroso por aprisionar os sujeitos no mundo do fazer, da atividade, rechaçando, desta forma, a possibilidade de se agir e colocar-se, simultaneamente, em repouso, à espera do surgimento de algo. A técnica, sendo vista apenas como um meio, não é percebida como uma forma de desvelamento, descobrimento, tal como preconizada na perspectiva heideggeriana.

Confluindo com a visão crítica da sociedade tecnológica, de Rüdiger, Mancebo (2003) evidencia que a volatilidade e efemeridade de produtos, ideias, valores, ideologias, relações e práticas sociais fluidas, e a forte tendência à exaltação do momento presente e desconsideração do passado e da história, consistem em marcas da sociedade informacional contemporânea. Parece, portanto, convergir ao que expressa o autor supracitado, o qual revela que:

A civilização moderna promove um estilo de vida em que os progressos materiais, o crescimento do bem-estar, as melhorias da saúde e o refinamento do indivíduo não levam ao seu cultivo, na medida em que os referidos aspectos são vividos mecanicamente. (RÜDIGER, 2002, p.161).

De acordo com Rüdiger (2002), os frequentadores do ciberespaço e usuários das técnicas recém-inventadas desconsideram que o simples acesso a meios técnicos não possibilita um crescimento pessoal; o mero ingresso na realidade virtual não é capaz de mudar os dramas enfrentados na vida real. Castells (1999), no entanto, opina que o novo sistema de comunicação, por integrar por meio de uma língua digital comum a produção e distribuição de palavras, imagens e sons da cultura da sociedade em rede, de modo personalizado, conforme os gostos identitários e humores dos sujeitos, amplia as possibilidades destes se expressarem e se reconhecerem.

Para Marques (2006), a cibercultura, a cultura do espaço digital, proporciona aos sujeitos falarem por si próprios publicamente, expandindo seu poder pela ultrapassagem de barreiras erguidas por controles externos. Oportunidades de singularizações e ressingularizações, participação mais democrática e renegociação das regras de convívio social são criadas com as comunidades virtuais, montadas em redes, construídas a partir de interesses e formas de produção de significados compartilhados em multidiálogos.

As lógicas de integração e democracia são, dentre outras lógicas contraditórias, atributos da contemporaneidade, segundo Nicolaci-da-Costa (1998). Lévy (2005), tendo uma visão ainda mais otimista da cibercultura, acredita que o ciberespaço propicia o desenvolvimento e aplicação de uma inteligência coletiva de grande contribuição para o aperfeiçoamento pessoal de cada um e melhoria dos processos das atividades sociais e socialização humana, de forma criativa, na sociedade em rede.

A inteligência coletiva identifica-se a um movimento de confluência de modo sinérgico das competências dos sujeitos, seus recursos e projetos, à adoção de

comportamentos cooperativos, flexíveis e transversais, à descentralização coordenada dos núcleos de decisão. Dando-se a partir dos sistemas de aprendizagem cooperativa em rede, com base em formas interativas solidárias nas relações no ciberespaço, ela tem o poder de mitigar efeitos de exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecno-social. Tal inteligência envolve, portanto, o esforço humano na oposição a poderes totalitários, à inflexibilidade institucional, à letargia das mentalidades e culturas, a partir dos usos sociais das novas tecnologias. (LÉVY, 2005).

Felinto (2005) denuncia, porém, a falácia em que consiste a fantasia do ciberespaço como uma nova cidade celestial, uma Jerusalém celeste cibernética do pensamento gnóstico, tal como também parece expressar o pensamento subsequente de Lévy (2005, p. 146):

Esse metamundo virtual ou ciberespaço irá tornar-se o principal laço de comunicação, de transações econômicas, de aprendizagem e de diversão das sociedades humanas. Também é lá que experimentaremos a beleza que repousa na memória das antigas culturas, assim como aquela que nascerá das formas próprias da cibercultura.

Felinto (2005) postula que a criação de fantasias de expansão da consciência, ao que parece associar-se o conceito de inteligência coletiva de Lévy (2005), propagando-se nas redes, torna o ciberespaço um jardim de maravilhas virtuais, no qual a consciência flui sem entraves. Isto demanda, em sua concepção, análises críticas das novas tecnologias, por campos sociológicos e culturais do saber.

Realizando um estudo sobre os desdobramentos das interações sociais no ciberespaço e suas repercussões na vida dos sujeitos, Santos (2005) apresenta opiniões diversificadas sobre o assunto. Alguns mais otimistas acreditam que elas teriam o poder de otimizar a comunicação entre as pessoas e, deste modo, pôr fim ou atenuar as relações estratificadas estabelecidas na interação face a face, sendo, com isso, um meio de resolução de problemas de ordem moral, política e social.

Em contraponto, para Sennet (1992 apud SANTOS, 2005), as interações mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação não incrementam a esfera pública, não promovem a construção de tal esfera virtualmente. O ciberespaço forma novas comunidades, porém nesse novo espaço existiria predominantemente mais um mosaico de diferentes tipos destas, voltadas mais a ignorar a existência das outras que a compartilhar experiências e

configurar uma ágora virtual. Deste modo, relações estigmatizantes seriam geradas a partir da rejeição da alteridade no ciberespaço, engendrando mais a exclusão que a inclusão social.

Conforme Santos (2005), as comunidades virtuais se formam, no contexto atual, para um convívio com o semelhante, considerando categorias como idade, sexo, raça, religião, dispondo-se, assim, a excluir as diferenças, impedir naquelas a violação por “intrusos”, não garantindo o desenvolvimento de relações justas, éticas ou simétricas. Este autor reitera Castells (1999, p. 504- 505) o qual afirma que:

A construção social das novas formas dominantes de espaço e tempo desenvolve uma metarrede que ignora as funções não essenciais, os grupos sociais subordinados e os territórios desvalorizados. Com isso, gera-se uma distância social infinita entre essa metarrede e a maioria das pessoas, atividades e locais do mundo.

Lévy (2005) postula que o desenvolvimento do ciberespaço, embora não tenha um poder miraculoso de mudar a vida das pessoas e resolver os problemas econômicos e sociais que as afligem, abre, entretanto, novos planos de existência, nos modos plurais de relações. Em contraposição a Rüdiger (2002) e convergindo a Lévy (2005), Novaes (2002) afirma que a complexidade dos acontecimentos, os constantes reordenamentos institucionais e novas alianças, e a interface entre diversos saberes permeiam a convivência em novos espaços e tempos sócio-educativos do homem moderno. As interações em rede, constituindo novas condições sociabilizadoras, propiciam um desenvolvimento pessoal e melhor qualidade de vida.

Com relação a esses novos espaços e tempos sócio-educativos, Castells (1999) explica que o desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação promove de modo crescente uma dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, entretenimento, serviços públicos, educação, etc. As escolas não desaparecerão, bem como locais de trabalho, hospitais, shoppings, porém a “centralidade na casa” é uma tendência marcante da nova sociedade, já que do interior desta podem os sujeitos interagir por meio das redes, pela flexibilidade do tempo e do espaço e dos sistemas de trabalho que lhes é propiciada. Como expressa Novaes (2002, p. 91):

Numa sociedade marcada pela flutuação e precariedade dos sistemas socioeconômico ou educativo, pela incerteza e constantes crises, fica claro que a criação de alternativas de espaço e tempos pode fortalecer a interação humana e trazer perspectivas promissoras de maior auto-realização e de bem-estar social.

Lion (1995) explana que cada sociedade cria, recria, pensa, repensa e age sobre o mundo através da tecnologia e de outros sistemas simbólicos. O uso que se faz da tecnologia

não é neutro e obedece a jogos de poder e às leis de mercado próprias da sociedade na qual está inserida. Nas escolas, a apropriação das produções tecnológicas se dá, conforme pontos de vista ético, político-ideológico, pedagógico e didático determinados, os quais precisam, neste contexto atual, serem atentados.

Cada vez mais, torna-se importante saber como os novos objetos de interação serão usados, para que servem e o que se pretende com eles, em razão de possibilitarem novos sistemas de significação e construção de ideias, competências e relações (MAGDALENA; COSTA, 2003). Tal quadro, conforme Kenski (2007), lança novas questões e desafios às escolas no que se refere à formação humana. Sobre isto reflete:

Na era da informação, comportamentos, práticas, informações e saberes se alteram com extrema velocidade. Um saber ampliado e mutante caracteriza o estágio do conhecimento na atualidade. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. (KENSKI, 2007, p. 41).

Este próximo tópico abordará as novas concepções e condições de ensino-aprendizagem configuradas com a introdução das novas tecnologias, sobretudo da Internet, com suas ferramentas e recursos, nos currículos e práticas escolares.

3.5 Sociabilização dos jovens, no contexto de ensino-aprendizagem, com a utilização da rede

Liguori (1995) e Lion (1995) afirmam que o progresso e a evolução da humanidade dependem do desenvolvimento e ampla utilização da tecnologia para a racionalidade instrumental. Um pensamento fundamentado em tal racionalidade no meio escolar se dá com o discurso da inovação tecnológica como fator determinante para a melhoria do ensino, desconsiderando que a incorporação das novas tecnologias às estruturas sociais não as transforma por si mesmas.

Segundo Kenski (2007), na escola deste século XXI, os usos das tecnologias digitais da informação e da comunicação de modo conjugado estão, no entanto, induzindo mais a aproximação de alunos e professores, facilitando o processo de busca, seleção e análise de informações, a descoberta de respostas às dúvidas e questões coletivas, a resolução de problemas, uma melhor compreensão das ideias e de diversas perspectivas de conhecimento e

formas de aprendizagem, por meio da interação com múltiplos sujeitos e múltiplas realidades sociais.

Conforme Kenski (2007), as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), em especial a televisão e o computador, deram origem a novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo trabalhado. Estas condições engendram novos processos de sociabilização, na atualidade. De acordo com Lévy (2005), nos espaços de conhecimento da sociedade em rede emergentes, abertos, contínuos, não lineares, os objetivos e os contextos se reorganizam, ocupando cada sujeito uma posição singular e evolutiva.

Kenski (2007) frisa a importância da história de vida e dos conhecimentos prévios dos estudantes, na educação, e sua maior participação em sala. Complementa que o bom uso das novas tecnologias pelos alunos depende da superação do ensino tradicional, estabelecido unicamente pela utilização da lousa, do giz, do livro e da voz do professor. Como explica Marques (2006, p.172):

Na sociedade da informação, as novas articulações das linguagens da oralidade, da escrita e do ciberespaço exigem educação outra, uma outra escola e, basicamente, uma sala de aula reconstituída. Na cibercultura recompõe-se e se rearticulam as linguagens todas que nos fazem homens entre homens, fazem a sociedade, as culturas e as identidades de cada sujeito com respectivos mundos. Como a escola, a sala de aula está vitalmente inserida nessa sociedade da informação [...]

Conforme Marques (2006) e Kenski (2007), na educação da sociedade em rede aumenta a importância de discursos livres dos alunos, referentes a assuntos do seu cotidiano, de sua comunidade, de sua vida. Suas opiniões, seus sentimentos, emoções, temores, esperanças, desejos e expectativas, tornam-se matérias-primas para o fazer educacional. Isto também tem sido concebido pelos professores entrevistados.

Para Kenski (2007), os processos de aprendizagem com as novas tecnologias possibilitam aos jovens o discernimento da escolha de conteúdos que mais lhes instigam a estudar, saber administrar seus tempos de estudo, e participar de atividades educativas de forma mais ativa, em horas e lugares inespecíficos, com maior autonomia. Como revela esta autora:

As tecnologias ampliam as possibilidades de ensino para além do curto e delimitado espaço de presença física de professores e alunos na mesma sala de aula. A possibilidade de interação entre professores, alunos, objetos e informações que

estejam envolvidos no processo de ensino redefine toda a dinâmica da aula e cria novos vínculos entre os participantes. (KENSKI, 2007, p. 88).

As formas de utilização de uma dada tecnologia, em sala de aula, podem redundar em modificações significativas no processo educacional e na comunicação entre professores e alunos, a partir das mudanças que seu emprego induz nos modos de organizar o ensino. Para Dowbor (2005), mudanças de tempo, espaço, hierarquias e divisões de disciplinas, na realidade escolar, estão em processo e se darão cada vez mais na sociedade em rede.

Kenski (2007) avalia que as aulas com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação da sociedade informacional deixam de ser seriadas, finitas no tempo, definidas no espaço restrito das salas de aula, ligadas a uma única disciplina e graduadas em níveis hierárquicos e lineares de aprofundamento dos conhecimentos em áreas específicas do saber, propiciando articulações entre temas e assuntos de disciplinas afins.

Gasparetti (2001) ratifica Kenski (2007) informando que a condição e a dinâmica de aula muda como uso da Internet. Os docentes conectados em rede já podem dar aulas mesmo não estando em seu local de trabalho, o mesmo ocorre com os alunos que podem estar em “aula” sem encontrarem-se em suas escolas. A comunicação digital está cada vez mais associada a experiências inovadoras de ensino a distância, como acredita o autor e comentam os professores, os quais, no entanto, as consideram, tal como ocorre em suas experiências, mais orientações que aulas propriamente ditas.

Dowbor (2005) explica este posicionamento docente evidenciando que o fato dos professores estarem disponíveis para consulta na Internet, pelos seus alunos, e de lhes disponibilizar frequentemente materiais científicos, por meio dela, instiga nos jovens o hábito de procurá-los mais, na rede, para contatos, o que induz nos adolescentes uma mudança de comportamento, confirmada no discurso dos entrevistados.

Tal questão será melhor analisada nos próximos capítulos, mas, com base nestas informações, é importante esclarecer, desde já, que a educação com o auxílio da Internet, engendrada pelas escolas de ensino formal em que lecionam os professores da amostra desta pesquisa, dá-se a partir de aulas presenciais, nas salas de aulas de laboratório de informática, com aulas ainda seriadas e mais relacionadas às áreas específicas do saber. Aluno e professor encontram-se próximos fisicamente, orientando o docente as ações pedagógicas dos alunos em rede, com o auxílio de um instrutor de informática. O tempo e a localização da aula são

delimitados, não correspondendo tal experiência a um ensino a distância, como concebe Kenski (2007).

A experiência docente na formação dos jovens, na atualidade, está alterada, contudo, já que, conforme os professores, no ciberespaço orientações estão sendo dadas aos alunos sem horários, períodos e dias específicos, bem definidos, sem hierarquias muito rígidas, nem enquadramento em uma disciplina; estando, em geral, todos em suas casas, ou seja, sendo a interação deliberada, de ambas as partes. Com isso, novos arranjos e desdobramentos de aula na Internet, ao longo da semana, novas formas de relacionamentos e sociabilização dos discentes vêm se configurando, atendendo, mesmo que sob prisma determinado, às expectativas de teóricos que defendem novos modelos de aulas com as novas tecnologias (KENSKI, 2007; MAGDALENA, COSTA, 2003; DOWBOR, 2005).

Essas orientações, embora não se adequando a um modelo de aula de ensino a distância, têm, todavia, características similares a ele. Nesse novo modelo de educação com o uso das novas tecnologias, com base no que explicita Kenski (2007), há similaridade com a educação à distância por se estabelecer a partir de orientações interdisciplinares, ou seja, interconectando saberes; isto em dias, horários e períodos não fixos, estando discentes e docentes distanciados fisicamente. Este novo modelo difere, porém, de tal modalidade de ensino, por seu estilo de condução e seu conteúdo não serem formais, programados, organizados e serem bem mais fluidos e livres de regras e contratos.

Para Magdalena e Costa (2003), o desenvolvimento de atividades para além dos muros escolares e desfocado do material didático sistematizado, possibilita a superação de um conhecimento pronto e findado e a aproximação dos sujeitos à realidade em devir. Tais inovações educacionais têm repercutido nas condições de aprendizagem e sociabilização dos alunos, estabelecidas na dinâmica de sala de aula e para além dela, de acordo com o discurso dos informantes, com base em sua experiência em sala, influenciada, por sua vez, pelo que vivenciam também na rede com os jovens, após o término da aula.⁵

Segundo Marques (2006), a atmosfera emocional criada no ambiente de sala de aula e o grau de integração conquistado pelos sujeitos nos grupos e na unidade escolar, possibilitado por este clima, são fatores cruciais para o desenvolvimento da aprendizagem. A

⁵ Mister informar que estas inovações não necessariamente processam-se facilitando a construção de conhecimentos favoráveis à formação e à sociabilização dos alunos e engendrando um maior contato com a realidade social, propriamente dita. Isto será melhor detalhado no capítulo a seguir.

partir destas condições, grupos e subgrupos organizam-se e desarranjam-se, correlacionam-se de forma diversa e interdependente. Para este autor, a associação do mundo físico-material com o mundo social da cultura, o mundo dos sujeitos singularizados e o mundo das intersubjetividades integradas, das aprendizagens individuais e sociais coletivas, se dá com harmonia e sinergia na sala de aula. Daí a importância dos modos de interação e do que se produz em tal espaço.⁶

Conforme Marques (2006), o uso das novas tecnologias quando feito por professores e alunos com a clareza com relação ao que pretendem buscar e dos meios disponíveis para isto, com o discernimento dos objetivos de aprendizagem a serem alcançados por todos e dos encaminhamentos a serem dados aos resultados de suas descobertas, favorece uma boa formação humana. Isto ocorre, sobretudo, quando tais condições são acertadas solidária e processualmente na concidadania das competências comunicativas, condição fundamental na sociedade em rede.

De acordo com os entrevistados, o correio eletrônico, que possibilita a professores, alunos, pais, e ao público, de modo geral, serem remetentes e destinatários de mensagens eletrônicas, de modo imediato ou em um curto espaço de tempo, tem sido a ferramenta da Internet mais utilizada e, portanto, o recurso pelo qual se estabelece a maior parte das interações em rede, dentro e fora da escola. (ARAÚJO; RIBEIRO, 2007).

Conforme os professores entrevistados e explicações de Libedinski (1995), na escola o correio eletrônico é utilizado para a: comunicação entre docentes, alunos, especialistas, até mesmo fora de aula, visando à abordagem e/ou ampliação de conteúdos relacionados com o currículo; para o reconhecimento de estilos e formatos de linguagem escrita e para processos de elaboração, revisão e reescrita de textos.

O desenvolvimento de atividades em trabalhos grupais, a organização de uma metodologia intelectual de trabalho, com a busca, seleção e comunicação de informações relacionadas aos saberes curriculares e o ensino de idiomas são ações possíveis de serem realizadas com o correio eletrônico. O intercâmbio cultural, o reconhecimento das diferenças e semelhanças socioculturais são, por sua vez, possíveis benefícios da utilização deste correio, como revelam os professores e explana Libedinski (1995).

⁶ A compreensão de como se dá a inserção das salas de aula na sociedade da cibercultura, bem como sua devida abordagem, considerando-se a sua condição difusa e assistemática, é condição importante para a formação humana nos dias atuais, na visão de Marques (2006).

Os docentes salientaram o uso intenso do correio eletrônico para a comunicação com os alunos e a sua importância na interação com eles, por facilitar indiretamente o processo de sociabilização dos estudantes. Através deste meio recebem, por exemplo, por mensagens enviadas pelo professor, informações sobre as aulas que perderam, avisos de aulas extras para debates sobre temas filosóficos e da marcação de encontros informais. É muito útil, sobretudo, para os que viajam em intercâmbio ou até mesmo para os que saem da escola, mas desejam manter contato, ou seja, serem informados por seus colegas e professores sobre o que está acontecendo nas aulas.

Kenski (2007) advoga que o uso criativo das tecnologias pelas escolas pode permitir relações mais estreitas entre professores e alunos que as realizadas em breves tempos de aulas presenciais em sala e criar, com isso, laços mais sólidos entre estes, os quais dependem do sentimento de telepresença, também citado por Lévy (2005). Este sentimento é propiciado quando as características do ambiente virtual de aprendizagem possibilitam que, mesmo os usuários estando distantes fisicamente entre si e adentrando o ciberespaço em dias e horas diferentes, sintam-se como se estivessem próximos, trabalhando em parceria no mesmo local e horário. (KENSKI, 2007). Pelo discurso dos entrevistados parece este sentimento se fazer mais presente em momentos de participação dos alunos em comunidade virtuais de aprendizagem e alterar significativamente o fazer educacional e seus efeitos na formação dos jovens.

Os teóricos estudados exortam o trabalho educativo com comunidades virtuais colaborativas. Para eles, o ensino descentralizado, realizado através da comunicação entre todos os integrantes do ambiente digital e da produção coletiva do conhecimento por meio da constituição de tais comunidades, consiste em uma estratégia educacional extremamente importante na sociedade tecnológica para a aprendizagem e sociabilização dos jovens (NICOLACI-DA-COSTA, 1998; GASPARETTI, 2001; KENSKI, 2007; MARQUES, 2006).⁷

Lévy (2005) ressalta que o interesse maior na sociabilização em comunidades virtuais se fundamenta no desejo dos grupos humanos de se tornarem em conjunto mais inteligentes, imaginativos, mais capacitados para a aprendizagem e mais inventivos. Castells

⁷ Kenski (2007) esclarece que projetos de construção de ambientes virtuais de aprendizagem voltados à educação tiveram início em meados da década de 90 do século passado. Direcionados à educação, podem estar distribuídos livremente na Internet, como é o caso do Teleduc e do Aulanet, desenvolvidos pela Universidade de Campinas (UNICAMP) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), respectivamente.

(1999), no entanto, considera que a formação de comunidades virtuais não garante a ampliação de uma rede de sociabilização com laços mais sólidos entre os sujeitos. A CMC (comunicação mediada por computadores) pode ser um meio poderoso para reforçar a coesão social da elite cosmopolita. Lévy (2005, p. 132), em determinado prisma, converge a este autor, afirmando: “As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, quer seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos.”

Kenski (2007) complementa, evidenciando que uma nova cultura educacional pode ser gestada, devido às comunidades virtuais de aprendizagem exigirem dos seus integrantes disciplina, amadurecimento, valores compartilhados, comprometimento com a própria aprendizagem e a de todos – respeitando às formas de cada um aprender –, e com a sociabilização de pessoas com diversos perfis. Não basta aprender a usar a máquina, é preciso descobrir as melhores formas de se obter ajuda em suas necessidades e utilizar as novas tecnologias de modo a promover o desenvolvimento de suas capacidades física, intelectual e moral, para sua maior integração individual e social. (KENSKI, 2007).

Conforme Kenski (2007), a construção de *blogs* na Internet, páginas *web*, na forma de diário *on-line*, que podem ser configurados e atualizados com frequência, individual ou coletivamente, trazendo anotações, resumos, exercícios, fotos, agendas, como também assuntos diversos como piadas, poesias, notícias, ideias, *links* e outras criações de seu usuário, consiste em um potente recurso educacional na era digital. Nas entrevistas, os docentes apenas mencionaram o uso em expansão de tal recurso, por alunos e professores com fins educacionais, na Intranet das escolas. Foi comentada, entretanto, a visita pelos jovens a blogs de celebridades e de professores, fora de sala de aula.

Sites de busca, como o *Google*, que auxiliam os internautas na pesquisa de informações específicas, permitem aos jovens encontrar rapidamente informações de seu interesse, conforme parâmetros estabelecidos de procura, de acordo com Kenski (2007), mas também informações que são perniciosas à formação moral dos alunos, como opinam os professores. Na sociedade informacional, a pesquisa na rede assume papel de destaque, pela visita de sites, investigação de *links*, utilização de *softwares*, documentos *on-line* e *download* de relatórios, baixados da própria Internet. A partir deste trabalho se confeccionam relatórios, páginas *web*, são escritas narrativas, montados produtos multimídia, colocados à disposição de todos tanto na escola como para além dela. (KENSKI, 2007).

Magdalena e Costa (2003) explicam que alguns professores nas escolas constroem um site em rede local com endereços selecionados, de modo que o aluno pensa estar na Internet sem nela adentrar, como tentativa de orientação das ações dos jovens aos propósitos pedagógicos da Internet na escola. Os professores entrevistados, porém, não comentaram sobre tal construção na Intranet dos colégios onde trabalham.⁸

Na realidade, segundo os informantes, trabalhos na Intranet das escolas, ou seja, na sua própria *homepage*, têm sido cada vez mais comuns, mas alguns alunos e professores, pelo discurso dos próprios docentes, parecem não se dar conta da diferenciação entre Intranet e Internet, em sua utilização em sala de aula. A título de esclarecimento, na Intranet dos colégios em que trabalham os professores da amostra são utilizados vários recursos e ferramentas também disponíveis na Internet como: fóruns virtuais, jogos educativos, projetos colaborativos, aulas em forma de vídeos, *blogs*, espaço para críticas, sugestões e notícias educacionais diversas etc.

Nas escolas, os dispositivos de ensino em grupo com recursos computacionais compartilhados e essas ferramentas de comunicação da Internet supracitadas estão sendo usados emparelhados para discussão coletiva e troca de saberes, como guias de aprendizagem, pelo serviço de tutoria prestado internamente, de modo *on-line*, e pela disponibilização de dados e hiperdocumentos. Por vezes, tais hipertextos são construídos e, ou incrementados, com base em perguntas e sugestões, a partir de navegações dos alunos.

Com isso, também a Intranet escolar constitui um espaço de sociabilização para os jovens, que com suas senhas e *login* interagem entre si e com seus professores, bem como com o serviço de orientação psicopedagógica da escola, de forma síncrona e assíncrona (em tempo diferenciado), o que amplia as condições de interação e sociabilidade. Importante ressaltar que a entrada de visitantes neste sistema é restrita, a participação precisa ser, portanto, autorizada, com a atuação da escola como moderadora, através do trabalho de técnicos em informática, responsáveis pela manutenção de suas *homepages*. Nem todos, desta forma, são acolhidos neste sistema.*

⁸ Lévy (2005) explica que a Intranet, a qual possibilita também o desenvolvimento, por grupos, de trabalhos cooperativos assistidos por computador, possui instrumentos para a correspondência, colaboração, compartilhamento de memória e de documentos imediatamente compatíveis com a Internet. Os sistemas de informação, assim, tornam-se cambiáveis a todos que interagem na Rede Mundial de Computadores.

* Em geral, se utiliza a Intranet, no contexto de ensino-aprendizagem, em primazia à Internet, como recurso pedagógico com o uso do computador. Por essa razão, ao longo dos capítulos posteriores, uma parte significativa

O *newsgroup*, ou conferências eletrônicas, uma estimulante forma de utilização da Internet para fins educacionais, que funciona por meio de salas de discussão para troca de ideias geralmente assíncronas, tal como explica Lévy (2005), consiste para os entrevistados em mais uma boa estratégia de sociabilização dos jovens desenvolvida na escola. Estas conferências abertas ou fechadas, conforme necessidades e interesses do grupo, oportunizam debates diversos, por meio de mensagens destinadas não a um membro diretamente, mas postadas para a leitura e resposta de todos, a partir do endereço eletrônico de cada um. (LÉVY, 2005). Tais grupos formam-se e desfazem-se a qualquer momento.

Os professores revelam que alunos, docentes, secretários das escolas, empresários, nestes espaços virtuais compartilham mensagens, por *e-mails*, divulgam informações, consultam especialistas, opinam sobre determinados temas de interesse coletivo de forma colaborativa, estabelecendo, portanto, intercâmbios de propósitos educacionais.

Chats, definidos por Leal (2007) como espaços virtuais para conversações por meio de trocas de mensagens em tempo real, foram trazidos nos discursos dos professores como utilizados pela escola para fins educacionais, para o aprendizado de idiomas com a interação síncrona com estrangeiros.

Para Kenski (2007), os jogos de aprendizagem (*learning games* ou *L-games*) em que os alunos podem viver personagens da história da humanidade, criar conjuntamente peças, projetos, exposições, simular julgamentos em tribunais, etc, lhes permitem amizades e construção de comunidades com propósitos de lazer, trabalho e estudos. Bom frisar, segundo a autora, que tais práticas lúdicas são problemáticas quando irrefletidas e demasiadas, mas, não transformam os alunos em gênios ou criminosos somente por sua utilização.⁹

dos depoimentos dos professores relativos às suas ações educativas com esta máquina, no âmbito escolar, pode estar associada à atuação dos alunos nessa rede fechada. Para não incorrer em equívocos, nas próximas explicações, o termo Internet, quando empregado pela pesquisadora, remetendo-se ao seu próprio discurso, designará as duas redes, ou seja, a aberta e a fechada, esta última tratando-se da *home page* da escola. Esta observação justifica-se e faz-se necessária pelo fato dos docentes não terem diferenciado claramente nas entrevistas o uso da Internet e da Intranet nos colégios em que trabalham.

⁹ Os jogos eletrônicos que não são identificados por Kenski (2007) como de aprendizagem, porém muito procurados por jovens são: simuladores, jogos de estratégia e jogos de ação. Os simuladores requerem reflexos e movimentos rápidos para se pilotar carros velozes em corridas, ralis ou ainda esqui em pistas de neve com curvas perigosas, por exemplo. Os jogos de estratégia, por sua vez, demandam maior raciocínio para a construção e administração de cidades, condução de exércitos para vitórias em batalhas. Já os jogos de ação tratam-se daqueles em que o jogador encarna um personagem no jogo e comanda ações de forma rápida.

Remetendo-se a Jacques Delors (1998), membro da UNESCO, organizador das mudanças para a educação contemporânea, Kenski (2007) explicita que a formação humana, engendrada também em novos ambientes virtuais de aprendizagem, neste século, deve circunscrever quatro aprendizagens fundamentais: aprender a conhecer, no que implica desenvolver técnicas de interpretação da realidade; aprender a fazer, a agir sobre o meio em que vive; aprender a conviver, a viver de forma cooperativa com os outros nas atividades humanas; e aprender a ser, aprendizagem que integra as demais. Estas quatro vias do saber são intimamente articuladas.

No próximo tópico e capítulos seguintes serão abordados como se desdobram na contemporaneidade essas aprendizagens de ser e, em especial, de conviver dos jovens de escolas particulares, na cibercultura, na visão dos docentes. Mudanças nos comportamentos, hábitos e valores dos jovens se apresentarão como elementos importantes para novos modos e tendências de sociabilidade, a seguir.

3.6 Características da sociabilização dos jovens, a partir do mergulho no ciberespaço

De acordo com Lewis (2001 apud KENSKI, 2007) e Tapscott (1998 apud KENSKI, 2007), as novas gerações, sobretudo dos que nasceram da década de 90, do século passado, em diante, são as que mais têm o seu comportamento modificado pela interação corriqueira com computadores e redes, ao utilizarem a Internet com os mais diferentes perfis e propósitos, nem sempre favoráveis a uma boa formação cívica.

Nicolaci-da-Costa (1998, p.32) afirma, de acordo com pesquisas e sua observação como pesquisadora e professora de Psicologia, que os internautas brasileiros, independente de suas faixas etárias, compartilham, com o advento da Internet, “[...] o sentimento de estar participando de uma revolução, a curiosidade insaciável gerada por um novo que nunca deixa de ser novo e o medo de ficar para trás e perder o bonde da história.” Nos jovens acende-se o desafio de estar e permanecer à frente, desbravando o ciberespaço, bem como a ambição e o desejo de exploração de alternativas inovadoras de inserção no novo mercado de trabalho, delineadas com o surgimento das novas tecnologias, incluindo-se a própria Rede.

Segundo Kenski (2007), todos os jovens, indistintamente da classe social, sentem-se inflamados pelo espírito revolucionário da era digital; com os recursos da Internet sociabilizam-se fazendo uso máximo de seus computadores na interação e criação coletiva. Também muitas vezes aprendem no ciberespaço a descartar informações irrelevantes, relacionar dados aparentemente díspares, etc. Têm mais tempo e curiosidade para descobrir nela novas informações. Sua astúcia e capacidade inventiva já assustam os melhores produtores de *software*, que os concebem, muitas vezes, como concorrentes mais ferrenhos que as demais empresas de seu ramo.

Kenski (2007) pontua que jogadores jovens, os *hard players*, como preferem ser chamados, desenvolvem com os jogos novos raciocínios e habilidades como: a comunicação de forma entrosada, espírito de equipe, estratégias de superação de problemas, maior capacidade de processamento das informações e definição de papéis, importantes sob o ponto de vista, portanto, da sociabilização.

Para Kenski (2007), os jovens tendem a ter, a partir disso, maior respeito aos parceiros de atividades, a realizar acordos de regras de bom comportamento em rede, de forma flexível, considerando as circunstâncias. O desenvolvimento de habilidades de escrita e desenho e de suas percepções sensoriais também os capacita a realizar muitas tarefas ao mesmo tempo, com vários aparelhos eletrônicos ligados simultaneamente.

Algumas destas novas capacidades e potenciais desenvolvidos pelos jovens vêm mudando suas formas de sociabilização, segundo os professores. Alguns alunos adotam indiscriminadamente e irrefletidamente parte destas condutas em diversos contextos. Praticando estas habilidades nas relações estabelecidas em sala de aula, os alunos fazem os professores questionarem o uso generalizado de tecnologias de modo, por vezes, emparelhado, no que tange à aprendizagem e à boa sociabilização discente. Isto será melhor comentado no próximo capítulo.

Os docentes frisam o gosto dos jovens por *palms* (agendas eletrônicas e telefones celulares de última geração) e ambientes de bate-papo (*chats*) fora da escola, nos quais mantêm conversas com forte tonalidade emocional. Gasparetti (2001) comenta que as emoções em rede são expressas através de *smiles* (“carinhas” em português), mas, em

decorrência do surgimento dos *chats* gráficos, os participantes assumem no ciberespaço a forma de um *avatar*.¹⁰

Kenski (2007) informa que, devido à interação com pessoas de diferentes países e à imaginação criadora dos internautas, um novo idioma está sendo criado por meio da combinação lúdica da linguagem digital, do inglês vulgar, de palavras da língua do falante, abreviaturas e a linguagem icônica dos *emoticons* (símbolos gráficos formados por caracteres comuns, usados para demonstrar as emoções via correio eletrônico). Uma mudança no vocabulário e na fala dos jovens e mesmo de adultos dá-se também com a incorporação na fala de expressões como *plugar*, *deletar*, *linicar*, termos próprios da área de informática.

Lévy (2005) afirma que a heterogeneidade de novas fontes de informação e a supressão do sentido de identidade engendram novos projetos de trajetórias pessoais, inclusive destoantes dos socialmente prescritos, o que favorece a multiplicidade das singularidades, em um processo de maior participação dinâmica da humanidade viva. Segundo este autor, este fenômeno manifesta-se por decisiva influência do movimento social estabelecido pelos jovens, no espaço virtual. Esclarece:

Pode parecer estranho falar de ‘movimento social’ quando se trata de um fenômeno habitualmente considerado como ‘técnico’. Eis, portanto, a tese que vou sustentar: a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes. (LÉVY, 2005, p. 123).

Nicolaci-da-Costa (1998, p.181) explana que mudanças no campo lingüístico influem de modo contundente também na formação e sociabilização dos jovens, pelo fato da excessiva informalidade em seus modos de comunicação repercutir perniciosamente nas condições de convívio social: “[...] a Rede subverteu tanto as coisas que muitos jovens podem nunca ter aprendido que, na realidade cotidiana, há regras de tratamento, polidez, refinamento, respeito, hierarquia, etc.” Leal (2007) comenta que o bate-papo estreita as relações entre professores e alunos, alunos e alunos, e de alunos com pessoas distantes fisicamente, pelo

¹⁰ A palavra *avatar* é derivada de *avatara*, que no hinduísmo significa a descida de um deus à Terra ao longo de uma vida humana, implica uma encarnação, ainda que em sua denominação original o deus encarne em diferentes lugares ao mesmo tempo. O *avatar* no jargão informático consiste na própria encarnação virtual do sujeito, que o representa neste meio a partir de um boneco eletrônico, podendo aparecer também figurado em forma de animais, pessoas ou monstros. Este fenômeno é estudado por psicólogos e sociólogos no intuito de conhecer as condições de desdobramento da personalidade propiciadas pelo computador. (GASPARETTI, 2001).

maior diálogo, mas tal forma de comunicação exige respeito e confiança nas relações estabelecidas.¹¹

Lévy (2005) e Cesaltina (2007) consideram, no entanto, que os participantes da rede, sobretudo, nas comunidades virtuais, não desconhecem regras de convivência no ciberespaço e desenvolvem uma forte moral social, sedimentada em um conjunto de regras consuetudinárias para a gestão de suas relações, escritas ou não. Os internautas constroem, deste modo, uma “netiqueta” pela qual determinam a pertinência e adequação das informações no uso de um dado recurso da rede, tendo uma dimensão moralizante, em especial. Nesta etiqueta da Internet o compartilhamento das informações de interesse coletivo é prescrito e censurados ataques pessoais ou argumentações pejorativas relativas à nacionalidade, sexo, idade, profissão de qualquer internauta que faça uso deste recurso da rede. (LÉVY, 2005).

Para Nicolaci-da-Costa (1998), porém, a comunicação virtual tem peculiaridades comprometedoras. Quando não é agradável, pode ser suspensa bruscamente, no momento em que o usuário desejar. Se o sujeito erra ao dizer algo com um dado apelido, na próxima conexão entra com outro *nickname* e muda o conteúdo da mensagem e está “tudo resolvido”; enganos podem ser cometidos, mentiras podem ser contadas sem serem descobertas. Os professores comentam algumas destas condições de comunicação na interação com os alunos em rede e deles entre si no ciberespaço.

A proteção do anonimato parece dar margem para os jovens não assumirem a responsabilidade sobre suas ações, bem como facilita o desengajamento na harmonização de suas relações, quando estas não vão a contento. Erros, gafes, *micos* e deslizes não trazem consequências sérias. A censura é menor e exerce menos efeito. (NICOLACI-DA-COSTA, 1998).

Os *hackers* jovens invadem computadores e sites alheios com diferentes fins, como também buscam informações na Internet que os orientem de como assim proceder. Outros são capazes de criar identidades fictícias e aproveitar-se de seu anonimato para realizar movimentações financeiras e ganhar dinheiro com sua ação transgressora. Esses são adolescentes despreocupados, em geral, com um melhor desempenho nas disciplinas do

¹¹ Fontes (2007) explica que a comunicação nas interações eletrônicas difere do contato face a face em virtude do barulho do ambiente, os gestos utilizados, a demonstração facial dos sentimentos ficarem aparentemente ausentes, manifestando-se apenas com o uso de *emoticons*, necessários para o estabelecimento de relações interpessoais e desenvolvimento de aprendizagens significativas, por ajudarem no compartilhamento de emoções, sentimentos e desejos.

colégio ou com a necessidade de independência e maior autonomia em relação ao conhecimento que lhes interessa, e nos quais se aprofundam. (KENSKI, 2007).

Invasões perigosas de jovens *hackers* capazes de bloquear, roubar, alterar informações privadas nos espaços virtuais, sejam elas pessoais ou da escola, como explicitada por Kenski (2007), não foram trazidas à baila pelos entrevistados. Mesmo os alunos não cometendo “ataques terroristas” desta natureza, as escolas nas quais os entrevistados trabalham sentem-se obrigadas a bloquear determinados sites e a investir em manutenção e segurança, para os impedirem de acessá-los e desviarem sua atenção da proposta de trabalho em rede, trazida pelos professores.

Os professores queixam-se, no entanto, do recebimento em grande quantidade de *ciberlixo* em sua caixa de e-mails, que não é constituído apenas de correntes, *spams* ou janelas *pop-up*, como o são para os demais internautas, conforme menciona Kenski (2007), mas também mensagens eletrônicas desagradáveis dos alunos que dificultam sua interação com eles e, em corolário, o processo de sociabilização dos discentes entre si. Isto será discutido no tópico 5.1 - mudanças na relação aluno-professor, aluno-aluno com os encontros e desencontros virtuais.

Da intensidade de relações virtuais nascem questões psicológicas, problemas relacionados à lei, relativos ao *cibercrime* e às questões éticas, remetidas, dentre outros elementos, à dimensão de “anonimato”. Tais questões, por sua vez, por serem cada vez mais debatidas em escolas, nas famílias, nas instituições religiosas, judiciais e empresariais, e atentadas pelos campos epistemológico, filosófico, antropológico, psicológico, trazem novos parâmetros de comunicação, modificando as interações humanas. (SANTOS, 2001). Pelo que indicam os discursos dos professores, também tal condição repercute na sociabilização dos alunos.

Uma mudança na cultura educacional vem se processando com isso, com base em novas linguagens, novos modos de falar, de se comunicar e de se comportar. Engendra-se migrando do ciberespaço para o dia-a-dia, modificando as formas de conceber e atuar diante da realidade, seja ela em rede como no cotidiano, segundo Kenski (2007) e os professores entrevistados.

No próximo capítulo mudanças nas interações dos jovens serão enfocadas e analisadas a partir do uso generalizado da Internet, com base na opinião docente,

fundamentada em seu exercício profissional em sala de aula. Importa à pesquisadora abordá-las de modo crítico, conforme elas têm sido percebidas, ou não, e trabalhadas pelos professores com os jovens, no sentido da formação e sociabilização discente. Bom esclarecer que a percepção do professor e sua forma de agir dependem do “saber da experiência” construído no dia-a-dia com as interações que estabelece na escola, com sua prática e preparo teórico disciplinar, com suas lembranças referentes à interação com seus professores quando eram ainda alunos, durante sua formação pedagógica, e com o conhecimento pessoal e informal com relação a si, a seus alunos em sua sala de aula. (KENSKI, 2007).

4 MUDANÇAS NA SOCIABILIZAÇÃO DOS ALUNOS POR INFLUÊNCIA DA INTERNET, SOB O PRISMA DOCENTE

Este capítulo tem o propósito de revelar as transformações percebidas pelos professores com relação às facilidades e dificuldades de sociabilização dos jovens, favorecidas pela utilização da Internet, bem como abordar as mudanças que os primeiros identificam, especialmente, nas interações dos alunos entre si e com eles, associadas a estas condições de seu exercício profissional. Importante pontuar que estas mudanças percebidas e comentadas pelos professores fundamentam-se não somente em observações de ações desenvolvidas via rede pelos estudantes, mas também no discurso discente sobre o uso que fazem dela, lhes proferido.

As facilidades acima descritas introduzirão tal abordagem pela sua menor complexidade de entendimento e por subsidiarem a explicação das adversidades enfrentadas pelos educadores na sociabilização dos discentes, a partir do uso da rede pelos estudantes da geração *net*.

4.1 Facilidades na sociabilização discente propiciadas pela rede

Os maiores recursos da Internet possibilitam aulas mais criativas, interativas, e menor necessidade de trabalhos manuais, o que favorece a realização de trabalhos grupais mais ricos e dinâmicos e, com isso, o incremento da participação e das trocas de ideias, saberes e experiências na sala de aula. Conforme os docentes, a mudança nas condições das aulas, com a Rede Mundial de Computadores, conduz a uma maior motivação discente para a interação em sala de aula, de um modo geral. Ratificam essa observação Magdalena e Costa (2003).

O recebimento pelo professor de sugestões, materiais e indicações dos alunos para o aprimoramento e melhor desenvolvimento de suas aulas, através da troca de *e-mails*, tem se tornado um costume que amplia a interação entre aluno e professor, e o conhecimento recíproco. O professor G avalia assim: “A Internet consiste em uma importante ferramenta tanto para a sociabilização como para outros fins educacionais.” Conforme ilustra o professor P:

Eles enviam material para mim, por meio do meu endereço eletrônico pessoal, e eu vou sugerindo mudanças a eles para torná-la aplicável no contexto de sala de aula, que são feitas pelos alunos e mandadas para eu ajustar. Eu leio, avalio, mando para eles corrigirem também, corrijo de novo, até ficar do jeito a ser trabalhada com a turma, tudo pela Internet.

Tal experiência possibilita a montagem de comunidades virtuais de aprendizagem que propiciam o desenvolvimento de projetos e pesquisas dos alunos com outros alunos, professores e funcionários, de dentro e de fora da escola, especialistas de outras regiões, ampliando a interação e potencializando diversas habilidades, aptidões e conhecimentos dos jovens, confirmando Kenski (2007) e Magdalena e Costa (2003).

Os professores revelam que a motivação dos discentes no compartilhamento das informações que extraem da Internet na atualidade tem suscitado questionamentos e oportunizado discussões sobre cultura/ educação/ formação humana e desenvolvimento tecnológico. Ou seja, o que os jovens trazem de conteúdos, da rede, é aproveitado por eles para debates mais profundos e contextualizados sobre tais temáticas, favorecendo uma aprendizagem reflexiva e crítica e o aumento e melhoria dos processos interativos, ou seja, da sociabilização.

A facilidade de marcação pela rede de encontros informais ou para aulas complementares mais descontraídas, fora de sala de aula, também foi ressaltada pelos informantes. Estas últimas permitem maior contato e entrosamento entre alunos e professores, alunos e alunos, alunos e demais funcionários da escola, e envolvidos com esta, de diversas localidades (exemplos: encontros em festas e churrascos marcados por *e-mail*).

Um melhor acompanhamento das condições de subjetivação e sociabilização dos jovens, por meio de dados divulgados sobre suas vidas pessoais, por eles, em seus perfis de *Orkut* e de bate-papos virtuais, tem sido possível aos professores, bem como uma melhor orientação da conduta dos jovens, a partir das relações estabelecidas com eles, em rede. (Este ponto receberá uma atenção especial no tópico 5.1 - mudanças na relação aluno-professor, aluno-aluno com os encontros e desencontros virtuais.).

Como esclarecimento, conforme os professores, os *sites* que têm influenciado mais na formação dos jovens são: *Orkut*, *MSN*, *Youtube* e *Google*. O uso do correio eletrônico e de jogos virtuais foram os recursos ressaltados pelos entrevistados como preferidos pelos jovens, os quais utilizam programas como o *Power Point* em suas ações na rede. Outros programas e sites da Internet mais modernos também de grande acesso e utilização por jovens

do Ensino Médio de escolas particulares, na atualidade, não foram, no entanto, mencionados pelos professores da amostra, durante a entrevista concedida à pesquisadora.

Mudanças de valores e comportamentos têm sido associadas pelos professores a essas novas condições de ensino. As alterações nos modos de sociabilização dos jovens com o uso da Internet serão aprofundadas e detalhadas a seguir.

4.2 Mudanças comportamentais favoráveis à sociabilização dos jovens com o uso da internet

Este subcapítulo disserta sobre as modificações ocorridas nos modos de ser, pensar e agir dos jovens consideradas pelos professores entrevistados como favoráveis a uma boa sociabilização discente. Segundo os entrevistados, isto se dá a partir de novas características construtivas dos alunos, listadas e explicitadas abaixo, iniciando-se pelo desenvolvimento de habilidades comunicativas.

4.2.1 Maiores habilidades comunicativas

A aprendizagem facilitada e mais rápida de novos idiomas, pelos jovens, e o melhoramento e ampliação de suas condições de comunicação com pessoas distantes fisicamente da escola, ou estrangeiros, possibilitados pela rede, potencializam a aprendizagem e ampliam a sociabilização, segundo a professora B :

Eles adoram músicas internacionais. Com a Internet os alunos aprendem o idioma e a cultura do país onde a música foi composta, interagem com alunos estrangeiros, com mesmo nível de aprendizagem, de escolas estrangeiras que mantêm parceria com o colégio, tudo de uma forma lúdica e prazerosa, sem sair de onde estão, vantagem para aqueles que não têm dinheiro para excursões internacionais.

Kenski (2007) preconiza que a compreensão, mesmo que de forma superficial, de ao menos um idioma estrangeiro, em especial o inglês, é importante para a formação dos alunos, por grande parte dos espaços na Internet estarem escritos nesta língua; pelo fato do número de informações acessíveis em tal idioma superar 80% de todo o conteúdo disponibilizado, mesmo com o aumento da produção de sites e páginas nas demais línguas.

Em virtude do aumento da capacidade comunicativa dos jovens pelo desenvolvimento e domínio de novas habilidades, eles criam novas linguagens, convergindo ao que postula Kenski (2007). A aprendizagem da adequação de suas mensagens no sentido de torná-las compreensíveis aos interlocutores com os quais conversam em rede encontra-se em processo, na percepção dos professores. Como explica a professora N: “[...] a Internet estimula a leitura nos jovens, o que os torna não somente melhores leitores como também produtores de textos, ainda que estes sejam, em sua maioria, em *sites* da rede.” Esta professora reflete que o potencial comunicativo em rede supera o demonstrado no face a face, em sala.

Para Cesaltina (2007), a interação dos alunos na Internet possibilita o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, da cognição, como também otimiza sua capacidade de argumentação nas interações dadas nas comunidades virtuais, o que favorece uma melhor sociabilização, a seu ver. Isto consiste em um aspecto edificante do comportamento dos jovens, inferido da percepção acima descrita. Mister, no entanto, frisar que a primazia de produção de textos digitais sobre os textos escritos em outros formatos, tal como mencionada pela professora N, pode consistir, sob certo prisma, em um fator alienante, para Marques (2006).

De acordo com Libedinski (1995), a aprendizagem da habilidade de se comunicar com os outros (docentes, pesquisadores, figuras do meio político e cultural), ensinando e aprendendo, é uma condição benéfica que se estabelece com base nesta nova forma de interação, coadunando-se, portanto, com o que pensam os professores, os quais, no entanto, não incluem contatos com figuras envolvidas diretamente com política. Esta característica mobiliza novas performances como as trazidas neste próximo subitem.

4.2.2 *Exercício de novos papéis*

O professor G complementa que tais novas aprendizagens e habilidades favorecem o exercício de novos papéis, necessários para a realização de tarefas escolares e, sobretudo, para trabalhos profissionais futuros. A professora B esclarece: “Com a Internet, eles descobrem seus dons para o desenho, para charges, para dramatizações, como jornalistas. Então, vão se interessando em aperfeiçoá-los.” A docente esquece-se, no entanto, que estes também podem ser aplicados para mudanças sociais e um melhor bem-estar coletivo.

O aluno, com isso, passa a perceber-se como autor do seu processo de aprendizagem, como um sujeito único, com inteligência peculiar e estilo próprio de construção do saber e, ao mesmo tempo, coletivo, dado o seu poder de influência recebida e exercida sobre os demais no que concerne aos seus pensamentos e ações (MAGDALENA; COSTA, 2003). Isto pode também favorecer, tal como advoga Novaes (2002), uma maior auto-realização nos estudantes.

A confecção de produtos pedagógicos, por alguns discentes, deriva do emprego de suas habilidades e dessa percepção, segundo os professores. Para Gasparetti (2001), criações de páginas de sites, hipertextos, filmes, jornaizinhos escolares, em papel e *on-line*, difundidos a pessoas e escolas a milhares de quilômetros de distância, possibilitam aos jovens experiências de trabalho de jornalistas e gráficos e novas intervenções sobre o mundo, o que também na visão dos professores, de um modo geral, enriquece e dinamiza o perfil discente de sociabilização. Tal condição também confirma a ideia de impulso inovador e empreendedor dos jovens com o uso da Internet, na atualidade, mencionada por Nicolaci-da-Costa (1998). (ver tópico 3.6).

Lévy (2005) explica que a possibilidade de reapropriação dos instrumentos e das técnicas de produção e comunicação em rede, pelos sujeitos, permite a todos realizar os papéis de editor, produtor, difusor e intermediário, de modo mais autônomo, na disseminação dos produtos no ciberespaço, por meio de uma comunicação direta e interativa. Tal mudança em curso desestabiliza os processos sociais e faz nascer novos poderes na dimensão das relações sociais, do trabalho e da democracia. Isso também é favorecido pelo compartilhamento das experiências e através de processos de co-aprendizagens com diversos sujeitos, como disposto no subitem abaixo.

4.2.3 *Gosto pela partilha do saber e experiências diversas de cooperação com parceiros de trabalho próximos e distantes fisicamente*

O fluxo de interações nas redes e a construção de novas estruturas educacionais engendram uma nova formação aos sujeitos, não mais fechada, hierárquica e em massa como no modelo tradicional de educação. Kenski (2007) e Magdalena e Costa (2003) frisam que alunos e professores, neste novo contexto, aprendem e ensinam juntos, rompendo a ideia do professor como mestre, detentor do saber. Abre-se também a possibilidade de maior

autonomia dos jovens, nas escolhas de seus caminhos e modos de aprender, com uma menor intervenção docente, portanto, em tal processo. Isto garante uma potencialização e personalização das aprendizagens, segundo estas autoras (2003).

A professora N avalia que os jovens de hoje resolvem seus deveres escolares recebendo orientações dos demais adolescentes, a partir de correspondências recíprocas pela Internet. Também os professores orientam e recebem orientação dos alunos, por *e-mails*. Alunos e professores empreendem, assim, com o auxílio da Rede Mundial de Computadores, ações educativas à distância, apontadas por Thompson (1999).

Thompson (1999) explica que através dos novos modos de interações com as redes de comunicação, diferentes dos tipos de interação face a face, dos encontros cotidianos, os sujeitos são capazes de agir em favor de outros fisicamente distantes. Novas formas de ação e interação e novas maneiras de exercer o poder ocorrem, desvinculadas de um local comum. Segundo este autor, “ação a distancia”, ações para outros que não partilham o mesmo ambiente espaço-temporal, são cada vez mais comuns nos dias atuais com as redes de comunicação. Complementa que as consequências de tal ação ultrapassam de muito os limites de seus contextos e localizações.

De acordo com Magdalena e Costa (2003), a Internet, na contemporaneidade, constitui-se em um canal interativo que possibilita cooperação na busca de respostas para as questões enfrentadas. Esta é uma condição importante, uma vez que a sociedade informacional encontra-se desorientada e desestabilizada diante de novos problemas, visto os referenciais pré-existentes não mais explicarem o que é preciso compreender.

Para Magdalena e Costa (2003), a aprendizagem da busca e seleção de informações na Internet, de modo mais responsável e cooperativo, corrobora para a maturidade do ponto de vista intelectual, e a tomada de decisões mais ponderadas e críticas. Os professores, porém, não salientaram, de um modo geral, tal aspecto. Aludem a outras vantagens, entretanto, de tal processo de aprendizagem.

O trabalho em comunidades virtuais de aprendizagem parece ser uma estratégia educacional voltada a uma ação solidária que pode mitigar o individualismo e o isolamento observado no comportamento dos jovens, em sala, sobretudo os do 3º ano, mais competitivos, conforme julga o professor P, que revela:

Há jovens inteligentes, hábeis e criativos no uso da multimídia e da Internet, inclusive os do terceiro ano, que ajudam o professor a elaborar aulas para os alunos do primeiro e segundo ano do Ensino Médio, tanto no conteúdo como nos recursos metodológicos destas.

Para Marques (2006), as comunidades virtuais abrem possibilidades aos sujeitos, que não surgem naturalmente, mas da vida dos próprios cidadãos, dos saberes derivados das experiências docentes e discentes, no caso da escola. Tal ação dos alunos o professor P considera que facilita o seu trabalho por não ter o mesmo domínio que eles para lidar com o computador, que conseguem assim fazer de forma criativa e mais rápida. Também considera que os discentes já vão aprendendo, desta forma, como funciona um trabalho, por meio desta aprendizagem em equipe, de forma coordenada e colaborativa no ciberespaço.

Isto indica, assim, que o trabalho em equipe na rede auxilia no estabelecimento da cooperação entre os jovens, ajudando a tornarem sua aprendizagem mais rica e comprometida com a dos demais, visto que o material didático produzido a partir desta parceria é trabalhado pelo professor com alunos das outras séries do Ensino Médio. Também parece que essa ação sinérgica na Internet incrementa o potencial de desenvolvimento dos adolescentes, já que desenvolvem e aperfeiçoam suas habilidades. O gosto pelo trabalho coletivo, comentado pelos professores, pode manifestar o interesse dos adolescentes em desenvolverem trabalhos em parceria, de forma cooperativa, surgindo, deste modo, certa disposição a uma atitude mais solidária.

Trabalhos em dupla no laboratório de informática conectado à Internet oportunizam a realização de tarefas com base no consenso entre os integrantes dos pares, segundo a professora N. A ação pedagógica cooperativa em sala, com os jovens navegando no ciberespaço, parece favorecer a aprendizagem da aceitação das opiniões do outro, distintas das suas, e a conciliação de seus interesses com os dos parceiros de aprendizagem. Kenski (2007) acredita que essa compatibilização contribui para o exercício da cidadania. A solidariedade, com o interesse pela partilha do saber e aprendizagem coletiva tem se presentificado, desta forma, por influência da Internet.

Os teóricos salientam a tendência atual de troca de saberes, experiências e a cooperação como um aspecto positivo da sociabilização dos sujeitos na contemporaneidade, dando-se, sobretudo, nas comunidades virtuais. (MAGDALENA; COSTA, 2003; KENSKI, 2007; MARQUES, 2006; LÉVY, 2005). Esses teóricos, no entanto, ainda não se voltam à análise de como o uso da Internet, marcante na vida dos jovens, influencia em seu

comportamento em sala de aula, como busca contemplar este trabalho dissertativo. Este intercâmbio de ideias e construção do conhecimento de modo cooperativo, por vezes, instiga, ao que se pode pensar, atitudes de ajuda dos jovens àqueles que precisam desta em alguma situação, com a qual o uso da rede possa ser proveitoso. Isto evidencia o ponto subsequente.

4.2.4 *Auxílio nos problemas de pessoas próximas*

Conforme Araújo e Ribeiro (2007), o interesse pela utilização generalizada da Internet tem levado as pessoas a resolverem muitos de seus problemas cotidianos com o seu uso. Importante frisar que crianças e jovens, por terem maior facilidade em navegarem na rede e se comunicarem através de muitos gêneros digitais, pelo maior domínio da escrita digital em relação aos adultos, levam vantagem em relação a estes, em muitos casos, na resolução dos problemas.

Mobilizações iniciadas no sentido de ajudar àqueles com quem convivem, na resolução de seus problemas, com estratégias da rede, também foram relatadas pelos docentes, indicando mais uma condição de solidarização. Sobre isto declara a professora B:

Eles usam a Internet para tudo. Certa vez eu precisei resolver um problema que precisava da lista telefônica. Na escola não sabiam onde ela estava. Eu fiquei meio perdida por isso. Foi então que um aluno disse: 'Professora, peça para alguém aqui da escola olhar o que a senhora quer na Internet'. Nem me toquei sobre isto. Esta dica acabou ajudando.

Os professores B e G consideram que a assiduidade no uso da Internet acelera e amplia a comunicação de todos com todos, no que ajuda a resolver determinadas questões que envolvem a dinâmica de sala de aula, mais fácil e rapidamente, por meio de avisos, conselhos, indicações, sugestões para além da própria sala.

Lévy (2005) destaca a tendência de afirmação dos sujeitos, pela Internet, com suas contribuições nela, em prol do desenvolvimento coletivo; evidencia o sentimento de valorização pessoal daqueles que cooperam neste sentido e que se percebem reconhecidos como úteis socialmente. Tais sentimentos também foram notados pelos professores, em seus alunos, como se pode depreender. Pode consistir esta característica de sociabilização um fator favorável, em tese, à formação da inteligência coletiva, tal como idealizada e exortada por este autor, assim como as demais trazidas a seguir, como, por exemplo: um maior dimensionamento das formas de compreensão do mundo, comentado no subitem seguinte.

4.2.5 *Ampliação da visão de mundo*

A constituição dos saberes depende da reciprocidade da comunicação estabelecida entre os sujeitos e do significado atribuído por estes a informações que trocam mutuamente, o que proporciona o surgimento de novas e singularizadas interpretações e entendimentos compartilhados, estruturantes do “mundo do cotidiano” (MARQUES, 2006). Magdalena e Costa (2003) acreditam que alunos e professores têm expressado uma nova compreensão do mundo e de suas mudanças contínuas. Sobre isto expressa a professora N:

[...] Quando peço a eles para fazerem pesquisas, antes de iniciar determinado assunto em sala, eles chegam na aula seguinte já sabendo de muita coisa. Eles discordam, opinam, argumentam com base no que trazem da Internet. Falam: ‘Professora não foi isso que encontrei no site tal’. Boa parte deles pesquisa e discute. A aula fica mais interessante, aumenta a interação.

Os professores revelam que a riqueza do material compartilhado pelos alunos, retirado da rede, suscita debates na turma sobre os assuntos trabalhados em sala que os instiga à criticidade, também, favorecendo o desenvolvimento de tal condição no comportamento discente. Como coloca o professor P: “[...] em muitos momentos, o que discutem sobre Internet lhes possibilita distanciar-se do estado de alienação, sobretudo quando debatem a relação ideologia/conhecimento, a partir do que pesquisam em tal rede.” Castells (1999, p. 386) disserta sobre as condições em que isto se dá:

É precisamente devido a sua diversificação, multimodalidade e versatilidade que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais.

A descoberta de novas culturas e de novos horizontes de entendimento dos fenômenos sociais com o intercâmbio em rede, na opinião docente, tem facilitado e instigado nos jovens novos prismas de análise, sob pontos de vista diferentes, confirmando os autores. (KENSKI, 2003; MAGDALENA; COSTA, 2003; MARQUES, 2006). Conforme o professor D: “Os jovens têm desenvolvido a habilidade de avaliar as situações sobre diversos ângulos, sobretudo em assuntos polêmicos, propalados pela TV e pela Internet, e o poder de persuasão”.

Enguita (2004) revela que a globalização envolve o reforço dos vínculos e dos laços de dependência entre as diversas culturas e que há, portanto, uma tendência à

multiculturalidade, ao reconhecimento da existência, do valor e da autonomia de diversas culturas, que se manifestam de forma extremamente fluida e contínua.

Lévy (2005) avalia que a ampliação do processo de participação coletiva e das condições de manifestação das diversidades culturais, de pessoas de origens geográficas e sociais distintas no ciberespaço, diminui o dogmatismo, a uniformização de conteúdos e o poder de influência das manipulações ideológicas das mídias tradicionais. Isso parece ser trazido no discurso docente, quando comentam da pluralidade de saberes, com base em experiências singulares, mas enriquecidas pela visão do outro.

Castells (1999) lança luz sobre o pensamento de Lévy (2005), informando que os processos sociais modificam-se com as novas expressões culturais dadas no mundo virtual, pois se fragiliza, com isso, o poder midiático sobre os âmbitos religioso, moral, dos valores tradicionais e ideologias políticas da vida dos sujeitos. A facilitação de discussões abertas e, com ela, a possibilidade de acolhimento da heterogeneidade, é uma grande vantagem do ciberespaço, na opinião de Lévy (2005).

No próximo capítulo, porém, estas questões abordadas acima pelos autores citados serão relativizadas e problematizadas, a partir do discurso dos professores. Isto com base nas experiências docentes com os jovens no que tange a estas condições de sociabilização. Ainda abordando as características favoráveis à sociabilização dos jovens, se pode apontar certa abertura deles a pontos de vista diferenciados, em alguns momentos e casos com suas reflexões sobre opiniões advindas dos demais, manifestada nas observações dos professores trazidas neste próximo subitem.

4.2.6 Reconhecimento dos próprios jovens de suas faltas com os usos transgressores da rede e sua disposição pessoal para a não reincidência nos erros detectados

Alguns jovens quando admoestados por seus atos ilícitos com o uso da rede pelos professores, em sala, mudam seu comportamento após a repreensão, movidos pelo sentimento de culpa e arrependimento. Nestas condições passam a atentar mais para os aspectos éticos de sua formação. Isto tem sido observado, pela professora B, quando de censuras dadas por ocasião da descoberta de trabalhos copiados da Internet. (aprofundadas no subitem 4.4.1).

Em tais momentos, pode-se perceber a manifestação de um maior nível de maturidade e observância às regras sociais dos jovens, evidenciados por Cesaltina (2007), por influência do uso da rede. Esta influência é, no entanto, indireta, uma vez que este reconhecimento e mudança de comportamento se estabelecem somente a partir da orientação do educador.

Também se pode identificar um traço de maior maturidade no comportamento dos jovens quando se dispõem a navegar e interagir em rede de modo mais prudente. Sobre isto aborda a próxima característica de interação.

4.2.7 *Descoberta de estratégias de defesa dos perigos e modos de lidar com as dificuldades da vida*

Conforme Felinto (2005), o grande perigo do mundo das tecnologias informáticas é deixar-se seduzir por seus encantos e aceitar acriticamente as metáforas, os mitos, os arquétipos, os sonhos utópicos que se constroem em torno delas. Para alguns professores, o conhecimento dos perigos e adversidades da cibercultura, pelos alunos, com o uso da rede, tem propiciado descobertas de estratégias para lidar e se defender dos problemas que sua utilização inadequada pode gerar.

Os professores D e G avaliam o anonimato dos jovens na rede, em algumas circunstâncias interativas com internautas que desconhecem, uma importante e necessária forma dos adolescentes não serem reconhecidos pelo que expõem sobre si nos *sites* da Internet. A não identificação de seu nome e dados pessoais protege-os, de certo modo, de ações perniciosas de estranhos com os quais mantêm contato no ciberespaço, segundo os docentes. O interesse em falar sobre determinados tipos de assuntos de uma forma mais sigilosa, confidencial, em salas de bate-papo, em algumas ocasiões, também evidencia tal propósito.

Para Magdalena e Costa (2003) e Lévy (2005), a navegação ou *surf* na rede, implica uma mudança na formação humana, uma vez que reporta a uma capacidade dos grupos de enfrentamento das intempéries vivenciadas no ciberespaço, de suas ondas, tempestades, correntes, ventos opostos, de readaptação às mudanças por ela instigadas e um saber lidar também com a ausência de fronteiras. Tais situações desterritorializadoras

experienciadas pelos jovens, na visão dos professores, têm corroborado para o amadurecimento dos discentes e novas formas de relacionamento mais salutares. Nem sempre, no entanto, esse *surf* em rede se apresenta favorável à aquisição dessa maturidade e melhor qualidade na sociabilidade, como se mostrará em outras falas trazidas pelos informantes, no próximo subcapítulo.

De acordo com Marques (2006), o real e o fantástico, experiência e intuição devem ser elementos emparelhados na significação do mundo pelos jovens com e sem o uso da rede mundial de computadores para o engendro de processos saudáveis de sociabilização. Para Nicolaci-da-Costa (1998), muitas vezes, as decepções, desilusões, perplexidades, fantasias, impotências e perda de julgamento da realidade experienciadas pelos jovens internautas, a partir das interações em rede, transformam a vida em um pesadelo. Aos poucos, eles estão aprendendo a construir pontes entre as experiências ciberespaciais e cotidianas, buscando aproveitar o aprendizado construído dos relacionamentos virtuais em proveito de suas vivências *off-line*, não só para o desenvolvimento intelectual, mas também para melhor lidar com seus conflitos pessoais e suas relações. Tal posicionamento desta autora (1998) foi confirmado pelos docentes, mesmo os jovens encontrando dificuldades nesse processo, de acordo com os entrevistados.

Esta descoberta de modos de lidar com as adversidades da vida utilizando a rede justifica-se, de certa forma, nas informações do tópico seguinte, relacionadas às manifestações artísticas dos jovens.

4.2.8 *Modos artísticos de expressão e socialização das emoções e sentimentos*

Saber lidar de modo criativo com suas emoções e sentimentos, aflorados de suas experiências, utilizando os recursos e conteúdos da rede, também é algo em processo, como relatado pelos docentes. Configura-se como uma aprendizagem, que vem associada a um maior conhecimento de si e do outro, pelas conversas mantidas em rede pelos jovens, em casa, sobre suas vivências, no geral, e trocas das produções criativas feitas e partilhadas na Internet, na escola e também em seus lares. A professora B ilustra:

Os jovens pegam a letra de uma música em um *site* e criam coisas belíssimas. Montam *clips*, com a cara deles; de acordo com o que interpretam da letra e com o que sentem, colocam figuras, animações, etc. Fazem tudo com muita criatividade. As emoções afloradas são diversas. Houve um aluno que carregou sua produção

com a cor preta e colocou símbolos de *Halloween*, deu a impressão de estar sofrendo de depressão. Muitos ficam maravilhados com o produto de seu próprio trabalho. Eles se emocionam com o que são capazes de fazer e, em geral, partilham o que fazem espontaneamente com os outros lhes perguntando o que acham.

A professora B não evidencia como tal trabalho corrobora para uma boa sociabilização dos jovens, por manter-se reticente, em seu discurso, mas nas entrelinhas dá a entender que ele ajuda em tal dimensão quando permite aos alunos expressarem um pouco do que são e a compartilharem suas emoções de forma criativa. Também é importante supor por meio dessa manifestação artística dos jovens o interesse de se sentirem reconhecidos pelos demais e valorizados pelo seu potencial de aprendizagem e desenvolvimento, também a partir do que são. A Internet também nesta circunstância parece apresentar-se como um meio de auto-realização dos jovens, como avalia Novaes (2002).

De acordo com Marques (2006), ser cidadão, no contexto atual da sociedade em rede, implica reconstrução de experiências pregressas de modo criativo e corresponsabilidade no pertencimento e engajamento em comunidades abertas a interpretações instauradoras de sentidos múltiplos. Tais comunidades de aprendizagem parecem consistir, nas entrelinhas das falas docentes, como bons espaços para o exercício da cidadania.

Lévy (2005) salienta que as vozes múltiplas, que na rede ecoam, possibilitam a percepção coletiva da condição de identidade cada vez mais plural e intangível na cibercultura, de modo paradoxal ao que alude tal conceito, como algo estático. Conforme Marques (2006), na cibercultura, com as produções coletivas, os alunos podem melhor se conhecerem e reescreverem suas identidades. Podem propagar saberes alternativos no campo das ciências, das artes, da música, da literatura, como consideram também Magdalena e Costa (2003). A importância da concepção de autoria e propriedade dos arquivos e publicações é, nestes termos, portanto, relativizada, para este autor (2006).

Conforme Castells (1999), as telecomunicações favorecem o contato amigável, o reconhecimento e a aceitação do outro, elevando-se acima das diferenças de visões de mundo e interesses pessoais. Em algumas circunstâncias relatadas ao longo destes subitens descritos, percebe-se que tais condições se manifestam nos modos de relacionamento dos alunos, muito embora coexistam com ações e atitudes opostas. Esta colocação será melhor explicitada no subcapítulo seguinte onde serão abordadas as dificuldades na sociabilização dos jovens com seu uso da Internet, na opinião dos professores, mais adiante.

Para finalizar esse capítulo, diferentemente do explicitado acima, apresenta-se, logo a seguir, uma condição incontestada, na opinião dos professores, que consiste no gosto dos jovens em manter suas interações com fins diversos, com os demais, via rede, cada um em suas próprias casas.

4.2.9 *Preferência do lar como ambiente para a interação em rede*

Os professores comentam que os jovens têm se mantido mais tempo em casa, estabelecendo conversações com seus parceiros de interação. As conversas abrangem não só o que estudam em sala de aula, mas experiências da vida deles. A professora N, mãe de adolescentes, avalia isto positivamente, por tal ação fixá-los mais em casa, expô-los menos aos perigos do mundo concreto e garantir-lhes maior segurança, o que tranquiliza mais pais e professores:

Para o professor isso é bom porque isto ajuda na aprendizagem deles (alunos) e eles se tornam mais cooperativos, mais próximos, preocupados com os problemas do outro, que, muitas vezes, é o deles também. Para os pais também é bom porque ao invés deles estarem nas ruas, do jeito que o mundo está violento, eles ficam mais tempo em casa estudando, o que é mais seguro.

Com esse comentário, a professora suspende a sua percepção de que o mundo virtual também abriga perigos tão perniciosos à formação e à vida dos jovens como os vivenciados em suas interações face a face. Por esta razão, a preferência do lar como ambiente de interação no ciberespaço, visto sob outro prisma, pode não se apresentar como uma condição meramente favorável à sociabilização discente. Esta ideia ilustra o fenômeno da “centralidade na casa”, mencionado por Castells (1999), exposto no item 3.4. O mesmo sinaliza Dowbor (2005), o qual aponta que os trabalhos e ações de professores e alunos têm sido organizados com base nesta condição.

Lévy (2005), no entanto, avalia que a comunicação, no geral, por meio da Internet não substitui os encontros presenciais, mas os complementam. Muitos destes encontros são marcados a partir de interações no ciberespaço, sendo alguns possibilitados mais facilmente pela rede, o que amplia o campo de sociabilidade. Ou seja, os jovens não se mantêm somente em casa no tempo em que não estão na escola. Esta ideia também traduz momentos dos discursos de alguns entrevistados.

O próximo capítulo abordará com maior profundidade as formas de interações estabelecidas entre alunos e professores via Internet, estando ambos, em geral, em suas casas, e as repercussões de tais relações virtuais na sociabilização dos jovens.

Até então foram trazidos à pauta facilidades na sociabilização dos alunos propiciadas pela Internet e mudanças comportamentais favoráveis ao processo de sociabilização dos jovens com o uso dela. Para elucidar que muitos destes aspectos tratados anteriormente apresentaram-se de forma contraditória no relato dos professores, a depender do ângulo de análise privilegiado e da opinião de cada um, serão reveladas, primeiramente, neste próximo subcapítulo, as adversidades enfrentadas pelos educadores no processo de sociabilização dos jovens, estabelecido a partir da navegação no ciberespaço por eles.

4.3 Dificuldades na sociabilização discente propiciadas pela rede

Os professores S, B e D relataram a sensação pessoal de desatualização ou descompasso em relação ao ritmo de aquisição de informação dos alunos, pelo que estes extraem em rede. “Para os jovens, nada é completamente novo, eles têm muita informação, conhecimentos prévios sobre quase tudo que ensinamos em sala. É difícil acompanhá-los.” (Professor D).

Para Kenski (2007), a ampla capacitação técnica de utilização da rede pelos jovens corrobora para um abalo na hierarquia tradicional em sala de aula e influi decisivamente nas maneiras de aprender e de se sociabilizar. A descrição desta sensação parece ilustrar, de certo modo, o abismo de que trata Rivoltella (2007) no que se relaciona à cultura dos jovens e à cultura dos adultos, pelo desnivelamento entre elas no que tange ao domínio e ao uso das novas tecnologias. Almeida (2002) revela que na “ciberconvivência” os adultos apresentam certa desvantagem, visto terem que reaprender e reestruturar conceitos já configurados, com menor habilidade, e, portanto, menor facilidade que os jovens em lidar com os recursos tecnológicos.

Associada a esta sensação de descompasso, a dificuldade de diferenciação entre informação e conhecimento, por alunos e professores, também é notável, como comenta Mercado (2002). Essa problemática é evidenciada neste discurso docente:

Os jovens recebem muita informação com a Internet, são mais cultos sobre o que se passa no mundo. São mais atualizados que os próprios professores, em alguns casos. Têm coisas que tomamos conhecimento somente depois dos nossos alunos comentarem conosco, pelo que falam na aula. (Professora N).

Os professores que reconhecem tal diferença entre informação e conhecimento comentam que aprender, hoje em dia, se tornou mais difícil, porque informação todos têm, mas saber convertê-la em conhecimento nem todos são capazes, sobretudo com o bombardeio informacional que existe na Internet, que confunde tudo o que já se sabe. Para Marques (2006), a informação devidamente convertida em conhecimento de si, dos outros e do mundo pelos alunos é o que torna os alunos sujeitos autores de sua história. Esta não conversão parece, assim, favorecer um abalo da autonomia dos jovens, nas entrelinhas das falas dos informantes.

Nicolaci-da-Costa (1998) explica que a velocidade de renovação dos conteúdos em várias fontes também é superior à capacidade de aquisição e processamento deles pelos internautas, os quais se frustam, desta forma, com a desatualização rápida de suas descobertas e aprendizagens, dos *downloads* (materiais baixados da Internet) e livros não lidos, bem como com os brancos na memória e a perda de tempo com a retirada de *ciberlixo*. Também em muitas pesquisas em rede horas são gastas lendo muitas informações pouco cabíveis ao solicitado em sala, o que acaba gerando um cansaço mental nos alunos e desapontamento em sua tentativa de selecioná-las.

Esta condição avaliada por Nicolaci-da-Costa (1998) parece explicar, em parte, a procura do professor pelos alunos para a orientação de suas pesquisas, em dados momentos fora da aula, o que aumenta a dependência dos jovens com relação aos professores, em determinadas ocasiões, nas suas formas de sociabilização.

A dificuldade de conversão da informação em conhecimento crítico e transformador da realidade social parece ser relacionada por eles, também, à desarticulação, dos alunos, da teoria com a prática. Enguita (2004) revela que as mudanças constantes nas tecnologias e nas formas de relacionamentos entre as pessoas e destas com as coisas requerem teorias articuladas com as práticas.

O Professor G comenta que a pouca leitura de determinados livros trabalhados na escola dificulta aos alunos tal processo de conversão, uma vez que: “O poder crítico depende da leitura de clássicos e esta é uma dificuldade para os jovens de hoje.” Este professor revela

que envia de casa, por *e-mail*, para seus alunos, material que encontra na Internet e indicação de *sites* para suas pesquisas, para serem trabalhadas em sala. Entretanto, eles trazem pouco conteúdo dos *sites* que lhes indica para discutir na aula e muitas informações de outros para serem debatidas com a turma.

Confirmando Mercado (2002), os professores comentam sobre a falta de garantia com relação à validade de um dado conhecimento dos jovens, reportada à falta de certificação da credibilidade das informações extraídas na rede. Consideram um desafio enfrentado pelos discentes saber buscar, achar respostas confiáveis na Internet, sem uma pesquisa mais apurada entre vários serviços de busca disponíveis em rede. Salientam, com isso, a necessidade de indicações de bons *sites* para a pesquisa dos alunos, para melhores condições de conversão da informação obtida em conhecimento, como também sugerem Mercado (2002) e Magdalena e Costa (2003).

Gasparetti (2001) adverte que pelo fato de na Internet eventos verdadeiros e falsos se misturarem e grande parte de suas informações serem de origem desconhecida, faz-se necessário manter sempre uma condição de descrença com relação à veracidade do que nela acessam seus viajantes; somente deste modo, torna-se possível formar cidadãos imunes à manipulação engendradas nesse meio. O mesmo foi considerado nas falas docentes.

Os informantes assinalam a dificuldade de lidar com a participação exagerada de determinados alunos nas discussões, os quais jorram na aula informações retiradas da rede, de fontes nem sempre confiáveis. Esta dificuldade também se dá diante de informações indesejáveis, segundo Braga (2007). Deste modo, a horizontalidade nas relações entre alunos e professores parece se estabelecer promovendo um redimensionamento da dinâmica de sala de aula e, sob certa medida, contribuindo a uma contestação de saberes escolares com tais informações trazidas para a aula, conforme declara esta autora. Sobre esta questão exemplifica o professor D:

Os alunos mais críticos trazem artigos impressos que tiram da Internet para justificar suas ideias, só que nem tudo que expõem com base neles é verdade. Mas, muitos tomam tudo como verdade absoluta. Outros conseguem extrair o que é válido e importante e produzir bons textos. Estão aprendendo a filtrar o que encontram lá.

Novaes (2002) opina que o novo e o desconhecido trazem uma sensação de estranhamento por pressupor maior liberdade e criatividade; inquietam por abrir maior campo para a experiência e liberar, em certa medida, da obrigação de aceitação do que já está posto.

Segundo Marques (2006), o caráter difuso da cultura, propiciado pelos recursos tecnológicos, possibilita que muito conteúdo pré-conhecido seja trabalhado na escola. O fato de docentes e discentes estarem, em certa medida, informados, no entanto, não dispensa o trabalho com as informações assimiladas, como também não simplifica nem direciona por caminhos bem traçados o fazer pedagógico. Como explica este autor:

E quanto mais se faz o contexto imediato de vida dos alunos e professores penetrado pela escrita e pela mídia eletrônica, quanto mais sobrecarregados de informações acedem eles à escola, tanto mais necessita ela retrabalhar tais conteúdos e ressignificá-los na referência às circunstâncias vividas, na sabedoria dos limites, na riqueza dos imprevistos, na abertura às múltiplas possibilidades e às reciprocidades fundadoras das relações humanas que estruturam concretamente o cotidiano de corpos capazes da ação linguagem e da linguagem da ação. (MARQUES, 2006, p. 133).

A professora S comenta que pelo fato dos jovens terem um conhecimento prévio sobre o assunto a ser discutido na aula, baseado, muitas vezes, em leituras superficiais e fragmentadas sobre as coisas apreendidas pela Internet, ocorrem, em alguns momentos, debates acalorados em sala de aula, dos alunos entre si e com os professores, pela dificuldade de validar determinadas informações imprecisas dos discentes e, em boa parte, pouco confiáveis.

A partir desse depoimento e o antecedente do professor D, é possível identificar reflexos do movimento social realizado pelos jovens a partir do uso da Internet, comentado por Lévy (2005). Estas manifestações comportamentais dos jovens não podem por seu caráter desinstalador do instituído serem somente avaliadas negativamente, em sua totalidade, no que tange à formação e à qualidade da sociabilização, na visão desse autor.

Lévy (2005) não analisa como ruim a não instauração de um sentido único no ciberespaço, mas em sua opinião, ela pode favorecer, sob certas circunstâncias, fortes tensões e contradições dolorosas, que podem ser reforçadas ou mitigadas, conforme as decisões e as percepções de usos destas informações pelos sujeitos.

A professora N analisa que o fato dos alunos gostarem muito de trocar informações sobre as celebridades, pelo que sabem sobre elas na TV e na Internet, acaba se constituindo em dificuldade na formação dos estudantes, em sala. Isto ainda mais na medida em que o docente não tem um posicionamento bem estabelecido sobre o que comentam de tal assunto por o desconhecerem, não terem o costume de visitar *sites* que abordem a vida dos famosos e de acompanhar o que se passa com estes.

O Professor G dá a entender que a abundância de informações, provenientes de recursos e conteúdos diversos e atrativos da Internet, favorece também o aumento da pauta nas conversas laterais na sala, muitas vezes destoante ao abordado na aula. Para Mercado (2002), a perda de tempo com informações banais, pouco relevantes e superficiais, impede o processo do conhecer – naquilo que implica integração, apropriação e atribuição de significado às informações – referente à criação de saber, que supera a mera aquisição de informações.

Mercado (2002) analisa que a distração e a desconcentração dos alunos, dos propósitos de suas atividades investigativas, diante da infinita gama de conteúdos acessados nas possibilidades de navegação virtual, os fazem perder o foco da pesquisa, com frequência, sendo os mesmos atraídos a áreas de interesse pessoal. Sobre isto ilustra o professor G:

Os alunos ficam muito interessados em músicas, jogos, *Orkut*, *Youtube*, portais da Internet. Em sala de aula, eles não querem ficar muito tempo, não querem estudar; querem sair muito para os cantos também, falam bastante em shopping, cinema, festas, viagens.

Magdalena e Costa (2003) esclarecem que os jovens do Ensino Médio, na sociedade em rede, têm necessidades, expectativas e exigências distintas das até então delineadas pelas escolas para eles. Isto constitui em um fator problemático, já que demandam saberes e competências em sua formação que seu próprios professores ainda não têm desenvolvidos, como se dá com relação ao domínio e bom uso da Internet pelos docentes.

A desmotivação e o desinteresse dos alunos por assuntos supostamente já compreendidos por eles pelo que sabem sobre estes da Internet e por aulas com aplicação de determinadas metodologias tradicionais em sala, que dispensam ferramentas e sites atrativos da rede, foram bastante comentados pelos entrevistados, como dificuldades enfrentadas na sociabilização dos jovens da cibercultura. A citação acima do professor G evidencia isso, bem como as opiniões de Lévy (2005) e de Enguita (2004) sobre a maior atração dos jovens pelo ingresso livre na Internet que por práticas tradicionais de ensino.

Segundo Lévy (2005), os sujeitos não suportam padronização e rigidez nas formas de aprender por isto não corresponder às suas reais necessidades e ao caráter singular e diversificado de seus percursos de vida. A forma de aprendizagem cooperativa no ciberespaço, massificada mas, ao mesmo tempo, personalizada, volta-se ao atendimento dos interesses e necessidades dos alunos. Para Papert (1994), os próprios alunos pressionam as

escolas a mudanças, na medida em que demonstram cada vez maior desmotivação e rejeição à escola, que não acompanha o desenvolvimento tecnológico conquistado pela contemporaneidade.

Os professores enfatizam que o uso inapropriado da Internet tem sido desestimulado pela escola, ao bloquear determinados *sites* de bate-papo e de relacionamento em seus computadores, como *MSN* e *Orkut*, mas tem sido uma dificuldade, no geral, direcionar os jovens para os afazeres escolares, por preferirem, muitas vezes, conversas paralelas com ou sem computador conectado à rede, destoantes do tema da aula.

De acordo com os professores, em sua totalidade, torna-se cada vez mais difícil fazer os jovens realizarem com maior seriedade as tarefas executadas com o auxílio da rede e cumprirem seus deveres escolares com maior responsabilidade. Na visão docente, como um todo, os adolescentes têm demonstrado pouca cautela na realização de pesquisas em rede.

Todos os professores comentaram sobre a resistência dos jovens e até mesmo sua desobediência com relação ao seguimento das proposições e condições pedagógicas indicadas por eles, utilizando a rede como ferramenta de aprendizagem. Tal indisciplina no comportamento com o mau uso da rede se dá, sobretudo, com a prática da cópia de trabalhos escolares pela Internet.

A maior autonomia possibilitada aos jovens de administração de seus recursos, tempos de estudo e liberdade de escolha de interesses com relação a sua aprendizagem com a utilização das novas tecnologias, parece estar sendo mal concebida e empreendida por eles em seu processo de formação, em dados momentos. Isto contraria, sob certas circunstâncias, o que consideram Kenski (2007) e Magdalena e Costa (2003) que avaliam a autonomia dos alunos nestas ações contribuir a uma potencialização da aprendizagem com o uso das novas tecnologias.

Os professores revelam que a pouca responsabilidade e senso crítico dos jovens com relação ao que produzem com a utilização da Internet, manifestada com a ocorrência do fenômeno “copiar-colar”, consiste, no entanto, em uma situação oportuna e aproveitada por eles para a discussão de valores e princípios com os discentes. Tal fenômeno torna-se, portanto, pauta favorável, paradoxalmente, à formação deles. Esta ação voltada a uma melhor sociabilização dos alunos não é debatida, em geral, de modo previamente planejado.

A professora N comenta que o entretenimento das ações pedagógicas desenvolvidas no ciberespaço pelos estudantes leva-os, erroneamente, a perceberem-nas como mero lazer, em alguns momentos, no que parece impedir, em seu discurso, a seriedade necessária ao cumprimento de suas obrigações escolares. Para a professora B, tal condição, citada por N, relativa ao excesso de descontração nas ações em rede, traz complicações e dificuldades com relação ao processo avaliativo dos jovens, pela demasiada imaginação manifestada, por vezes, em suas atividades escolares.

Tal questão traduz uma falha na alfabetização tecnológica dos estudantes do Ensino Médio das escolas particulares, nas quais atuam os docentes entrevistados. Em outras palavras, reflete um ingresso pouco crítico, assertivo e sociabilizador nos ambientes virtuais, tal como avaliada esta alfabetização por Magdalena e Costa (2003). Isto será melhor comentado mais adiante.

A punição dos alunos por suas más condutas escolares tem sido uma dificuldade sentida em sala pelos docentes, em virtude dos alunos serem castigados por seus pais, em casa, com o afastamento do computador, situação que não é aceita pelos discentes. Os pais tomam essa atitude indesejável aos estudantes após saberem das faltas no comportamento dos filhos, quando comunicadas pela escola.

A seguir será configurada a identificação e análise das principais mudanças no comportamento dos jovens, sob a influência do uso da Internet, a partir da percepção docente, e suas repercussões em sua sociabilização, em sala e para além dela, as quais, por sua vez, melhor explicam as dificuldades dos professores em sua prática profissional. Estas alterações estarão dispostas por tópicos, para uma maior clareza.

4.4 Mudanças comportamentais desfavoráveis à sociabilização dos jovens com o uso da internet

Este subcapítulo discorre sobre as modificações dadas nos modos de ser, pensar e agir dos jovens, avaliadas pelos docentes como desfavoráveis a uma boa sociabilização. De acordo com os informantes, isto se engendra, a partir de características perniciosas dos alunos, comprometedoras do aspecto moral, delineadas abaixo. Práticas ilícitas na rede introduzem o rol destas.

4.4.1 Práticas ilícitas na rede

Na opinião dos professores, condutas inapropriadas a uma boa formação e sociabilização e, ou, questionáveis, com o uso da rede passam a ser mais frequentes no comportamento dos jovens. No que se reporta a este ponto revela a professora B:

Muitos jovens não fazem aquilo que mandamos em sala. Quando tem aula no laboratório de informática com acesso à Internet eles não querem traduzir o texto pelo que sabem, vão direto ao tradutor e acham a resposta. Isto é um problema porque muitas traduções saem completamente mal feitas nos *sites* e os alunos não ligam para isso, entregam do jeito que está lá. Querem ter pouco trabalho, não querem também ler os livros indicados, preferem os resumos das obras que pegam na Internet.

Segundo Nicolaci-da-Costa (1998), a lógica da esperteza, do tirar vantagem, vigora, nesses casos. A professora S explica que muitos jovens copiam uns dos outros seus trabalhos, pela Internet, e que ao fazerem isso não somente os trabalhos praticamente iguais e pouco ricos prejudicam a originalidade e a criticidade dos jovens, como os leva a manifestar comportamentos dissimulados em sala de aula, quando descobertos por ela. Em suas palavras:

Eles me entregam folhas com HTTP escritas em baixo, misturando o português com o inglês, por causa da tradução mal feita do tradutor de textos. A aula fica extremamente desmotivante porque eu tenho que parar, reclamar, pedir para eles lerem o que me entregaram para se darem conta do que fizeram e que os seus trabalhos estão iguais por terem tirado tudo da mesma fonte. Tenho que mostrar a eles anotado em um papel o *site* em que eles tiraram o material para comprovar o plágio. (Professora S)¹²

As professoras B e S comentam que, diante da repreensão por sua descoberta de tal ato ilícito, bem como de mesclagens de informações de diversos *sites* distintos em um só trabalho, os discentes negam o plágio até elas prová-lo ou dizem que não fizeram nada de errado por não saberem que o que produziram não era uma pesquisa, chegando alguns até a rirem de suas admoestações. Isso demonstra, portanto, falta de respeito, embora as educadoras não professem tal julgamento em seus discursos.

Desrespeito e desconsideração do aluno para com o professor, sobretudo em momentos de admoestações com relação às práticas transgressoras do uso da rede pelos discentes, são frequentes. Chacotas, ofensas, indiferença, sarcasmo dos alunos diante de

¹² Nicolaci-da-Costa (1998) avalia que a condição de proteção dos direitos dos autores da nova civilização digital é uma incógnita e um desafio para a educação e formação dos alunos, assim como é a condição de aprendizagem com as mensagens postadas nos espaços da rede, de forma extremamente livre.

repreensões a cópias de trabalho por eles feitas, foram reveladas. A citação abaixo elucida essa ideia:

Já houve casos de jovens que imprimiram um trabalho direto da Internet, com referência e tudo. Quando descobrimos e repreendemos este erro, alguns negam friamente, alguns riem; outros admitem a falta cometida, mas não demonstram arrependimento do ato, na maior 'cara de pau' e ainda reclamam com o professor, por ele não aceitar o trabalho como pesquisa. Ainda tem aqueles também que se queixam com outros docentes da nossa não aceitação do seu trabalho copiado. Mas tem alguns que se desculpam e falam, envergonhados, que não tiveram tempo para realizar suas tarefas. (Professora B).

A professora S defende os alunos, argumentando que muitos não sabem o que é uma verdadeira pesquisa, pela imaturidade deles com relação a esta prática. Avalia que não é “malandragem” de grande parte dos jovens essa atitude de copiar-colar trabalhos, por esta razão. Mas, em seguida, desdiz isso, ao informar que todos recebem um roteiro de pesquisa, antes de realizá-la, o qual explica como fazê-la passo a passo e que o mesmo explicita que cópias da Internet não são permitidas. Orientações que ela endossa em sala.

Mesmo com tais esclarecimentos, revela que alguns jovens continuam, muitas vezes, a realizar várias pesquisas cometendo tal fraude, a seu ver somente para o ganho de pontos para atingir a média escolar, o que dificulta ainda mais a avaliação em sala dos trabalhos individuais e grupais dos alunos, com a similaridade extrema das cópias de trabalho em rede.

A professora parece aludir, em sua fala, a uma manifestação de pouca singularidade na formação dos jovens pela falta de leitura, análise, compreensão e síntese própria dos dados obtidos, pelo desvirtuamento da ação da pesquisa com o auxílio da Internet. O que contradiz a ideia de Marques (2006) que afirma que a rede corrobora para a formação de uma heterogeneidade nas expressões dos sujeitos, com base em uma pluralização subjetiva.

Dowbor (2005) alerta sobre o perigo do mau uso das tecnologias, por a mesma contribuir para que os sujeitos façam com elas mais “bobagens” que as feitas anteriormente à sua existência, porém agora de forma mais frequente e mais rápida pelas facilidades que estas engendram às ações de seus usuários. A professora N esclarece que, conhecendo a capacidade intelectual do aluno, não é difícil identificar o plágio. Comenta que os jovens nem sempre reconhecem tal prática como crime, ainda que a mesma endosse tal ação como criminosa, ou seja, não assumem seu erro. Frisa ainda: “Hoje, não se perde mais tempo indo atrás de enciclopédias empoeiradas e desatualizadas, mas tem esse lado negativo.”

Kenski (2007) e Marques (2006) denunciam a tendência à prática da pesquisa restrita à busca de informações na Internet, que dispensa os jovens da leitura de livros, revistas, jornais e outras fontes de informações não digitalizadas importantes para a aprendizagem e formação humana, no entanto, cada vez mais ausentes em suas bibliografias.

Cesaltina (2007) refuta essa ideia acreditando que os impactos da chamada “tsunami digital”, ou seja, os efeitos negativos da utilização da Internet para atividades escolares sobre o desempenho e formação dos alunos são mais mitos que verdades. Santos (2001), entretanto, avalia que a Internet, por ser descentralizada, não submetida a um controle, torna-se um tipo de espaço sem regulamentos, normas e limites. Qualquer um pode construir uma *web page* e navegar seja para informar-se, comprar um livro, visitar a Capela Sistina, aprender a fazer bombas, a copiar trabalhos e até mesmo para discriminar pessoas.

O professor D comenta que, em casos mais graves, mas felizmente mais raros, ocorre, inclusive, a compra e a venda de trabalhos, e outras faltas relacionadas ao uso da Internet e das novas tecnologias, como o uso ilícito de aparelhos eletrônicos, durante a aula, com fins espúrios. O próximo item discute o descompromisso dos alunos para com regras de convivência em ambientes virtuais e traz um exemplo desse comportamento. Explica ainda como estes artefatos tornam-se poderosos instrumentos de recepção e produção de informações sob o domínio dos jovens, decisivos no processo de sua sociabilização, como julga Rivoltella (2007).

4.4.2 *Descomprometimento dos jovens com as regras da “netiqueta”*

Segundo Cesaltina (2007), o respeito a regras da netiqueta, explicitadas no tópico 3.6, com o qual se demonstra civilidade, ocorre e desmitifica a ideia de que na Internet tudo pode, em virtude da possibilidade de anonimato em rede.

Os professores evidenciam, no entanto, uma tendência ao descumprimento de tais regras pelos jovens, em algumas ocasiões. Nestas circunstâncias se manifesta, por vezes, também um certo descaso no estabelecimento de uma boa relação com o professor, a partir do uso emparelhado da Internet e demais tecnologias sofisticadas. O depoimento a seguir exemplifica isto e evidencia o que pontua Nicolaci-da-Costa (1998) sobre o descompromisso dos alunos com relação a regras de tratamento social, deflagrado com o mau uso da rede:

[...] um jovem mais esperto, pode filmar com o celular o que o professor mais brincalhão faz na sala e lançar a gravação na Internet sem nenhum empecilho e isso complicar as coisas, até porque tudo flui muito rápido. O colégio não aceita o aluno com o celular durante a aula, mas isto pode acontecer, como também a divulgação de gabaritos de provas por eles por meio deste aparelho, em momentos não autorizados. (Professor D).

O professor G dá a entender que o mau uso da Internet pode macular a imagem dos jovens, sobretudo dos mais inexperientes e imaturos, e que isto pode trazer implicações para seu processo de aprendizagem, bem como comprometer a sua sociabilização com várias pessoas, que não só a estabelecida com o professor ou colegas de sala. Tal aspecto se relaciona também à exposição demasiada dos adolescentes na Internet, a qual pode trazer uma popularidade perniciososa.

4.4.3 *Exposição demasiada em rede*

O professor P analisa que os discentes se expõem em demasia na Internet, lançando-se no ciberespaço de modo livre, buscando prazer e com pouco senso crítico para agir bem em tal ciberespaço, sabendo pouco lidar com o que encontram por meio dele de forma a preservar suas boas condições de formação e sociabilização. Também em seu discurso ratifica a percepção do professor D e G no que se relaciona à desobediência dos estudantes às regras da netiqueta:

[...] Acontece também, por exemplo, do jovem beber nas farras, aí coloca fotos no *Orkut* com cara de embriagado, o que é ruim. Porque o professor acaba criando estereótipos dos alunos. Isso não gera problemas para mim com eles em sala, mas fica difícil neutralizar a impressão que se tem do adolescente de que ele é um farrista, um fanfarrão. Isso não só eu que acho. Eu já cheguei a comentar isso com eles. (Professor G).

Conforme Thompson (1999), novas formas de publicidade – estendendo e transformando a tradicional forma de publicidade, com maior penetrabilidade dos meios de comunicação –, podem se converter em uma fonte de um novo tipo de fragilidade para os sujeitos. Ele analisa este problema como relacionado à exposição, na mídia, de líderes políticos, desprovidos de condições de controle do fenômeno de sua visibilidade, situação que lhes gera transtornos. Bom destacar, no entanto, que problema similar foi comentado pelos professores no que tange ao uso da Internet por jovens.

Thompson (1999) evidencia que a incapacidade de controle do fenômeno da visibilidade de si, com base nesta nova mídia, tem induzido um comportamento de

policciamento contínuo de suas atitudes pelos sujeitos submetidos a tal situação, bem como um alto grau de reflexividade para o monitoramento de suas ações e expressões, visto que, tal como frisa, atos indiscretos ou inconsequentes podem, caso gravados e transmitidos a milhões de pessoas, ter desastrosas consequências.

Esta reflexividade e policiamento mencionados por Thompson (1999), na visão dos professores, não têm sido, no entanto, uma atitude muito adotada pelos jovens, como ilustra a própria citação feita acima. Isso vem permitindo uma série de comprometimentos na vida social dos discentes. Todavia, este autor revela as possíveis consequências indesejáveis de tal negligência nos modos de se comportar. Comenta que os sujeitos expostos a tal visibilidade encontram-se vulneráveis a gafes, a vazamento de informações pessoais, escândalos, problemas que podem vir até sobrepostos uns aos outros.

Lévy (2005) revela um possível aumento da banalidade das ações em rede, boatos, acúmulo de dados fúteis, crenças acríticas em comunidades virtuais. Estas condições trazidas por este autor foram identificadas pelos professores na vida dos alunos. Os docentes discorrem que a exposição de imagem dos jovens na rede e os problemas delas decorrentes têm se estabelecido, sobretudo, a partir de *sites* de relacionamentos, com o mau uso do *Orkut*, comprometendo a qualidade de sua sociabilização e formação.

Conforme os professores, a vida dos jovens altera-se também decisivamente, com a imersão em culturas estrangeiras, de modo alienado, a partir da atuação na rede, havendo uma suspensão do senso crítico, como revelado no ponto subsequente.

4.4.4 *Incorporação massificada de culturas estrangeiras, por jovens menos críticos e mais imaturos*

O informante P considera problemáticos os comportamentos que julga infantis dos alunos, de apresentarem traços orientais na maquiagem, nas roupas, no penteado e cantarem músicas japonesas de personagens de mangás, sem saberem e não aprofundarem o conhecimento dos princípios e valores daquela cultura, que assimilam e propagam com tais ações.

Em outras palavras, essa reprodução de personagens virtuais e da TV nas atitudes em sala e nas apresentações até mesmo de trabalhos escolares dos adolescentes, discorrida por

esse educador, não carrega um maior sentido à existência coletiva dos sujeitos acerca de seu contexto histórico cultural e impulsiona, a partir de modismos, um comportamento consumista irrefletido nos jovens, ao que tudo indica.

Tal condição parece convergir para o pensamento de Rüdiger (2002), fundamentado em Simmel (1990), quando revela que um predomínio de interesse pelo tecnológico pode levar a um menor refinamento da subjetividade e a um distanciamento dos sujeitos de si próprios, bem como a uma valorização de laços com base em relações mercantis. Jovens que reproduzem em seus comportamentos, de modo mais generalizado, personagens de mangás, parecem justificar a preocupação dos autores sobre as fraturas nos processos de sociabilização da atualidade.

Ao que se pode pensar, tais atitudes confirmam também tendências da transposição do mundo do faz-de-conta para a vivência da realidade, emblemáticas na cultura da virtualidade, conforme Castells (1999). Aproxima-se ainda das fantasias remetidas às possibilidades infindáveis de desenvolvimento do ser humano e transcendência pela utilização das novas TICs, reveladas por Felinto (2005).

A questão tratada neste item parece relacionar-se, também, ao que trazem os professores a respeito dos interesses em termos de conhecimentos dos jovens, comentada a seguir.

4.4.5 *Menor interesse por conhecimentos científicos e pela realidade social*

Conforme os professores, os jovens na atualidade não têm desenvolvido, satisfatoriamente, o poder analítico, crítico ou o menor interesse por um conhecimento mais consistente e aprofundado sobre temas formais. Relacionada a isso está a diminuição da leitura dos livros adotados e indicados pela escola e a desarticulação dos saberes científicos com os saberes construídos pela conexão em rede. Como mesmo reitera os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL: MEC, SEMTEC, 1999), há nos jovens ingenuidade e irreflexão do pensamento com a expansão de reducionismos no campo das filosofias de vida, ou seja, predomínio dos “achismos”.

O professor P justifica tal ideia lamentando o uso da Internet pelos jovens para pesquisas sérias sobre assuntos que pouco envolvem a resolução de problemas pessoais e

coletivos concretos, pouco valorizados pelos alunos, a seu ver. Comenta que os alunos, desorientados, não sabem também tratar e aplicar em suas vidas as informações que apreendem da Internet, em virtude de um baixo senso crítico, dificuldade de relação da teoria com a prática e pouca preparação para o enfrentamento dos problemas do dia-a-dia. Sobre esta questão abordam Magdalena e Costa (2003, p. 83):

Podemos dizer que professores e alunos estão soterrados por um massa caudalosa de informações em contínua transformação e da qual retiram apenas porções esparsas e fragmentadas que constituem em suas mentes uma difusa miscelânea, incapaz de auxiliar nos momentos de confronto e tomada de decisão. Uma das suas consequências graves, constantemente detectada, é a de dificultar o desenvolvimento dos povos, na medida em que sua população não apresenta competências para aprender e propor alternativas de solução para problemas tanto de sua realidade local como da universal.

A professora S complementa o entrevistado acima afirmando que uma parte significativa dos alunos é pouco conhecedora do mundo, pela superficialidade de seus conhecimentos mais formais, por preferirem inteirar-se de banalidades da TV propaladas na Internet, permanecendo com uma visão desorientada, fragmentada e de senso comum sobre as coisas, de um modo geral. Tece esse comentário, contudo, com relação aos mais imaturos. Esta informante não se detém em explicar como isto interfere na sociabilização dos jovens, mas, por seu discurso, pode-se depreender um certo descaso dos jovens por debates fundamentados em questões científicas e em torno de temáticas de relevância social, importantes para o exercício da cidadania.

A menor utilização das informações da rede para questionamentos e debates mais aprofundados e consistentes sobre questões sociais e as possíveis resolução destas, foi enfatizada por grande parte dos professores. A partir do discurso dos educadores, parece, portanto, o interesse e dispêndio de tempo dos jovens na montagem e participação em comunidades virtuais de aprendizagem ser reduzido comparado à atuação em outros tipos de grupos virtuais, com propósitos diferentes desta aprendizagem mais educativa. Isto pode, deste modo, dificultar um maior nível de criticidade e formalização do conhecimento também, visto que, segundo Kenski (2007), comunidades virtuais de aprendizagem que desenvolvem projetos mais voltados ao social potencializam este salto qualitativo no pensamento.

Os tópicos seguintes propiciarão maiores esclarecimentos relativos a estas condições da sociabilização dos jovens na cultura digital. O interesse desprovido de compromisso em saber da vida de terceiros é relatado a seguir.

4.4.6 *Interesse descompromissado em saber da vida do outro*

A preferência por trivialidades e a superficialidade das informações da Internet tem se dado a partir do comportamento habitual dos alunos em ficar a par da vida de pessoas, em “ficar de olho na vida alheia”, na visão dos professores G e S. Os professores comentam que os jovens gostam muito de acompanhar o que se passa com os participantes do *reality show Big Brother* pela Internet e também na vida de pessoas, pelo *Orkut*.

O escrutínio da intimidade do outro pelos alunos internautas consiste em uma nova forma de sociabilização dos jovens, com base no relato dos informantes, e um empecilho, ao que indica, a processos formativos mais voltados às transformações para a melhoria da sociabilização dos jovens e a encontros mais autênticos com o outro.

Para Castells (1999), a realidade na sociedade em rede, imersa em uma gama de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, faz com que o que seja considerado aparente na experiência com o computador se transforme na própria experiência. Tal condição parece corroborar na visão do autor para um desencantamento do mundo tal como ele assim expressa: “As sociedades ficam final e verdadeiramente desencantadas porque todos os milagres estão on-line e podem ser combinados em mundos de imagens autoconstruídas.” (CASTELLS, 1999, p. 397).

Desta forma, uma maior atração pelas imagens propagadas na TV e na Internet parece manifestar, nestas circunstâncias, não só um maior interesse pela vida do outro, mas, em paralelo a isso, um desinteresse pela realidade concreta dos processos de sociabilização, como trazido no tópico anterior.

Percebe-se, também, aqui, uma possível submissão deliberada dos sujeitos a decisões e controles por potências econômicas, a partir do uso da Internet, que pode estar fortalecendo-as. Ou seja, megacorporações podem estar obtendo êxito comerciais com esse ingressos constantes no ciberespaço para o acompanhamento da vida alheia, em sites construídos e mantidos por elas em rede, fomentando esse comportamento pernicioso dentro e fora dela.

Como revela Dowbor, os bombardeios publicitários ocorrem com frequência pela TV e pela rede (2005, p.70), “[...] estamos entrando num universo que não tem nada de inocente, ocupado por gigantes financeiros e midiáticos, veiculando valores que podem

representar exatamente o que não gostaríamos que contaminasse os nossos alunos.” Este autor alerta para o perigo do consumismo pelos discentes, instigado pelo bombardeio publicitário.

Tal condição de mergulho no ciberespaço vivenciada pelos jovens contraria a ideia que professa maiores condições de poder com a Internet aos que nela atuam e menor vulnerabilidade a manipulações ideológicas pela rede, tal como considerada por Castells (1999) e Lévy (2005). Também se pode relacionar esta questão ao império do imaginário tecnológico descrito por Felinto (2005), já comentado anteriormente. Este império também parece propiciar mudanças na percepção dos jovens relativas às imagens de pessoas, como reveladas a seguir.

4.4.7 Exortação de personalidades

Um problema manifestado pelos jovens, envolvendo o comportamento acima tratado, é a exaltação de pessoas conhecidas pela rede, não só celebridades visadas pela mídia, mas também de internautas com que os jovens se identificam e até mesmo do próprio professor que com eles interagem no espaço cibernético.

A professora S salienta o perigo da sondagem intensa, pelos jovens, da vida de artistas e de seus ídolos, diariamente pela Internet, visitando seus *blogs*, e a adoção de determinados padrões de comportamento daqueles que veneram, como é o caso da anorexia em alunas que se espelham em modelos magérrimas, bem sucedidas e famosas:

Pela Internet eles ampliam muito o conhecimento da vida, mas ficam muito vulneráveis a interagir e até idolatrar gente que não conhecem, pessoas que não têm convívio, a fazer o que eles fazem sem se questionar. Isso acontece muito, porque eles não conseguem filtrar as coisas muito bem. Também adoram vigiar, bisbilhotar a vida dos outros, fofocar sobre quem está com quem, quem faz ou vai fazer o quê, não é à toa que usam tanto *Orkut* e *MSN* e que o *Big Brother* faz tanto sucesso não só pela TV, mas também pela Internet. Este acompanhamento todo não é bom para eles. Mas isso não é coisa só de jovem. (Professora S).

A professora S comenta que as atitudes imaturas dos jovens não se devem somente à influência dos membros de seus grupos de sua mesma faixa etária, mas também pelo que observam no comportamento questionável até mesmo de pais e adultos com quem *convivem*, seja presencialmente ou no ciberespaço, como é o caso do vício em assistir ao *Big Brother*. Como analisa Castells (1999), a individualização do comportamento parece ser aceita sem resistência, bem como a impotência da sociedade frente a seu destino.

Esta exortação de personalidades associa-se também a um incremento do uso da rede pelos jovens para trocas de experiências e aconselhamentos com os demais internautas, de modo pouco direcionado, como tratado neste próximo subitem.

4.4.8 *Busca desnorçada de orientação em rede*

O professor G revela que os jovens buscam orientação para o seu comportamento a partir de suas conversações plurais na rede, sobretudo no *MSN*, e visitas a perfis de amigos, professores, conhecidos no *Orkut* e também a visitas ao *Google* que os remetem para os mais variáveis sites. Com base nisto, uma infinidade de fontes formadoras de opinião e influenciadoras de seu comportamento fazem parte de sua vida diária, a partir desta busca constante e irrequieta, dificultando, em algumas circunstâncias, uma melhor orientação em sua formação.

Santos (2001) evidencia que, dada a pluralidade de ações boas e más que se pode fazer pela rede, ela se torna uma incontestável fonte de insegurança permanente. O perigo de buscas na Internet está não só na divulgação de informações sem controle sobre pornografia, como também, ao que alude, na ameaça à integridade física e psíquica dos jovens e ao seu processo de socialização em que consiste o possível contato com redes de pedofilia por eles, em suas constantes pesquisas curiosas no ciberespaço. Sobre isso também opina Marques (2007, p.20):

Se, por um lado, o aluno tem a facilidade de acesso a um mundo de informações ao alcance do *mouse*, por outro, essa possibilidade infinita de recursos pode ser um problema se a ferramenta não for bem administrada. Isso se dá pelo fato de que, ao mesmo tempo em que a rede está repleta de conteúdos didáticos, científicos e técnicos corretos e atualizados, também há muitos equívocos, muita informação distorcida que pode induzir ao erro, além, obviamente de conteúdo impróprio.

De acordo com os professores N e D, a curiosidade aguçada sobre inúmeros temas coloquiais, sentida pelos jovens, e comentada por Nicolaci-da-Costa (1998), os leva a vasculhar a Internet em busca maior de diversos tipos de conhecimento e deparar-se com conteúdos inapropriados ao seu grau de maturidade, e que os fazem saltar etapas do seu desenvolvimento, comprometendo a sua formação. Como diz um deles:

[...] Acho que eles estão muito soltos, meio que abandonados. A Internet tem a ver porque eles buscam orientação na rede e não acho que ela seja um bom orientador. Eles acessam o site que querem e existe muita informação perigosa e deturpada. Eles

entram em contato com coisas que não condizem com a idade deles e não tem quem fiscalize. (Professora N).

Esse quadro delineado pelos docentes, com base em suas percepções, condiciona um mal-estar aos internautas componentes do universo educacional, por não saberem bem lidar com o imprevisível apresentado por meio dela. “[...] para o desespero de muitos, há nesse espaço uma enorme abertura para o diverso, o não-controlado, o desconhecido, o desordenado.” (MAGDALENA; COSTA, 2003, p. 54).

Os professores parecem avaliar que as consultas frenéticas dos jovens em diversos sites da rede, com vários propósitos simultaneamente, ou seja, o seu comportamento de pesquisar assuntos diversos desde os propostos pela escola até os de interesse pessoal, às vezes ao mesmo tempo, desconsiderando a sua maturidade para o acesso a determinados conteúdos divulgados na rede, como prejudicial a uma boa orientação moral dos jovens.

Castells (1999) explica, remetendo-se à tese de doutorado de Penny Gurstein, que os usuários de computadores perturbam-se com a falta de separação entre trabalho e lazer, devido, supõem os estudiosos, à dificuldade de separação institucional de tais domínios de atividade, sobretudo, com a possibilidade de navegação no ciberespaço, em casa, com diversos fins. Isto confunde, a seu ver, códigos de comportamento, o que pode estar acontecendo com os jovens. A utilização da Rede Mundial de Computadores no ambiente doméstico, com fins múltiplos, parece corroborar para seu uso em demasia, como leva a crer o subitem a seguir.

4.4.9 Vício de Internet

O uso abusivo, irrefletido e desregulado da Internet, pelos jovens, sem imposição de limites, é apontado por todos os docentes com um obstáculo à sociabilização dos alunos. Para Kenski (2007), a dificuldade de estímulo dos discentes com relação à realização das tarefas escolares deve-se por muitos preferirem dedicar horas a fio de seu dia a jogos em rede em casa ou em *lan house* que estudar para a prova do dia seguinte.¹³

¹³ “*Lan house* é a sigla que identifica uma *local area network*, ou seja, uma estrutura de cabos que liga em rede vários computadores de pequeno e grande porte. As *lans* foram criadas para facilitar a partilha de memórias e recursos disponíveis em rede, para a realização de trabalhos por um número maior de pessoas. O seu uso como espaço de diversão veio pela inventividade dos próprios usuários, que ficavam nos escritórios e salas de aula

O vício em jogos virtuais, cada vez mais comum, dificulta, ao ver da professora B, um maior interesse na realização das tarefas passadas em sala de aula ou para casa. No entanto, a professora parece conceber como benéfica a aptidão alcançada por eles em uma série de habilidades, relacionadas ao raciocínio, à memória e à coordenação psicomotora, a partir do enfrentamento das dificuldades que o jogo apresenta e a dedicação dos mesmos em sua superação. A docente não percebe ou comenta, porém, os malefícios que tal vício pode lhes trazer neste âmbito do convívio com os outros, como: o distanciamento ou afrouxamento do contato social, de um modo geral. Kenski (2007) pontua, no entanto, que o entretenimento dos alunos nas interações lúdicas virtuais não deve ser visto como de todo problemático, e rechaçado, pois este pode favorecer modos novos e prazerosos de interação e aprendizado.

Embora tenha um pensamento marcadamente exortativo das redes, Lévy (2005) menciona que o estresse pela comunicação em rede e atividades frente à tela podem levar ao isolamento e à sobrecarga cognitiva; o vício nas navegações e nas ações lúdicas na Internet pode conduzir a um estado de dependência em relação ao ciberespaço. Isto os professores têm identificado na vida dos jovens internautas.

O professor G frisa, porém, que o problema não é tanto a quantidade de acessos, mas, sobretudo, a qualidade do que fazem os jovens na Internet. O professor D sugere que tal vício fortalece-se também por interesses financeiros dos jovens, que incrementam, ao que se pode conceber, de certo modo, determinadas áreas do mercado. Evidencia, no entanto, isto relacionar-se ainda à satisfação de desejos de ordem afetiva:

Os jovens não conseguem ficar longe da Internet, faz parte do cotidiano deles, é seu maior meio de comunicação, para namorar, para fazer tarefas, até para ganhar dinheiro em cima do que produzem. Muitos jovens tornam-se adultos antes do tempo, também por acessarem e gostar de trocar material erótico pela rede. A gente sabe que existe muito material pornográfico circulando entre eles, desta forma. (Professor D).

Castells (1999) ratifica o fato de que todas as esferas de atividades sociais se desenvolvem na atualidade por meio da comunicação mediada por computadores e que também o sexo via rede tem se expandido pela busca de alternativas dos sujeitos de expressão de sua sexualidade, incrementando um mercado de estimulação sexual computadorizada. Isto se dá, sobretudo, pelo fato da cultura atual abrir possibilidades múltiplas para a vivência de

depois do expediente para jogar. Hoje, elas estão por toda a parte e deram origem a um tipo de espaço especial, misto de loja de suprimentos para computadores e cafés, as *lan houses*.” (KENSKI, 2007, p. 116).

fantasias sexuais, com interações não visuais e o ocultamento das identidades, propiciadas pela tecnologia da virtualidade.

Nicolaci-da-Costa (1998) opina que, em geral, é comum os internautas, para ganharem tempo, ficarem desenvolvendo diversas atividades, conectados à Rede. Também é frequente, após horas exaustivas de utilização do equipamento para a resolução de tarefas difíceis, pausas para distração e “descanso” da mente com jogos no computador, o que agrava a dependência com relação à máquina e maximiza as ações desenvolvidas no ciberespaço. O interesse deles em fazer tudo pela Internet é o que os levam a desenvolverem *netvícios*, compulsão pela Internet.

Nicolaci-da-Costa (1998) acredita que a realização de multitarefas simultâneas no computador relaciona-se a temores relativos a uma má condição de empregabilidade no mercado, caso não acompanhem o ritmo de atualização das informações, processadas em Rede. A Internet é, pois, experienciada, sob um dado aspecto, como um meio de comunicação veloz e voraz no que tange à aprendizagem, que corrobora para mudanças comportamentais e sociais. Tal temor dos jovens, porém, não foi salientado no discurso docente.

Ainda no que compete ao vício à “rede das redes”, de acordo com o professor P, o uso intenso e extensivo da Internet na vida dos jovens faz com que as novidades em termos de notícias sobre fenômenos sociais cheguem ao conhecimento de todos de uma forma muito veloz e até mesmo curiosa e impactante no contexto de sala de aula, o que altera as condições de sociabilização dos alunos.

A informação instantânea, em todo o globo, e as conversas interativas em tempo real, nas comunicações em rede, oferecem instantaneidade sem precedente aos acontecimentos sociais e expressões culturais. A intemporalidade, a “fuga ao relógio”, torna-se a marca dos espaços de fluxo da sociedade em rede. (CASTELLS, 1995). O professor P ilustra o que concebe este autor, comentando como isto altera as condições de sociabilização na escola e como se dá a construção da virtualidade de que trata este teórico:

Um aluno com um desses aparelhos celulares super modernos que pega Internet, gritou para todo mundo, durante a aula, a notícia em primeira mão, que só ele da turma estava sabendo, da queda do *World Trade Center*, no momento em que o fato ocorreu. Ele recebeu mensagem com vídeo, enviado por alguém por este aparelho, ou acessou ele mesmo essa informação em sala de aula e resolveu propagar a informação. A aula não foi mais a mesma.

O professor P critica o aluno por ter prejudicado a aula, mesmo estando ciente de que iria fazer isso; censura a vontade deste de sobressair-se no grupo por ser o portador de tão relevante informação, bem como o orgulho de que se encheu aquela turma na escola, por ter sido a primeira a conhecer tal fato histórico marcante.

Questão discutível que diz respeito à boa sociabilização dos jovens, é o aluno usar, em sala, aparelhos proibidos de serem utilizados na hora da aula, manter-se indiferente à fala do professor durante esta; mas, sobretudo, o fato de a notícia pungente como a dada pelo jovem parecer ter provocado, pelo discurso docente, mais um sentimento de prestígio e orgulho da turma com relação às demais, sentidos coletivamente por esta, pela razão exposta no parágrafo anterior, que comoção pelo seu conteúdo trágico, algo contundente do ponto de vista ético.

Percebe-se também por este depoimento ter se dado uma alteração do clima cultural de tal aula por influência da Internet, contrariando, porém, as expectativas de Marques (2006), que aponta os benefícios do uso da rede para o ambiente da aula. Importante explicitar que este autor acredita que a atuação na “rede das redes” por alunos e professores contribui para uma melhor comunicação, entendimento e integração dos sujeitos em suas interações, não confirmando, neste caso, o discurso docente, pelo uso de tal recurso ter se dado na escola de modo individualizado, em condições inapropriadas, pouco voltadas a propósitos pedagógicos. Não se pode, entretanto, ignorar a importância para a formação dos jovens de discussões de temas de caráter e relevância social como as suscitadas inesperadamente na aula com o anúncio do acontecimento citado.

A impressão dada pelo professor D em sua fala é de que a Internet é uma verdadeira escola para os jovens, bem como um meio privilegiado pelos adolescentes, na contemporaneidade, para se constituírem enquanto sujeitos, em virtude da primazia de seu uso em suas rotinas. Liguori (1995) confirma tal discurso, afirmando que a escola perdeu seu papel hegemônico no processo educacional dos alunos diante da quantidade e variedade de informações assimiladas pela televisão, jogos eletrônicos e a Internet.

Os entrevistados sugerem mediante seus discursos que os discentes desconsideram a importância do professor na formação do aluno, na cibercultura. O professor P queixa-se dos alunos jogarem com seus celulares, durante a aula. O professor D, ilustrando sua opinião descrita acima, revela: “Eles fazem quase tudo do dia-a-dia que podem por lá

(pela Internet). Mesmo assim, o professor nunca vai deixar de ser importante, mesmo com todas as dificuldades que enfrenta.”

Isto parece ser preocupante, pois, segundo Castells (1999), a valorização da experiência do intemporal, vivenciada nos espaços de fluxos, em detrimento da experiência localizada, gera confusão sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos sucedidos em um dado contexto e dificulta uma ação voltada à transformação da realidade social, na medida em que ameaça romper os canais de comunicação da sociedade.

Lévy (2005) considera como um fator de isolamento social propiciado pela rede os exageros no seu uso para a informação e a comunicação, devendo, portanto, ser desencorajado o vício a ela. Para tal autor, este não é algo tão frequente, no entanto, que possa justificar e fomentar o temor coletivo de a Internet substituir as relações sociais face a face:

Temos que reconhecer que há alguns viciados na Internet que passam noites em frente a seu computador, jogando RPGs na rede, participando de discussões on-line ou surfando interminavelmente de página em página. Essas exceções confirmam a regra da não substituição. A imagem do homem-terminal cujo espaço foi abolido, imóvel, grudado à sua tela, não é mais do que um fantasma ditado pelo medo e pela incompreensão dos fenômenos em andamento de desterritorialização, de universalização e de aumento geral das relações e contatos de todos os tipos. (LÉVY, 2005, p. 214).

Os professores, porém, realçam em suas falas o desgosto que é manter distância da Internet, sentido pelos alunos, o sofrimento que a abstinência de acesso à rede traz, em certa medida, à vida dos discentes, sugerindo, com base nisso, a centralidade da Internet, na atualidade, nos processos de subjetivação e sociabilização dos jovens. Como justificam as professoras S e N: “Castigo maior é deixá-los sem computador.” Segundo Cesaltina (2007), as taxas de crescimento da Internet apontam que ela é o meio de comunicação com mais rápida aceitação de todos os tempos, o que faz sua utilização ser ampliada, cada dia mais.

De acordo com Lévy (2005), ações emancipadoras dos sujeitos, relativas à inteligência coletiva, dividem espaço na rede com atuações de potências econômicas, não sendo estes dois tipos de ações mutuamente excludentes, necessariamente, mas possíveis suportes umas para as outras, em razão da interconectividade e da interdependência do universo em rede.

O que se pode depreender, com base no discurso dos professores, é que o uso excessivo da rede, independente das ações que nela se desenvolvam, induz as gerações mais

novas a perceberem a rede como um elemento natural, ou seja, presente desde sempre em sua cultura. Tal aspecto é comentado no próximo ponto.

4.4.10 Naturalização e fascínio pela rede

Oliveira (2002) comenta a sensação de muitos de se sentirem nus sem telefone celular, acesso à Internet, e-mail próprio e computador, em casa, ratificada na própria fala dos entrevistados. Os professores relatam que os jovens admiram tudo que é exposto e trazido sobre a rede e superdimensionam, de modo fascinado, sua importância. A professora N ilustra: “Eles dizem que não sabem viver sem a Internet, dizem que é a vida deles e que não sabem como a gente (professores) conseguia viver sem ela. Perguntam como fazíamos para realizar as coisas antigamente.”

Os docentes evidenciam, portanto, certa descrença dos jovens na possibilidade de se viver sem a conexão em rede diária, para a execução de uma imensa gama de atividades do dia. Isto converge ao que avalia os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL: MEC, SEMTEC, 1999), o qual revela que se manifesta a ausência de percepção dos jovens da ordem de sucessão dos eventos históricos. Os professores parecem indicar que os jovens suspendem, em sua percepção sobre a Internet, a condição de ela ser um produto cultural, naturalizando-a. “Eles não questionam muito sobre o que fazem na Internet. Achem todo tipo de uso muito natural, porque já nascem com essa habilidade para dominar o computador.” (professor D).

Nicolaci-da-Costa (1998) frisa que o desconhecimento de como se davam os processos de conhecimento antes do advento da Internet pode dificultar nas gerações mais novas a reflexão com relação ao uso e efeitos da Rede na vida das pessoas, como é capaz de fazer melhor as gerações mais maduras. A inexperiência dos jovens também obstaculiza tal atitude reflexiva por eles, segundo a teórica. Felinto (2005) explica que a hipervalorização da máquina, bem como a conversão da tecnologia de meio a um fim absoluto impedem a visão efetiva dos fenômenos em processo e o desenvolvimento de uma racionalidade crítica capaz de enxergar de modo mais nítido e plausível as potencialidades propiciadas por ela aos sujeitos, dificultando a indicação de caminhos mais seguros e humanitários para a cultura contemporânea, marcadamente tecnológica.

A exortação da tecnologia atual e o império da fantasia engendram uma nova religiosidade na cultura contemporânea, “[...] uma verdadeira ‘religião das máquinas’, com seus credos, filosofias, sacerdotes e cultos próprios.” (FELINTO, 2005, p.8). Tal religião que idolatra novas tecnologias coexiste, na contemporaneidade, com outras tradicionais e com filosofias e visões de mundo relativistas. Este autor comenta que a religião das máquinas, a tecno-religião, a qual não segue uma regularidade religiosa, dado o seu caráter anti-institucional, tem como atributos essenciais, no entanto, sua espetacularidade e paradoxalidade e ousa conciliar polaridades tidas como indissociáveis, tais como: visibilidade-invisibilidade, corpo e espírito, misticismo e ciência.

Isto parece guardar relação também, sob determinado prisma, com o que explicitam os professores acerca dos cultos e do comportamento dos jovens de incorporação massificada de outras culturas, exortação de personalidades, menor interesse por conhecimentos científicos, descritos neste capítulo. A deificação tecnológica, a naturalização e fascínio pela rede também favorece uma diminuição de interesse dos alunos por atividades que prescindem dela, como versa o subitem a seguir.

4.4.11 Importância secundária de atividades extra-rede

A tendência ao vício à rede, acima analisada, também alude ao desinteresse dos jovens por ações que dispensam o uso da Internet. O professor G avalia negativamente os adolescentes deixarem em segundo plano atividades que julga importante para a sociabilização deles, em virtude das condições de uso excessivo da Internet (Professor G: “Acho que os jovens precisam dar mais valor à vida social que se tem com um esporte, uma dança. Não que eles tenham deixado de fazer isso, mas é preciso alertá-los da importância destas outras atividades.”). Também tal comentário parece associar-se ao fascínio pela rede, já discorrido anteriormente.

Lévy (2005) explica que, por a ampliação do universo das informações, das mensagens e das imagens ocorrer de forma mais rápida que a do universo das relações concretas, dá-se a impressão de uma falta de acompanhamento do processo de fluxo do real com relação ao virtual. O fluxo intenso do virtual parece atrair mais os jovens que as ações mais lineares da vida cotidiana, com base no que expõem os professores.

Para Nicolaci-da-Costa (1998), a percepção do dia como curto para executar tudo que tem para ser feito nele, tem sido angustiante para jovens e favorecido um estado de ansiedade. Como ilustram as professoras N e B, alguns alunos fazem, em casa, pesquisas na Internet mal feitas, alegando não terem tempo para concluí-las de modo devido.

A citação do professor G acima parece exemplificar o fenômeno da “centralidade na casa” (ver subcapítulo 3.4) e o individualismo, evidenciados por Castells (1999). É importante esclarecer que os jovens mantêm trocas intensas na rede com os demais, em seus lares, buscando serem prontamente atendidos em suas demandas evidenciadas em rede, tal como revelam os professores.

A professora N analisa que a fase da adolescência é uma fase de experiências intensas pelos jovens e que a Internet, enquanto meio privilegiado por eles para vivê-las, torna-os vulneráveis ao isolamento do “mundo externo”. Esta citação também expressa o perigo do vício à rede, já abordado anteriormente:

É preciso entender que os jovens mudam porque eles são adolescentes, estão numa fase de mudança mesmo, independentemente da Internet. A Internet é negativa para aqueles que vivem de *Orkut*, *MSN*, *Youtube*, para os que passam o dia no computador. Por que aí eles não vivem, só mantêm contato com o mundo por lá. (Professora N)

Segundo Nicolaci-da-Costa (1998), o fascínio dos jovens pelo mundo cibernético leva-os a fugirem para esse espaço como forma de lidar com problemáticas do cotidiano. Não é raro, com isso, alguns se isolarem, serem considerados como misantropos e sofrerem, como já comentado, com curtos períodos de abstinência de conexão à Rede. É sabido de um desinteresse dos jovens pelo contato com os problemas sociais, com base no discurso docente já relatado. No entanto, os professores não veem os jovens como isolados do mundo, ao comentarem vários encontros dos alunos, marcados pela Internet, ou seja, formas de sociabilização, com base em relações extra-rede.

Importante pontuar, porém, que, em geral, estes encontros, sobretudo os fora da escola, se dão entre jovens de mesma classe social, entre colegas de turma e de outros colégios de bairros nobres, em sua maioria, conforme os professores. Tal condição parece convergir ao que analisa Santos (2005) acerca da disposição interacional em rede voltada à manutenção de contatos e um maior convívio com o semelhante. Confirma, nesta situação, o que opina Castells (1999), de que a metarrede construída por ignorar grupos desvalorizados estabelece um distanciamento social. O próximo item e outros, ao longo desta dissertação,

abordam as condições destes e outros encontros e desencontros dos jovens no e a partir do mergulho no ciberespaço.

4.4.12 Amizades versus conflitos, nas interações face a face propiciadas pela rede

Os professores revelam que o uso generalizado da rede para diversos fins influencia não somente a aprendizagem, mas também as condições de interações sociais com os demais, de um modo geral, trazendo benefícios e malefícios, ao mesmo tempo, à sociabilização, ratificando Lévy (2005). O professor D comenta:

Na Internet, os alunos montam comunidades de amigos, inclusive com colegas de outros colégios. Marcam encontros, churrascos... Também já tivemos nos corredores da escola brigas de namorados, que começaram com os alunos envolvidos no caso, disputando uma menina da sala pelo *Orkut* e *MSN*.

A professora N avalia que estas situações de conflitos, acima explicitadas, engendradas via rede, não impedem as amizades entre eles e deles com os professores, não os tornam desrespeitadores da sua pessoa, em geral, nem diminuem a cordialidade e a atenção para consigo, mesmo necessitando admoestá-los em algumas ocasiões. Pode-se depreender, também, com base nesta sua colocação, que, com a imersão profunda no ciberespaço, todas as emoções e os sentimentos são intensificados, oportunizando tantos encontros e desencontros.

Lévy (2005) explica que as formas de sociabilização dos sujeitos no ciberespaço são bastante diversas e contraditórias. Em comunidades virtuais ou em conferências eletrônicas conflitos se manifestam, por vezes, com violência, em querelas entre membros. Por outro lado, também identificações, alianças intelectuais e amizades surgem de modo similar aos que conversam regularmente mediante um encontro face a face. Os entrevistados também relataram as duas condições de sociabilização no ciberespaço. Marques (2006) acredita que a demanda de encontros humanos destinados à emancipação e afirmação das singularidades dos sujeitos em seus grupos e em seu cotidiano, de modo responsável, cresce, cada vez mais.

Em mudanças comportamentais favoráveis à sociabilização dos jovens foi explicitado como eles mantêm, em alguns momentos e casos, uma postura receptiva a

comentários julgadores de seus comportamentos a partir do que fazem em rede, os quais os levam a mudar de atitudes, por vezes, aperfeiçoando-as do ponto de vista moral. Os dois subitens a seguir abordam, porém, como estes momentos de otimização das ações e do processo de sociabilização dos discentes são pouco considerados, em determinadas ocasiões e casos, sendo, desta forma, desaproveitados por eles próprios, com suas indisposições a mudanças favoráveis a tais condições.

4.4.13 Resistência à mudança de comportamentos antissociais com o uso da rede

A professora N comenta que os alunos imaturos acolhem as advertências docentes no que se relaciona aos maus comportamentos cometidos por eles, com e a partir dos maus usos da Internet, mas não aceitam as consequências do seu próprio descomprometimento com os estudos e de seus atos irresponsáveis, ou seja, não admitem receber punições que comprometam seus interesses. Como revela:

Eles escutam quando eu falo e aceitam minhas avaliações. Agora tem aluno que fica irritado quando tira nota baixa, porque tem pai que dá como castigo a eles não entrarem na Internet e os jovens não aceitam isso de forma alguma, aí vem se queixar comigo da situação. (Professora N)

A professora dá a entender em seu discurso que os alunos não se preocupam muito em refletir sobre suas faltas ou negligências escolares e em modificar o seu comportamento a partir de tal reflexão, mas mobilizam-se mais no sentido de tomar medidas para livrarem-se de punições, por estas contrariarem seu desejo de manter contato na rede.

Aqui também se manifesta um individualismo no comportamento dos jovens da sociedade em rede, como descrito por Castells (1999). O mesmo parece remeter-se ao que explicita o item subsequente que expõe um certo descaso dos discentes para com as atitudes educacionais dos professores e até mesmo de membros familiares, enfocando mais detidamente as implicações disto na qualidade das relações estabelecidas.

4.4.14 Desconsideração dos jovens em relação às orientações e ações educadoras de pais e professores

Os docentes ratificam a pouca consideração e a falta de lisura e respeito para com seus professores, e os de sua convivência familiar, em situações nas quais lhes dão orientação escolar: “Os jovens querem levar muito na brincadeira as coisas, até mesmo o que os pais falam. Há um certo desrespeito na forma de tratar, de discutir as coisas, não aceitam muitas vezes o que dizemos.” (Professora N). Esta fala que remete à queixa de uma professora referente à dificuldade de convencer o aluno a estudar o que a escola indica, talvez também se relacione à concepção de Rivoltella (2007) sobre a dificuldade de estabelecimento de diálogo e de uma boa interação entre adultos e jovens, pelo hiato existente entre a cultura de ambos, com as mudanças comportamentais favorecidas com o uso da Internet.

O desrespeito em sala é sentido como algo corriqueiro, frequente no dia-a-dia, pelo professor P, o qual não o observa, deste modo, somente associado a situações de repreensões ou cobranças:

Eles cantarolam músicas que escutam no rádio e que baixam da Internet, em plena sala de aula. Estão lá apenas de corpo presente. Muitos dormem na primeira aula, que é muito cedo, sempre depois de terem ficado até de madrugada na Internet, como assumem alguns. (Professor P).

O professor P observa que o vício à Internet, por dificultar a atenção dos alunos à aula, compromete não somente a sua aprendizagem, mas a qualidade de suas relações na aula, ou seja, a boa sociabilização em sala. O desrespeito sentido por ele associa-se às condições de uso da rede pelos alunos, em casa.

A professora N alude, além disso, a uma desconsideração sutil dos alunos, em alguns momentos, no que tange à displicência com relação à adequação da sua linguagem a um modo compreensível a seus interlocutores com outros tipos de linguagem. (Professora N: “[...] Algumas vezes, no entanto, a interação com os jovens é dificultada pela forma híbrida com que escrevem na Internet.”).

Percebe-se por meio deste depoimento o descaso dos jovens para com a necessidade de flexibilidade, de adequação de sua forma de se comunicar a do outro, o que evidencia um individualismo e relativiza a impressão de que os alunos estão aplicando novas habilidades comunicativas (dissertadas no subcapítulo 4.2. Mudanças comportamentais

favoráveis à sociabilização dos jovens com o uso da Internet; item 4.2.1- maiores habilidades comunicativas.). Isto também contraria a ideia de maior comprometimento dos jovens para com a aprendizagem de todos com o uso da rede, tal como discorrida ao longo deste subcapítulo, e observada por Kenski (2007) no contexto de realização de projetos em ambientes virtuais de aprendizagem.

Braga (2007) frisa que o excesso de mensagens na Internet em salas de bate-papo pode levar ao caos na discussão. Segundo Almeida (2002), dificuldades de comunicação, pela não compreensão de mensagens trocadas pelos participantes nas conversações no ciberespaço, podem gerar mal-entendidos frequentes na interação, acarretando discordâncias e conflitos. Neste caso mencionado pela professora, parece que os jovens contribuem para isso, em função de pouco se esforçarem para aplicar adequadamente suas habilidades comunicativas, potencializadas pelo uso da rede.

O desrespeito e o descaso em manter boas conversações também se manifestam em interações com pessoas que os jovens percebem terem idiossincrasias muito distintas das suas, inclusive por influência do segmento social.

4.4.15 Discriminação do diferente

Para Papert (1994), a reunião de centenas de alunos com o uso de computadores interconectados, pela qual interagem entre si aprendizes de pequenas e grandes escolas, promove uma maior aproximação e um nivelamento delas. Em corolário, as diferenças entre tais escolas tornam-se menos perceptíveis, o que engendra um sentimento de comunidade. Isto não foi relatado no discurso dos professores. Estes comentaram, no entanto, sentimentos de distanciamento afetivo entre membros de escolas diferentes e a não formação de uma ágora virtual, endossando a opinião de Sennet. (1992 apud SANTOS, 2005).

Os professores apontam o contato com o outro como um aspecto importante na sociabilização dos alunos, propiciado pela rede, mas em determinadas condições pernicioso, quando estabelecida uma discriminação pelos jovens com base na percepção de diferenças físicas e culturais, de pessoas de outros grupos sociais. A professora B explica: “A troca nos fóruns é boa para a questão dos valores, mas, às vezes, eles começam a chamar uns disso e daquilo, de modo ofensivo, ao verem suas fotos, ou com algum comentário feito pelos que

interagem com eles”. Tal depoimento confirma Castells (1999), que avalia que os hábitos comunicativos da elite imprimem de modo bastante expressivo suas marcas nas formas de interação em rede.

Segundo Braga (2007, p.188), “Isso permite que a rede mostre de forma explícita a diversidade e o conflito que existem entre as diferentes vozes que compõem a malha social.” Para Kenski (2007), dada a internacionalização da educação, as interações virtuais com pessoas de culturas, idiomas, realidades sociais diferentes permitem a valorização do caráter regional de suas culturas e a construção de conhecimentos e de identidades individuais e sociais.

A citação da professora B, acima, no entanto, contraria a autora, a qual acredita que cooperação em abordagens e métodos pedagógicos com as tecnologias digitais interativas proporciona aos alunos maior proximidade dos dramas enfrentados pelas comunidades possibilitando o rompimento com a indiferença, a alienação e o isolamento discente e a democratização dos processos sociais. Kenski (2007), no entanto, explica que crianças e jovens usuários assíduos da Internet apresentam um perfil nitidamente diferenciado em relação aos excluídos digitais não somente no domínio de computadores e participação na rede, mas também em suas condutas em afazeres cotidianos.

Isto se dá, segundo Kenski (2007), em razão do comportamento que os jovens apresentam ao estarem conectados no espaço virtual modificar a forma como também atuam quando não estão no ciberespaço. As diferenças nos modos e frequência de uso das redes digitais implica assim uma diferença nas ações dos jovens de diversas classes. Tal colocação parece convergir à opinião da educadora, no que tange à relação em rede estabelecida entre alunos de escolas particulares e alunos de escolas públicas de áreas mais pobres. Sobre isto comenta Lévy (2005, p. 225):

[...] o ciberespaço abriga negociações sobre significados, processos de reconhecimento mútuo dos indivíduos e dos grupos por meio da atividade de comunicação (harmonização e debate entre os participantes). Esses processos não excluem os conflitos. Decerto envolvem pessoas ou grupos nem sempre bem intencionados. Mas, exatamente, reencontramos aqui a diversidade, a complexidade e algumas vezes a dureza do real [...]

De acordo com Felinto (2005), a democratização, a partir da inclusão digital e mergulho no ciberespaço, é um engodo. O imaginário tecnológico atual cria a impressão de inexistência de desigualdades e dissolução dos conflitos sociais implicados na questão da

técnica, pelo retorno com que vislumbra com a noção de um tempo e espaço paradisíacos, sem contradições, sejam elas sociais, políticas ou econômicas. Este autor complementa:

No ciberespaço teríamos supostamente a mais perfeita realização de uma democracia digital, onde todos poderiam comunicar-se, onde as diferenças de gênero, raça ou crença deixariam de determinar nossas relações. Entretanto, essa fantasia democrática oculta uma ideologia da totalização, da indistinção. Uma ideologia que muitas vezes sequer se dá ao trabalho de disfarçar seu totalitarismo nos discursos da teoria (FELINTO, 2005, p. 66-67).

Conforme Almeida (2002), a rede pode aproximar as pessoas, democratizar o acesso ao conhecimento, mas também distanciar os privilegiados dos excluídos sociais. Pode servir para o exercício da solidariedade em nível mundial ou para a potencialização de ideologias segregacionistas e discriminatórias. Tais decisões não cabem às máquinas, mas aos seres humanos, a sua consciência com relação a seus pensamentos e atitudes.

Mesmo tecendo algumas críticas ao uso da rede, Lévy (2005) ressalta que sem a participação ativa na Internet tornam-se mais difíceis as mudanças tecno-sociais relacionadas à inclusão na cibercultura, e reforça-se a exclusão daqueles que não a conhecem, não a apropriam e não se esforçam em acompanhar, em certo grau, o fluxo da revolução tecnológica. Parece, desta forma, compreender que tal encontro, pela Internet, de sujeitos de classes distintas, ainda que conflitante, é favorável à sociabilização dos alunos. Isso porque, para ele, o ideal referente ao direito de todos ao acesso ao ciberespaço, as suas diversas comunidades virtuais e produtos, deve consistir em uma espécie de imperativo moral.

O professor G comenta que existe uma divisão dos alunos em sua disposição física nas aulas, conforme suas identificações com os demais, que se estabelece também com base nos contatos que estabelecem pela Internet. De acordo com os professores, tem se deflagrado também o estranhamento e a desaprovação pelo aluno da atitude do professor que não mantém contato com ele pela rede, em *sites* de bate-papo e relacionamentos. Isto, segundo os docentes, leva-os a praticamente induzirem seus professores a se comunicar com eles por *sites* de relacionamentos como condição de serem melhor aceitos no convívio social com eles. Revela o professor G: “eles [alunos] falam: ‘Como assim, você não tem *Orkut*?’ Por que tem professor que não tem.”

O professor P relata que seus alunos chegaram a convencê-lo a ter *Orkut*, a ajudá-lo a fazer seu perfil neste *site*, o incluíram como amigo, mas, após isso, no contato face a face demonstram frieza, passam por ele e nem sequer o cumprimentam, muitas vezes. Revela,

porém, que os professores que não interagem com os alunos em *sites* de relacionamentos não estão imunes, no entanto, a se tornarem alvo de julgamento e discriminação pelos discentes, manifesta até mesmo pela rede, engendrando mais uma condição de descumprimento das regras da netiqueta e de falta de lisura no relacionamento, tal como denunciadas por Nicoloci-da-Costa (1998). O professor G declara:

Esse negócio de ficar no mundo virtual é um perigo. Eu nunca cheguei a ser ofendido, mas já houve problemas com outro professor, dos alunos, o trataram mal, até colocando na Internet que ele era gay e chato e a notícia se espalhar. Ainda existe um certo preconceito com relação à homossexualidade.

Nicoloci-da-Costa (1998) opina que os jovens interagem na Internet mais motivados pelas ideias, pelo que o outro expõe sobre si, com relação às suas idiossincrasias. Assim, a beleza física e o poder aquisitivo dos internautas nas interações tende a ter menor importância, diminuindo o preconceito no que envolve estes aspectos. Tal ponto é visto pela estudiosa como algo salutar à sociabilização.

Com base nesse exemplo e ao contrário do que postula Nicoloci-da-Costa (1998), parece que os jovens importam-se também com questões de ordem sexual, em suas interações cotidianas e no ciberespaço, não se limitando seu interesse ao mero conhecimento sobre as ideias das pessoas. Importante também justificar essa percepção considerando o depoimento da professora B já descrito neste item, o qual alude a uma discriminação dos adolescentes em suas relações no espaço virtual, com base no julgamento de suas fotos também, o que incide sobre o aspecto da beleza física e, de modo mais implícito, do poder aquisitivo dos internautas. Valores dos jovens parecem, portanto, exercer uma forte influência nas condições de interação em rede e para além dela.

O docente G evoca que a questão dos valores nos alunos está alterada, justificando que os jovens não tratam, com o mesmo respeito dos de gerações precedentes, as figuras que representam autoridade, como o diretor da escola e o próprio educador, manifestando condutas contrárias às idealizadas pela escola, com relação ao seu comportamento. Braga (2007, p. 188) lança luz a esta questão:

Ao contrário do que acontece, pelo menos atualmente, com a grande maioria dos gêneros escritos impressos, as normas e valores que regem as práticas letradas digitais são bastante difusas. Seja pelo fato de uma realidade comunicativa nova, ou em função de sua própria natureza globalizada e globalizante, as práticas digitais são menos marcadas pelos valores das instituições sociais dominantes, valores esses que também são privilegiados na definição do currículo escolar.

Castells (1999) salienta que os padrões de comunicação social em rede estão sob tensão progressivamente maior, existindo até mesmo circunstâncias em que, dado o seu alto grau de conflito, essa se rompe, gerando uma alienação entre os grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro um estranho, uma ameaça. Tal fragmentação social difunde-se à medida que as identidades se especificam mais e que se fecham, ou seja, que deixam de ser compartilhadas.

Esta tendência à aversão ao outro, pelo que se pode depreender em determinados depoimentos dos docentes, se manifesta na vida social dos jovens, em vários momentos. Os professores revelam que a falta de respeito se dá até mesmo com pessoas de uma mesma faixa etária e condição hierárquica na escola, porém concebidos como rivais, adversários:

[...] Outro problema que eu soube foram eles terem marcado encontros no *Orkut* para brigarem com alunos de outras turmas, em praças. Alguns alunos chegaram a comentar isso comigo na sala, antes de começar a aula. Eles comentam geralmente sem falar os nomes dos envolvidos. Eles chegam assim: professora, você soube do que aconteceu...? Na realidade, eles todos sabem, mas o professor, às vezes, fica por fora disso, por eles esconderem as coisas. Quando eu fico sabendo, eu discuto o problema na aula, esse é o nosso dever. (Professora N).

O professor P revela que muitos jovens adotam comportamentos e hábitos diferenciados conforme sua identificação em “tribos”, divididas em: emos, a ala rock e os esportistas, por exemplo, e entram em conflitos com as “tribos” às quais não pertencem, rivalizando-se até em comunidades da Internet. Resistem, portanto, a estabelecer diálogo com os grupos que não se identificam com os mesmos valores e comportamentos, manifestando repúdio a eles. Tal percepção de formação de tribos e rivalidades, no entanto, foi refutada pelo professor G.

O professor D ressalta, com base na sua experiência, que os alunos desenvolvem vários tipos de interação em sala de aula e fora dela, sob a influência de como atuam, utilizando as novas tecnologias, em especial a Internet. Tais interações tanto engendram maior coesão entre os adolescentes e configuração de relações amistosas como, em sentido oposto, de rivalidade e competição entre os mesmos, conforme já comentado.

É bom destacar que os professores mantêm, em seus próprios discursos, posicionamentos contraditórios, por vezes, com base nas questões abordadas, e, por essa razão, a análise de suas colocações torna-se mais complexa para a pesquisadora. As relações afetivas de diferentes naturezas, tonalidades e intensidades, comentadas a seguir, evidenciam também este aspecto.

4.4.16 Experiências afetivas e namoros virtuais: encontros e desencontros

Nicolaci-da Costa (1998) afirma que os internautas têm sentido certo mal-estar por seu temor sobre a qualidade das relações estabelecidas com o estranho, seja ele máquina ou outro humano desconhecido. Este pode mentir, simular e ainda não existe meios para se certificar sobre isso, a curto prazo. Segundo ela, dúvidas, ansiedades e até mesmo paranoia manifestam-se, nesse contexto, forçando os jovens a aprender a enfrentar tais condições. Isto também foi trazido em determinadas falas dos entrevistados.

Os namoros virtuais lançam os jovens no mundo de fantasias, prazeres, insatisfações e engodos. Sendo uma fonte de realização de sonhos e desejos, mas também de decepções para os mesmos. Os professores G e D comentam que a escola não permite aluno namorar o professor, mas eles revelam elogios e flertes frequentes dos alunos entre si em rede. Conforme P, os choques culturais e a quebra de idealizações entre casais de enamorados são comuns, quando o namoro sai do virtual e parte para a convivência no plano concreto, o que acaba pondo fim a relacionamentos que são comentados na escola pelos alunos entre si e até mesmo aos professores.

Pela Internet tudo indica se dar, portanto, um entrosamento discente não motivado apenas pelo desenvolvimento da aprendizagem dos conteúdos trabalhados em sala, mas por questões de ordem eminentemente afetiva. (Tal questão também será abordada no próximo capítulo.) Para Enguita (2004), no mundo da globalização desgovernada grande parte da população sente a necessidade de se reajustar a novas condições de vida, de trabalho e de sociabilidade, com a vivência de novas experiências. O subitem a seguir deflagra uma tendência dissimuladora no comportamento dos jovens que dificulta, entretanto, a vivência dessas dimensões da vida, em bases humanizadoras.

4.4.17 *Dissimulação no comportamento por influência da interação em rede e na rede*

O professor P critica o hábito dos alunos acumularem “amigos”, preocupando-se com o número destes em seu perfil nos sites de relacionamento da Internet, em detrimento da qualidade da sociabilização. Um professor ou um colega adicionar no *Orkut* significa, equivocadamente, ser incluído e aprovado no grupo social com que interage, e em sociedade. Tal condição propicia, nas relações escolares entre discentes e docentes, laços frágeis e pouco verdadeiros no que tange à sociabilidade, os quais, por sua, vez, redundam em “amizades” por interesses em tais relações. Nestas condições parece haver uma despreocupação pelo refinamento da subjetividade e uma desatenção a valores e comportamentos gregários, sociabilizadores, como revela Rüdiger (2002).

O professor G descreve que, em momentos em que necessitam mais de seu auxílio profissional para satisfazerem seus interesses escolares, como se dá quando ficam de recuperação, os jovens rogam por aumentos de pontos na nota e cobram, tanto em sala, oralmente, como no ciberespaço, em casa, acompanhamento mais próximo dos professores em seus estudos. Revela o professor G: “[...] nessas horas eles se tornam amigos demais”.

A professora B comenta a dificuldade em avaliar os alunos, com base em suas tarefas escolares, por alguns desses não se identificarem nas provas e nos trabalhos com seus nomes verdadeiros, mas com nomes estranhos, os quais supõe serem de personagens fictícios conhecidos na rede, artistas pouco conhecidos do público em geral, ou algum de seus *nicks* (apelidos) exóticos da Internet, possivelmente, relacionados aos seus avatares. Isto parece relacionar-se ao gnosticismo tecnológico da cibercultura, que engendra uma distopia no imaginário desta. Como justifica Felinto (2005, p. 51):

Transformada em novo ídolo de adoração, a tecnologia e seu imaginário espiritualizado nos ajudariam a construir um self sem limites, múltiplo, perfeito. Mas o universo não pode ser compartilhado por dois deuses de igual poder. Se a tecnologia e o self transformam-se, ambos, em divindades, é preciso que um domine sobre o outro, como divindade maior, ou que ambos terminem por se fundir e um único deus híbrido. Esse deus híbrido seria um deus gnóstico. E os deuses gnósticos, é bom lembrar, assumiam com frequência a forma de monstros.

Para Kenski (2007), as mudanças nas capacidades intelectivas dos sujeitos na contemporaneidade ampliadas e exteriorizadas no ciberespaço, permitem aos jovens viverem

realidades paralelas, com sua imaginação criadora, assumindo novas identidades por meio de simulações de todos os tipos. Tais experiências virtuais podem ser vivenciadas de modo compartilhado por demais pessoas próximas ou instaladas em espaços físicos distantes.

Uma fantasia resultante das tecnologias do imaginário é relativa à construção da consciência, pela qual, segundo Turkle (1997 apud FELINTO, 2005), torna-se possível aos sujeitos construir de modo intencional, no mundo virtual, uma identidade múltipla, flexível e fluida. Por meio de tais experiências não somente estes criam novos mundos e seres, como também redimensionam a si mesmos indefinida e continuamente, pela formação de personalidades alternativas.

O fato dos jovens assinarem seus trabalhos escolares com nomes de artistas, personagens e nomes fictícios, também por influência de suas vivências no ciberespaço, remete talvez a uma simulação dos alunos de outras personalidades na convivência em sala, semelhante ao que ocorre no ciberespaço, com sua representação em forma de avatar. Tal condição parece aludir ao desejo de desvencilhamento, de transcendência da condição humana na sociedade tecnológica, evidenciado por Felinto (2005), sentida, no entanto, pela docente como um comportamento dissimulador.

Também parece tal ponto guardar relação com a questão da auto-estima dos jovens. Com esse ato, na verdade, tudo leva a crer os alunos quererem apresentar novas possibilidades de experienciação de si mesmos ou, mais plausivelmente, como gostariam de perceber a si próprios, em certos momentos. Agem desta forma, ainda que isto destoe da percepção que os demais têm sobre sua personalidade e cause, portanto, estranhamento no meio social e escolar, na opinião da pesquisadora, com base no posicionamento de Marques (2006).

A Internet, segundo o professor P, serve, dentre outras coisas, também para “alimentar o ego”, em sua expressão. A sociabilização é dificultada, a seu ver, quando os adolescentes se apresentam de forma totalmente diferente em sala da forma como se apresentam no ciberespaço em seus perfis de *Orkut*. Marques (2006) explica que, em um mundo em que se superam os limites internos, bem como se abalam as distâncias e os imperialismos geográficos e culturais, a ampliação e superdimensão do imaginário e da fantasia exacerbam as diferenças pessoais e suas manifestações nas diversas modalidades expressivas.

Em tais perfis, reconhecem em si, por meio de fotos e frases, atributos que julgam não ter, como beleza, fama, poder, quando conversam no contato face a face, na interação em sala. Isto, na opinião do professor, é uma forma de se esconder, isolar-se do outro. Este aspecto também se aproxima ao que explicitam Turkle (1997 apud FELINTO, 2005) e Felinto (2005), acima discutido. Parece também aludir, sob outro enfoque distinto ao do professor, a uma tentativa de desmaterialização da realidade e divinização do *self* maquinizado, uma entronização do sujeito com sua transformação em um homem-máquina, identificação com um transhumano, possível com o gnosticismo e o imaginário tecnológico da cibercultura.

Na opinião de Felinto (2005), um desejo de transcendência da condição humana e de salvação tecnológica manifesta subliminarmente um enorme vazio existencial dos sujeitos. A identificação do ser humano a um pós-humano, na tecnocultura, tal como concebe a cultura atual, traduz um fracasso da subjetivação. Elucida o autor:

[...] sujeitos fracos: somos tudo isso e não somos nada; não sabemos o que somos. Parecemos querer abandonar as 'ficções da identidade', mas à medida que esse desejo se manifesta, mais fortemente se expressa o desejo oposto de encontrar etiquetas e definições para nossas identidades vazias. (FELINTO, 2005, p. 50)

Com isso também é evidenciado um profundo desconhecimento dos jovens sobre si, uma dificuldade de autoaceitação e tolerância com relação aos demais com quem convivem, manifestando rejeição a si e ao diferente.

No próximo capítulo será discutido, de modo mais detalhado, como estes processos de formação humana, e, em especial, de sociabilização dos discentes, têm se dado em contextos interativos mais desassociados do espaço escolar, envolvendo, entretanto, também seus componentes e outros, e intervenções com intuítos educacionais. Reflexões éticas serão realizadas para um maior aprofundamento e avaliação crítica, envolvendo a temática desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS SOBRE A SOCIABILIZAÇÃO DOS JOVENS NOS GRUPOS FORMATIVOS DA SOCIEDADE EM REDE

Este capítulo explana as transformações desdobradas nos modos e condições de relacionamentos, mantidos via rede e, a partir dela, entre alunos entre si e professores com os alunos e suas implicações nas formas de sociabilização, sobretudo, dos discentes. Neste momento, as interações estabelecidas por meio de conversações livres em âmbito extraescolar receberão uma atenção especial, sendo avaliadas sob o ponto de vista ético, e ressaltada sua contribuição para a configuração de tais formas e vivências pessoais dos sujeitos supracitados. Também enfoca, sob o mesmo prisma de análise, os dilemas e desafios enfrentados por pais e docentes com a aproximação e distanciamento entre família e escola, no que envolve o comprometimento de ambos na educação dos jovens para o uso da Internet.

5.1 Mudanças na relação aluno-professor, aluno-aluno, com os encontros e desencontros virtuais

Este tópico encontra-se em destaque neste trabalho em razão da relevância de discussão das novas condições de interações entre discentes e docentes no ciberespaço, em sites de relacionamentos e bate-papo, de grande repercussão para a sociabilidade dos alunos em sala e para além dela, e até mesmo de seus professores. Tal compreensão, baseada no discurso docente, dá-se conforme suas percepções e avaliações sobre esses novos modos sociabilizadores como também com o que trazem nas entrelinhas, reticências e desdobramentos de suas falas, nem sempre cômicas das mudanças que apontam nesta dimensão da vida humana dos estudantes.

Os professores demonstram preocupação em avaliar a razão dos jovens na contemporaneidade não se interessarem muito pelo estudo que consideram mais científico e mais formal, proposto em sala de aula, o que tem lhes trazido problemas em sua prática docente.

Neste tópico será avaliada criticamente a impressão delineada, a partir das falas docentes, sobre como o interesse por sua aprendizagem pelos jovens tem sido afetado pela forma como vem se estabelecendo a relação professor-aluno na Internet, sem que os

envolvidos nesse processo estejam atentando-se refletidamente para as repercussões desta condição, no geral, sobre a formação e sociabilização dos jovens.

Os docentes avaliam que o aumento da interação com alunos em *Orkut* e *MSN* tem sido uma marca das novas condições de ensino e sociabilidade dos jovens, que trazem facilidades a eles no convívio social, mas também dificuldades pelos transtornos gerados com elas, seja na dimensão pessoal como profissional de alunos e professores.

Para os informantes, a sociabilização dos jovens envolve cada vez mais a figura docente e a Internet aproxima a relação entre os adolescentes e deles com o professor, inclusive, com base em uma forte carga afetiva nas relações que lá se engendra. Em determinados momentos, o professor torna-se o elo de ligação e contato dos estudantes. Os docentes comentaram, por exemplo, de alunos que passam a se conhecer e a contatar-se em rede, a partir do interesse em participar conjuntamente dos diálogos virtuais dos professores com cada um deles separadamente, ou seja, da vontade de interagir em suas conversas individuais com estudantes de turmas e sedes diferentes do colégio.

Isto confirma a ideia de Cesaltina (2007), que exorta a importância da Rede Mundial de Computadores por propiciar a formação de grupos, laços sociais, que existiam apenas no plano ideal, como potência, antes de seu surgimento; por facilitar aproximações entre pessoas, sobretudo com interesses comuns, que de outra forma muito provavelmente não aconteceriam. Como revela também Braga (2007), tais relações *on-line* não são frias e desprovidas de emoções intensas, por não se darem presencialmente. O discurso do professor G aclara esta questão:

Eles (alunos) me adicionam no *Orkut* e eu os aceito como amigos. Tenho muitos contatos. No aniversário deles eu mando mensagens em espanhol, eles fazem isso também no meu. Alguns mandam outros tipos de mensagens em espanhol, aí chega o outro posta também alguma coisa e, às vezes, diz que não entendeu a mensagem deixada pelo primeiro nos meus recados e pede para eu explicar. Um vê o outro escrevendo e escreve também. Eles escrevem muito. Mandam mensagens de feliz Natal e Ano Novo. Perguntam sempre como estou, o que estou fazendo. Querem saber como estão minhas férias. Eu tenho fotos no *Orkut* com meus alunos. Eles põem comentários nelas e fazem depoimentos para mim.

Lévy (2005) frisa que é mais comum a liberdade de expressão em rede, condição manifestada pela postura impulsiva predominante dos internautas, que qualquer forma de censura no ciberespaço. A mesma opinião tem os professores com relação ao comportamento dos discentes nas interações nesses espaços virtuais. A ideia de informalidade e

espontaneidade nos modos de se relacionar no meio virtual ganha força na opinião deste autor (2005) e dos informantes.

Conforme os entrevistados, as conversas em rede não giram em torno somente de provas, trabalhos, pesquisas, conteúdos estudados, mas fluem livremente da aprendizagem à vida pessoal dos estudantes e até dos professores, de conhecidos da escola e fora dela e de pessoas pouco conhecidas. A sociabilização envolvendo a interação motivada pelo conhecimento científico no ciberespaço é menor quando comparada à sociabilização para compartilhamento de gostos, preferências, hábitos e atitudes entre os jovens, conforme o discurso como um todo, dos docentes. Isto, sobretudo, nas circunstâncias interativas em seus domicílios. O professor G esclarece, tratando sobre as livres conversações e orientações dadas aos jovens, via Internet:

No *MSN* as conversas giram em torno de tudo. Eles pedem conselhos sobre amor, paqueras, namorados. Sou um professor confidente. Eles colocam mensagens por depoimento sobre diversas coisas no *Orkut*, para que só eu leia. Pedem ajuda. Quando me encontram em sala ou nos corredores, às vezes, retomam esse assunto. Eles utilizam muito *Orkut*, *MSN* para se aproximar dos amigos e de mim, direto. Eles têm carência de ter alguém para conversar. Até alunos que viajam mantêm contato por *e-mail*. Acaba que o professor dá orientação vocacional à orientação amorosa, sem hora definida, dentro e fora da escola.

Mancebo (2003) informa que o maior ritmo e volume de produção das informações com as tecnologias da informação e da comunicação, afetam diretamente o cotidiano, as rotinas das pessoas, na medida em que estimulações, sensações, relações diversas e díspares permeiam-se em suas vidas, a todo momento, configurando novos modos de subjetivação.

O professor D enfatiza que a Internet auxilia na sociabilização dos jovens pelo fato do conhecimento que tem dos alunos, por meio dela também, o ajudar em sua missão de formação discente e na resolução dos dramas vivenciados por eles, até mesmo de suas vidas pessoais. Explica:

Trocando mensagens com os jovens pela Internet descobrimos casos de gravidez precoce, detectamos depressão, até uso de drogas, bem mais raro, mas já aconteceu; problemas que os alunos não sabem lidar bem. Podemos convencê-los, então, com um jeitinho, no encontro pessoal, a conversarem com os psicólogos do SOP (sigla de serviço de orientação psicopedagógica). Há resistências por parte deles, mas este é o nosso papel, não nos importa só o conhecimento, mas a boa formação dos jovens. (Professor D).

Em suas colocações os professores acenam para a possibilidade de formar jovens também com o auxílio da Internet, estendendo o seu trabalho para além do que realiza em sala de aula. Parece os professores desejarem fazer isso, engendrando uma inteligência coletiva, como pensada por Lévy (2005), a partir de suas interações com os estudantes pela rede:

É preciso compreender aqui a inteligência no sentido da educação, das faculdades de aprendizagem (aprender em conjunto e uns dos outros!), das competências adquiridas e colocadas em sinergia, das reservas dinâmicas de memória comum, das capacidades de inovar e de acolher a inovação. Mas é preciso também entender inteligência no sentido de união e conformidade de sentimentos. A inteligência coletiva também pressupõe, portanto, a capacidade de criar e de desenvolver a confiança, a aptidão para tecer laços duráveis. Ora, o ciberespaço oferece um poderoso suporte de inteligência coletiva, tanto em sua faceta cognitiva como social. (LÉVY, 2005, p. 207).

O professor G avalia que é possível estimular o gosto pela leitura e aprendizagem nos jovens colocando-se como modelo de estudante frente aos alunos, demonstrando pelos sites de relacionamentos e bate-papo hábito de leitura e fazendo-lhes indicações de teóricos para pesquisas. Considera que participar em rede consiste em uma maneira de aproximar-se mais dos alunos, ganhar mais sua consideração e estima e de motivá-los a estudar. O informante parece coadunar com Lévy (2005), o qual acredita que a virtualização dada com o advento do ciberespaço não corresponde a uma desrealização do mundo, mas a uma ampliação da potencialidade humana.

Através de seu discurso, o professor G esconde por meio dessa atitude, no entanto, um ar de superioridade neste aspecto intelectual se comparado aos jovens e, de certa forma, estabelece uma relação de competitividade no que tange ao maior nível de aprendizagem e de conhecimento em comparação aos discentes. O que contraria também, poder-se-ia dizer, a ideia de inteligência coletiva de Lévy (2005) e manifesta uma tentativa docente de, em um determinado momento, resgatar uma postura de mestre na relação em rede, condição abalada segundo Kenski (2007), Magdalena e Costa (2003) e Marques (2006), no contexto de sala de aula, com as novas tecnologias.

Importante esclarecer também que o estado de desordem, sobretudo, devido à injeção contínua de informações por grupos e sujeitos que participam da “rede das redes” permite que sejam construídas e reelaboradas apenas parciais compreensões do mundo pelos coletivos inteligentes que se cruzam, se chocam, se interpelam, se interligam navegando no agitado oceano informacional do ciberespaço. (LÉVY, 2005).

Em virtude disso, o domínio do saber está sendo visto como algo ilusório, na atualidade, segundo Lévy (2005). Tal ideia prevalecente na sociedade em rede, mas não muito bem entendida pelo professor G, parece corroborar para um rearranjo, um redimensionamento dos papéis de alunos e professores na Internet, com base em novas posturas e atitudes dos discentes e docentes, conforme explanadas ao longo dessa dissertação.

Os informantes explicam que, em alguns casos e momentos das interações em rede, há tentativa de interferência na organização e condução de sua prática profissional feita pelos jovens, pelo poder que sentem não somente de opinar, mas de configurar os modos de pensar e atuar dos professores em sala, no que tange à definição do assunto da aula e as metodologias de trabalho pedagógico utilizadas. Dá-se também uma investida dos estudantes no sentido da invasão da privacidade dos docentes e uma necessidade dos jovens de os terem como maiores responsáveis no que se refere às diversas tomadas de decisões, relativas ou não a sua condição de aprendizagem. O depoimento a seguir ilustra:

Os jovens mandam dúvidas para mim sobre a matéria, querem saber sobre a prova, se está fácil ou difícil, e o que ler; cobram a correção rápida das mesmas, fazem perguntas que até já sabem com base nas explicações da aula, como se é para ler tal livro, para fazer tal coisa e que livro levar para sala; se vão ou não para o laboratório de informática e quando vão, e até enviam material para eu trabalhar na aula, por *e-mail*. Quando eu entro no *MSN*, o aluno conectado, logo em seguida a minha entrada, me chama para conversa e diz que não está entendendo a tarefa e pede a minha ajuda na hora, até saber como fazê-la, quando estou querendo conversar com alguém. Eu disse a eles que tinha que sair de lá pela falta de tempo para atendê-los. Eles também queriam saber por lá e pelo *Orkut* sobre meus filhos, meu marido, para onde eu ia no final de semana. Tive que sair mesmo do *MSN* e deixar de lado o *Orkut*, porque não tinha condição. (Professora S).

Este discurso acima também explicita algumas mudanças no comportamento dos jovens mencionadas e discutidas, como: a vivência de amizades e conflitos em rede, ajuda ao próximo, exercício de novos papéis, interesse descompromissado em saber da vida do outro, a tendência ao individualismo, no que corresponde ao interesse em ter a sua demanda atendida de forma rápida.

Com base nesse discurso da professora S, o que pode estar ocorrendo, sem que a mesma esteja cônica, é os jovens não estarem prestando atenção no que diz a professora em sala, mantendo-se alheios a sua fala nas aulas, confiando que ela irá respondê-los, ajudá-los prontamente, na hora que quiserem, quando fizerem suas perguntas nos espaços virtuais. Manifestam, assim, desconsideração e desrespeito na relação com a professora, com esse exercício incisivo de poder, de forma meio camuflada.

Faz-se possível perceber que a atenção não recebida pelos jovens junto aos pais é exigida pelos alunos aos docentes, por meio de uma relação antagônica, de amor e ódio. Insegurança e segurança parecem permear as relações no processo de sociabilização dos jovens, simultaneamente, nos espaços de sala de aula e da Internet, dentro e fora do contexto escolar. Esta questão do papel dos pais na colaboração com a escola referente à educação dos filhos para o uso da Internet será mencionada de modo crítico no próximo capítulo.

Um comportamento compulsivo dos professores no uso da Internet com os alunos, bem como uma abertura plena dada pelos primeiros aos jovens de acesso aos seus *e-mails* e perfis, possível ao longo de toda a semana, fora de sala de aula – para assuntos diversos, escolares e os de suas vidas pessoais –, parecem trazer-lhes complicações sérias, do ponto de vista profissional e particular. Talvez tal acessibilidade muito fácil do docente aos alunos corrobore para percepções discentes errôneas e estereotipadas sobre eles e para a excessiva confluência que se instaura na relação do professor com os adolescentes, como expressam os entrevistados, em alguns momentos.

De acordo com Almeida (2002), a possibilidade de se utilizar recursos de hipertexto para a divulgação de ideias, imagens, sons, permite projetar todos os pensamentos para o mundo via rede, inclusive informações sobre a vida pessoal e a própria intimidade. Com isso, “O que pensamos e como procedemos tem um peso cada vez maior numa sociedade onde é tênue a divisória entre o público e o privado.” (ALMEIDA, 2002, p.38).¹⁴

Thompson (1999) revela que, com o desenvolvimento da mídia e sua extensão, a publicidade de indivíduos, ações ou eventos, não está mais limitada à partilha de um lugar comum, em razão de poderem ser vistos e ouvidos por todos, através da gravação e transmissão para outros fisicamente distantes do tempo e do espaço de suas ocorrências. Tal “publicidade mediada”, para ele, vem suplementando a publicidade tradicional de co-presença, da interação face a face e adquirindo um papel importante e transformador da realidade no mundo moderno. O discurso abaixo parece ilustrar isto.

O Professor G informa que os jovens se admiram quando sabem por meio da Internet que ele viaja para congressos, namora, vai à praia, declarando em seu discurso a visão

¹⁴ Thompson (1999) explica que, no discurso sociopolítico ocidental, o “público” significa “aberto” ou “acessível ao público”. Consiste no que é visível ou observável, realizado na frente de espectadores, sendo visto e ouvido por muitos. Privado é, em contraposição, o que se esconde da vista dos outros, o que é dito ou feito em privacidade, secretamente ou entre um círculo restrito de pessoas.

rotulada estabelecida por eles de que não tem compromissos e lazer fora da escola. Sobre isto revela: “Parece até que a gente não tem vida social. Quando me veem na praia, pelo *Orkut*, deixam mensagens lá ou vêm falar comigo: Ê vida boa!”

A visão estereotipada do professor, dada com base em informações de sua vida divulgadas por ele mesmo em rede, ou inventadas por outros e difundidas neste site, alteram os modos de relacionamento docente-discente, dentro e fora de sala de aula. Os informantes comentam problemas interpessoais, decorrentes da busca de interação e do acompanhamento de suas vidas pelos jovens, por meio de sua exposição no ciberespaço, de forma similar ao que acontece também com os adolescentes, que expõem suas fotos embriagados na Internet, passando a serem vistos como fanfarrões. (Importante salientar que tal situação vivenciada pelo professor ratifica o item 4.4.6 Interesse descompromissado em saber da vida do outro).

Nicolaci-da-Costa (1998) opina que a impressão e sensação para os internautas é a de estarem vivendo duas realidades, muitas vezes, dissociadas: a realidade “real” e a realidade virtual, que trazem, sob algumas condições, transtornos à vida dos sujeitos. Isto devido ao espaço cibernético ser um espaço virtual existente apenas em *software*, mas sua realidade parecer tangível aos seus usuários. Nas falas docentes o que se manifesta, ao que parece, é a impressão de que a “realidade virtual” torna-se, com o exemplo acima, tão ou mais real que a realidade cotidiana, se concebida, desta forma, esta última como os momentos da vida desconectados à rede, como o faz Nicolaci-da-Costa (1998).

Os docentes explanam que, em geral, uma maior aproximação virtual corrobora para uma maior aproximação no contato face a face na escola. Isto percebem em relação aos alunos com os professores como também dos alunos com os demais discentes. O professor D revela como os estudantes interagem de forma diferente entre si e com os professores, de um modo geral, a depender se estão na escola acessados à Internet, na escola desconectados a ela, ou plugados à rede em casa. Isto depende também de com quem interagem e do grau de liberdade que sentem para produzir e expressarem-se, possibilitado também pela influência da percepção diferenciada da relação aluno-professor que têm, a partir desses modos e campos diferentes de interação:

É interessante como existem alunos tímidos que na aula não falam nada, mas que na monitoria *on-line* na Intranet da escola, no *MSN* ou por *e-mail*, fazem questionamentos inteligentes e também quando vemos seus trabalhos, produzem coisas super interessantes. São alunos gênios na Internet e ‘autistas’ em sala de aula. (Professor D).

Segundo Mancebo (2003), a velocidade e a transitoriedade da vida no mundo globalizado potencializam tanto a formação de sujeitos mais autônomos e criativos, como também, contrariamente, podem desencadear paralisações subjetivas e inércia. Multiplicam-se as possibilidades de organização subjetiva dos sujeitos, com o desdobramento contínuo de novas performances e “exigências” comportamentais. O professor G ratifica essa autora e o entrevistado D, o qual revela: “Minhas turmas são numerosas e a participação deles em sala é inibida. Eu preciso “cutucar” para eles falarem... É bem diferente do que acontece na Internet onde eles se abrem bem mais.” Em tal situação uma postura mais ativa do aluno, em sala de aula, é encorajada pelo docente e parece que os jovens o veem, nestes momentos, como o detentor do saber, a partir destas suas posturas mais passivas.

Os professores, na grande maioria de seus depoimentos, avaliam como importante à formação dos jovens uma maior aproximação física e afetiva sua com seus alunos, inclusive pela Internet, com base numa flexibilização hierárquica, ou seja, não se dispendo o docente como o detentor do saber; mas evidenciam, de modo pouco refletido, o perigo de um abalo completo de sua autoridade na relação com os discentes não só pelo desrespeito a que se tornam vulneráveis (como se dá com os desagradáveis rótulos propalados, por exemplo), como pelo risco de tal igualdade nos posicionamentos estabelecidos na relação favorecer condutas questionáveis do ponto de vista de uma boa condição de sociabilidade. Uma fala importante que exemplifica isto e, ao mesmo tempo, relativiza a concepção de professor identificada à figura de mestre, acima explanada, dispõem-se a seguir:

Não existe mais essa coisa de professor estar numa hierarquia maior que o aluno, não mais. Os alunos sempre me cumprimentam. Quando a aula termina ou, poucos minutos antes, depois que terminamos de fazer tudo e aguardamos o alarme tocar, eles vêm pedir para eu entrar no *MSN* ou olhar as fotos novas deles no *Orkut* ou fazem comentários no que viram sobre a vida de fulano ou Beltrano lá. Dizem que vão me mandar mensagens, para eu ler. Eu também, às vezes, faço isso. (Professor G).

Com essa colocação docente, na qual se evidenciam algumas mudanças identificadas nos tópicos anteriores como: preferência do lar como ambiente para a interação em rede, importância secundária de atividades extra-rede, vício à Internet, menor interesse por conhecimentos científicos e pela realidade social e interesse descompromissado em saber da vida do outro, o professor dá a entender alimentar nos mesmos uma relação de coleguismo,

que, no entanto, parece ser desfavorável ao estabelecimento do respeito a ele e ao seu trabalho em sala.

Com base nisso, há algumas incoerências a mais nesse quadro que podem ser apreendidas: se o professor considera como um risco pernicioso à formação dos jovens o vício destes a trivialidades na Internet, para quê então incitá-lo em suas despedidas dos alunos em sala?

Não estaria o professor G com essa forma de se despedir dos discentes estimulando nos mesmos o voyeurismo que, de certa forma, condena, tal como traz nas entrelinhas de seu discurso? Não estaria ele, de uma forma mais grave, dificultando a formação de valores e princípios dos jovens, o pensamento crítico, o respeito ao outro ao sugerir-lhes, nesta hora, a voltar-se para escrutínio da vida do outro, a comentar e julgar coletivamente sobre este assunto não só em sala, ao término da aula, mas abertamente pela própria Internet, em casa, numa condição pouco direcionada a uma conduta ética, pouco indicada como “modelo”, como mesmo se propõe a ser ?

Há, assim, pela Internet, uma maior aproximação entre professor-aluno pelo interesse dos jovens em conhecer e conquistar sua amizade, com autenticidade e boas intenções ou não. É importante frisar a possibilidade destas duas condições de interação, em virtude de como já foi mencionado o fato de os jovens, na atualidade, adotarem determinadas atitudes dissimuladas, como, em alguns casos, mal dirigirem a palavra ao professor, em sala ou nos corredores da escola, mas adicioná-lo como amigo na Internet, como fazem os alunos do professor P, em seu relato.

No geral, os professores parecem pouco avaliar os benefícios e malefícios de tal fato para a formação dos jovens, mantendo uma percepção e atuação em rede pouco refletida, porém comprometedora da sociabilização dos jovens. Eis um exemplo que justifica essa colocação e pelo qual a informante parece considerar inconvenientes determinadas mensagens que lhe são postadas por seus alunos, ou seja, “*ciberlixo*”, poder-se-ia dizer, com base em Kenski (2007). A professora S declara:

Eles fazem a prova de manhã e quando vou ler o *Orkut* à noite, eles já estão querendo saber da nota por mensagem por lá, no mesmo dia em que ela foi aplicada. A vida pessoal também é difícil de falar com eles quando ficam perguntando. Tem professor que nem entra no *Orkut* porque acha a exposição muito grande, por mais que exista bloqueios às fotos, recados, etc. Eu ainda estou lá porque nunca tive

maiores problemas. Quando a situação fica complicada eu digo que não dá para resolver o que eles pedem, e se eles perturbam eu excluo alguns alunos.

A professora S opina, com base neste ponto, que um outro tipo de problema associado ao abalo da hierarquia mencionada anteriormente consiste em os alunos não saberem distinguir o professor como amigo de *Orkut* do professor em sala de aula. Contrariá-los, de alguma forma, conforme essa entrevistada, pode ser, assim, motivo para intrigas, desinteresse e distanciamento dos jovens no contato até mesmo presencial com ela. Em casos mais graves, são rompidas suas relações para sempre.

Importante enfatizar que isto põe em xeque a opinião de boa parte dos teóricos estudados que veem com bons olhos a quebra da hierarquia na relação professor-aluno em sala de aula, a partir do uso compartilhado da rede. (MAGDALENA; COSTA, 2003; DOWBOR, 2005; KENSKI, 2007; MARQUES, 2006). Mas, é importante se fazer a ressalva de que tais estudiosos têm essa opinião no que remete ao trabalho em comunidades virtuais de aprendizagem, o que parece não ser bem o caso trazido pela professora.

Em seu discurso a professora S dá a entender que não seja favorável, a partir do uso da rede, um sentimento de coleguismo, uma igualdade de posicionamentos na sua relação com os adolescentes, para uma boa formação dos alunos, isto por tal igualdade dificultar a percepção dos jovens de seu papel de educadora. Da parte do aluno, por sua vez, essa diferenciação da docente enquanto professora de sala e amiga de *Orkut* não está nítida e até mesmo para alguns, pelo modo como se comportam em sala, sequer é tida como existente ou necessária.

Nesse caso, portanto, a disparidade de percepção de alunos e professores com relação ao que vivenciam dentro e fora do *Orkut* e do *MSN* e, em sala de aula, causa transtornos na vida de ambos, repercutindo decisivamente suas vivências em tais meios sobre os outros campos de sua experiência, isto para todos os envolvidos nela. Ou seja, o que experienciam na escola influencia e interfere no que vivenciam na rede, e vice-versa, trazendo implicações múltiplas na vida dos que integram tais relações, dentro e fora do ciberespaço. Eis um depoimento nesse sentido:

Isto de excluir o aluno traz uma complicação danada em sala de aula porque, às vezes, o aluno fica triste, chateado, quando me vê, às vezes, com raiva por ter sido excluído do meu *Orkut* ou do *MSN*. Vem tomar satisfação dizendo: 'Professora, porque a senhora fez isso, foi uma tremenda injustiça'. Tem deles que eu preciso expulsar de sala também, que negam que estão atrapalhando a aula e falam que estão

sendo colocados para fora dela injustamente. Eu digo para eles pela Internet e em sala: Não levem a mal, mas eu preciso trabalhar. (Professora S).

Parece, assim, a exclusão de alguns de seus alunos do *MSN* e de seu perfil no *Orkut* pela própria docente gerar nos mesmos um sentimento de desgosto, rancor e até mesmo revolta, que os impede de manter relações amistosas com ela, importantes aos mesmos para o desenvolvimento de sua aprendizagem e sociabilização. Com isso, portanto, não somente a interação virtual fica comprometida, mas, de forma ainda mais complexa, o processo de formação dos jovens.

Com base nos discursos dos entrevistados, as relações em rede e face a face, em sala, estabelecidas por professores e alunos parecem se metamorfosear de modo rápido a depender das repercussões das atitudes tomadas entre tais grupos no ciberespaço e na escola. Tornam-se muito complexas e densas pela instabilidade nas interações que variam a depender de diversos fatores como o grau de proximidade e entrosamento e a frequência de contatos mantidos por cada professor com seus alunos na Internet, que configuram, em uma certa proporção, o grau de amizade entre eles.

É fundamental ressaltar, no entanto, para justificar o exposto acima, que este grau de amizade entre alunos e professores e alunos entre si também se altera com a menor falha ou êxito no processo comunicativo e interpretativo de suas mensagens em rede, trazendo implicações à sociabilização dos jovens. Uma mudança de humor que redunde em uma alteração na percepção do tom da conversa tanto em quem emite como em quem recebe a informação na Internet pode gerar leves conflitos ou celeumas e quebra de vínculos, conforme os entrevistados.

Os professores parecem também aludirem que muitas informações podem ser distorcidas com base no grau de fantasia perpassado na compreensão das mensagens. Como adverte Felinto (2005), o mundo das tecnologias informáticas é admirável, fascinante, mas também fonte de perplexidades, obscuridades e riscos, pelo grau acentuado de imaginação de que se encontra imbuído.

Isto contraria o otimismo de Marques (2006), o qual acredita que uma intensa prática intersubjetiva dos sujeitos da sociedade em rede, reforçada a cada dia mais, sobretudo, em comunidades virtuais, engendra uma razão policêntrica, de muitas vozes, voltada à emancipação dos aprendizes.

Por vezes, a forte tonalidade afetiva na relação com os discentes engendra também, de forma contundente, sua entronização por eles, também confirmando a tendência dos jovens de exaltar personalidades, abordada no capítulo anterior. Como revela a informante S: “Já escutei conversas entre os alunos em que um comentou admirado: “Nossa, você é amigo da professora no *Orkut* ?!!!” Sobre tal diálogo ela avalia: “[...] Até parece que nós somos deuses.” Bom frisar o tom de ironia desta professora ao tecer este comentário na entrevista.

Problemático, portanto, também parece ser o engodo em que os jovens se emaranham e entrelaçam o professor ao fetichizá-lo, atribuindo-lhe caráter divino, segundo a entrevistada. Condição semelhante foi percebida na fala do professor D, o qual salienta a popularização dos educadores mais próximos dos jovens pela Internet, que lhes dá certa aura de “gurus”.

Vale explicitar que, para Felinto (2005), o gnosticismo tecnológico instiga os sujeitos a uma percepção da divinização do *self*, a transposição da divindade para o interior de si e para a dimensão das experiências humanas. Tal condição dá margem à banalização de representações culturais que deflagram uma pretensa virtualização da subjetividade, e, com isso, do próprio sujeito, como esclarece este autor, embasado no discurso de Harold Bloom (1996). O professor D ilustra:

A Internet é um ‘catalisador de relações’ entre alunos e professores. Acelera o processo de proximidade do professor com os alunos, os torna mais íntimos. Os jovens se soltam mais. O professor pode, por meio das conversas com eles em rede, conhecer melhor os alunos. Muitos professores ao serem conhecidos por eles, passam a ser adorados pelos alunos. Eles vibram quando alguns professores chegam na sala. Existe um maior apego. Eles ficam mais receptivos ao professor. O professor parece que faz parte da família, conhece os alunos pelo nome, lhes dá conselhos até sobre como agir diante da separação dos pais dos jovens, a pedido deles.

Que consequências isto traz não se pode definir ao certo, mas tal fenômeno parece trazer implicações contundentes na formação e na sociabilização dos jovens, na medida em que o fascínio pelo professor por parte de um aluno carrega o poder de contágio sobre os demais, alterando-lhe seus modos de interação.

O entrevistado D considera importante para os jovens sua abertura e atitude mais receptiva com relação ao professor, no entanto, parece não considerar os riscos que a entronização da figura docente pelos jovens pode gerar à formação deles, como apresentado

por Felinto (2005). No caso não se trata, porém, de uma divinização de si pelos jovens, mas do professor, que altera sua condição de sociabilização na escola.

Ainda que a Internet oportunize contatos frios e, ou, conflitantes entre os jovens e destes com os docentes, os professores exaltam o maior conhecimento recíproco e entrosamento dos sujeitos com as interações virtuais. A mudança da sociabilização dos jovens no que tange à relação destes com seus professores é benéfica para a formação discente, na opinião dos entrevistados, como um todo, pela ênfase que dão aos seus aspectos positivos. Paradoxalmente, os depoimentos que atestam tal avaliação, são, no entanto, em menor proporção, ou seja, menos percorridos quando comparados aos aspectos negativos da influência da Internet na sociabilização dos jovens.

O professor G comenta que a rede agiliza e intensifica a interação com os alunos e destes entre si. A mudança de suporte de cartas antigas que viraram *e-mail* e do diário das adolescentes que se converteram em *blogs* na atualidade, apenas tornaram, a seu ver, mais rápida, fácil e criativa a comunicação, favorecendo a aproximação entre todos. Com esse ponto de vista, não avalia também, de modo mais profundo e sério, a gravidade da má utilização das ferramentas e informações da Internet pelos jovens, como se dá com a exposição demasiada dos alunos por meio de *blogs* ou pelo *Orkut*, extremamente facilitada com os recursos multimídias da Internet.

Com esta sua concepção, mais positiva acerca da Internet, centrada nas facilidades de comunicação propiciadas por ela, acaba, talvez, impossibilitando uma visão mais crítica sobre a rede no que tange a sua influência na sociabilização dos alunos. Isto obstaculiza também uma melhor orientação dos jovens para o uso responsável e ético de tais ferramentas e formação de senso crítico sobre esta questão nos estudantes.

Um fator desfavorável, no entanto, salientado pelos professores com relação ao uso da Internet pelos alunos, é o fato das condições tecnológicas da rede possibilitarem aos jovens o ofuscamento da percepção dos adultos de suas más condutas, dadas no espaço virtual. “O computador derruba as barreiras que tradicionalmente separam o pré-literário do literário, o concreto do abstrato, o corpóreo do incorpóreo.” (PAPERT, 1994, p. 50). Como justifica o professor G: “Na Internet eles podem usar ‘máscaras’, nas salas de bate-papo, podem criar perfis *fakes*, assumir outra personalidade.” Isto é concebido como problemático pela professora N em razão dos alunos não poderem ser devidamente advertidos em seus

erros, nesses casos, o que os leva a cometê-los de modo recorrente, gerando transtornos. Pode-se ainda compreender que isso traz comprometimentos à formação dos jovens, embora a professora não tenha feito essa avaliação em seu discurso.

Magdalena e Costa (2003) exortam a autonomia e liberdade de fluxo na rede. Julgam o controle com relação à exploração do espaço virtual pelos alunos como uma descrença dos educadores acerca da capacidade dos estudantes de descobrirem, por caminhos não delineados, não vislumbrados *a priori*, formas de construções de saberes e de organização das informações. A Internet é um oceano aberto a ser desbravado por corajosos surfistas, para as autoras.

Libedinski (1995) problematiza que a maior exposição das pessoas com o uso do correio eletrônico demanda maior senso de responsabilidade no estabelecimento de tal forma de contato. Isto, no entanto, tem sido uma condição difícil nas interações virtuais dos jovens, segundo os professores. A percepção disto como algo pernicioso à formação deles, em alguns casos e condições, incita o desejo de vigilância e controle docente do comportamento dos alunos, em determinadas circunstâncias, também pela rede.

Tal desejo latente parece vincular-se à opinião de Marques (2006), o qual analisa a disciplina persistente, vigilante e contínua, no trato diário entre os sujeitos que compõem as comunidades virtuais educativas como algo necessário. O contexto interativo em questão, os estabelecidos pela Internet, em casa, pode não ter um caráter necessariamente pedagógico; mesmo neste caso, tal intuito disciplinador docente permanece, por vezes.

É possível identificar uma tentativa de controle, por parte dos professores, da ação dos jovens na Internet, pela dificuldade que sentem em lidar com o comportamento sempre mutável dos alunos, em alguns casos. Enfatiza-se, porém, que ações e produções se dando de modo versátil, criativo e exímio pelos discentes, em rede, escapam do pretense controle docente no que se refere ao direcionamento do processo educativo e formativo dos jovens. Isto pode se dar em razão de limitações pessoais e pedagógicas, associadas também a um menor domínio técnico da Internet e conhecimento superficial de suas implicações em termos de formação humana. A professora N comenta:

É difícil para nós, pais e professores, sabermos as coisas que os jovens fazem na Internet e ajudarmos, porque eles usam muito *Nick* (apelidos) quando querem e aí não tem como descobriremos determinadas coisas que fazem. Eles são muito jovens. O que é pior é que eles não fazem muitos questionamentos sobre o que fazem na Internet, não avaliam bem as coisas.

Por este discurso não fica elucidado se a professora acredita mais que os jovens, através do anonimato e da construção de perfis *fakes*, visam mais se proteger de riscos enfrentados no ciberespaço, mudar suas condições de singularizações para um aperfeiçoamento da subjetividade ou se visam assumir outras personalidades para ocultarem mais facilmente suas ações e não poderem ser identificados e responsabilizados pelas consequências deletérias de seus atos em rede.

Com base em declarações como a da professora N, acima, pode-se dizer que a inventividade que circunscreve os modos de uso e os produtos da rede cria condições de interação e sociabilização inovadoras, e imprevistas, não contempladas e explicitadas em “manuais” e em regras pré-estabelecidas de convivência social, como parecem apontar os educadores. Tal concepção fundamentada nas próprias entrevistas, parece explicar as razões da existência de formas plurais de sociabilidade dos jovens, na atualidade.

No geral, com essas informações e, ao longo do relato de discursos dos informantes, percebe-se a pluralidade e as contradições de opiniões sobre a influência da rede na sociabilização dos jovens não somente dos professores entre si como, em alguns momentos, as que eles mesmos formam em seus posicionamentos pessoais com relação a este tema. As contradições nas respostas às questões que lhes foram colocadas parecem refletir a contradição da própria realidade, tal como experienciada pelos docentes. A explanação a seguir aponta também razões para isto:

[...] colocamos de nós, de nossas histórias e trajetórias, nas formas pelas quais nos apropriamos dos produtos tecnológicos, utilizando-os de modo sempre singular e único, relacionado à nossa subjetividade, aos nossos interesses, à situação específica. Assim sendo, cada produto (e/ou regra) comporta tantas formas de uso quantos os sujeitos que o utilizam. (OLIVEIRA, 2002, p. 31-32).

Com base no analisado neste tópico é bom frisar também, por outro lado, o que evoca Castells (1999, p. 381): “[...] a Internet se expandirá como uma ágora eletrônica global, com sua inevitável dose de desvios psicológicos.”

Tais falas suscitam outros questionamentos: será que os alunos se formarão de modos diferentes, tendo como um fator diferencial sua participação ou não no ciberespaço e seu contato virtual ou não com colegas e professores de sua escola e das demais? Ou seja, o acesso ou não aos seus professores e aos colegas de turma pelo *Orkut* e *MSN* fará diferença no que tange à formação dos princípios e valores na conduta dos jovens?

Importante salientar que nem todos os alunos mergulham com a mesma frequência no ciberespaço e que os professores, tal como apresentam em suas colocações, também não procuram os alunos para adicioná-los como amigos em *sites* de relacionamento da rede, sendo estes convites feitos pelos mesmos aos educadores, os quais só então os aceitam. Como afirma Lévy (2005, p. 218):

[...] hábitos, as habilidades, os modos de subjetivação dos grupos e das pessoas adaptadas ao mundo antigo não são mais adequados. A mudança técnica gera, portanto, quase, necessariamente um sofrimento. Enrijecer-se com esse sofrimento, negá-lo, desconhecê-lo, observar apenas seus aspectos negativos só irá aumentar a parte inevitável da tristeza.

Este sofrimento gerado por influência de tais mudanças apontadas na citação acima, o qual deve ser enfrentado e superado, não envolve somente os autores escolares, como já afirmaram os entrevistados. Também adultos, especialmente os pais, são importantes em sua deflagração, ainda que, em alguns casos, não se percebam envolvidos em sua manifestação, agravando as condições de sociabilização desvirtuadas dos jovens. Isto será melhor explicado no próximo subcapítulo, onde serão problematizadas e consideradas, sob o viés ético, o papel e participação destes últimos na formação dos jovens internautas, considerando-se sua ligação com o universo escolar, cada vez mais complexo.

5.2 Família – escola e sociabilização dos jovens com a internet

Para Enguita (2004), o fazer educacional se complexifica em virtude dos grupos nas escolas serem cada vez mais pluralizados, ainda mais pelas rápidas mudanças, pela diversificação crescente dos segmentos sociais. Cobranças e críticas aos professores por alunos e pais tornam-se frequentes, diante das dificuldades no exercício de sua função.

Todos os professores declaram que as transgressões no comportamento dos alunos, com o uso da Internet, devem-se muito a sua formação desvirtuada, em razão das negligências dos pais, na atualidade, com relação à educação dos jovens. Desvios de conduta dos jovens não se dão por interferência direta da Internet, mas em decorrência de uma conjugação de fatores, sendo o principal citado pelos entrevistados, a ausência de boa orientação dos pais quanto ao que os adolescentes fazem no ciberespaço e as condições de mergulho na rede e maus exemplos de demais adultos, como já relatados.

Segundo o professor G, a sociabilização dos jovens no lar se dá de forma permissiva. Isto porque, na perspectiva docente, os pais proporcionam tudo o que os filhos querem, não sendo, portanto, para os alunos, bons formadores. Em corolário a esta condição, os jovens manifestam um hedonismo marcante, na visão deste educador, por priorizarem ações que lhes trazem prazeres. O depoimento abaixo expressa e justifica este seu julgamento:

[...] Acho que eles estão sem modelo, não têm em quem se espelhar. Tento ser um para os alunos em sala, mas também na Internet, eles veem isso por lá. Explico sempre que é possível viajar, estudar, trabalhar, namorar, se divertir, basta se organizar e que tanto professor como aluno podem fazer isso. Eles não têm muito essa visão. (Professor G).

Os professores avaliam a ausência de colocação de limites e regras de utilização da Internet pelos pais como uma problemática preocupante no que remete à sociabilização dos jovens, sobretudo quando acompanhada da falta de diálogo acerca também dos propósitos de uso da Internet em casa e desinteresse dos pais em saber com quem os filhos interagem no ciberespaço. “A desvantagem que vejo é o jovem ficar muito tempo na Internet, até mesmo vendo pornografia. Acho que os pais deveriam ficar de olho, saber quem está no *Orkut* dos filhos, as companhias deles.” (Professor G).

Castells (1999, p.23) comenta que uma mudança social profunda e incontrolada, em várias sociedades, tem sido a derrocada do patriarcalismo, havendo uma redefinição fundamental na personalidade e nas famílias. Os sujeitos tendem, pelo uso da Rede, a se reagrupar em torno de identidades primárias – religiosas, étnicas, territoriais e nacionais –, buscando segurança. “[...] Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social”. E esclarece:

Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. A formação de identidade não significa necessariamente incapacidade de relacionar-se com outras identidades [...] ou abarcar toda a sociedade sob essa identidade [...] Mas as relações sociais são definidas vis-à-vis as outras, com base nos atributos culturais que especificam a identidade. (CASTELLS, 1999, p. 38).

Os jovens constroem sua experiência de maneira fragmentada na pluralidade de redes e grupos com que interagem. A possibilidade de entrar e sair de forma rápida e participar de modo fugaz nestas, sem, contudo, deixar de mandar e receber informações, de diversas formas, em um ritmo intenso, sejam elas sobre educação, lazer ou consumo,

contribuem para o debilitamento de pontos de referência os quais embasavam a construção tradicional da identidade. (MELUCCI, 1997 apud ZUCCHETTI; BERGAMASCHI, 2007).

Castells (1999) coaduna com estas autoras afirmando que a busca pela identidade vêm ganhando força, dentre outros fatores, pela deslegitimação das instituições, como a família, o enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Os sujeitos assim privilegiam *o que são* e acreditam *que são* na organização de seus significados, deixando como pano de fundo aquilo que fazem. Marques (2006), por sua vez, advoga que muitas perspectivas de identidades pessoais e coletivas tornam-se possíveis em um mundo multicultural de interconexões globais como o atual, as quais podem favorecer tanto gestos solidários entre grupos como produzir catástrofes globalmente.

Zucchetti e Bergamaschi (2007) avaliam que os sentidos múltiplos dados pelos jovens às suas experiências, os quais operam movimentos sobre a sociedade e a cultura, quando vistos como instauradores de desordem social, criam uma representação de juventude problemática. Com isso, os jovens passam a ser vistos como alvo de cuidados especiais, em virtude de tal interpretação colocá-los, na sociedade em que vivem, em um estado de desconfiança, suspeita e acusação de desorganização social. Colocações da professora N, relativas ao desejo de controle das ações dos jovens em rede, comentadas no final do subcapítulo anterior, apontam para isso.

Zucchetti e Bergamaschi (2007) afirmam que a transitoriedade, as inquietudes, o ingresso no mundo do trabalho, o namoro, as festas sem a presença dos pais ou responsáveis, o ingresso na universidade por alguns jovens, constituem semelhanças entre estes, experiências comuns, nos diferentes tempos. No entanto, as sociedades não veem com bons olhos o excesso de movimento dos adolescentes, tomando como características definidoras destes a inquietação, os conflitos e a desordem como algo negativo e perigoso a ser contido.

Oliveira (2002) pontua que o caráter dinâmico da vida cotidiana torna-se um lugar de produção criativa e perene de novidades. Usos não-autorizados das tecnologias podem se constituir, ao contrário do que, muitas vezes, se presume, em práticas transgressoras estimuladoras de movimentos emancipatórios, caso inseridas nas teias do poder instituído, de modo a subvertê-lo, rompendo sutilmente, porém de modo significativo, lógicas previsíveis e conservadoras de regulação social. Sobre este assunto complementa a autora:

Se atribuímos, portanto, às pequenas transgressões cotidianas suas possibilidades e potenciais emancipatórios, e sabemos que podemos redesenhar o nosso mundo por meio de novas práticas, mais fraternas, mais solidárias e autônomas, podemos então compreender que, para além das grandes e necessárias transformações estruturais de que carece nossa sociedade, a transformação social é tecida cotidianamente, nas práticas subversivas que somos capazes de desenvolver, nos espaços que tecemos dentro do lugar do poder, nos usos que fazemos de suas normas regulatórias. (OLIVEIRA, 2002, p. 40).

A professora B ratifica, no entanto, o perigo de más influências pelas interações em rede a que se expõem os discentes mais imaturos e inexperientes, sem orientação dos pais. Declara, fundamentada nessa ideia, o recrudescimento da necessidade de intervenção jurídica, em práticas criminosas em rede, como condição de um melhor processo de sociabilização dos alunos:

A classe média alta está se formando mal e isto muito pela falta de acompanhamento dos pais, da educação dos filhos. Já li que existe agora a 5ª geração, geração net, e que o Direito já está até se preocupando com a questão de leis para controlar a utilização da Internet hoje. (Professora B).

Lévy (2005) opina que o sistema das mídias de massa, sobretudo a televisão e a grande imprensa, difundem uma imagem do ciberespaço associada à máfia, à formação de redes de pornografia pedófila, ao terrorismo, ao nazismo, ao *cibersexo*, em alguns dos *sites* da *Web*. Todavia, segundo ele, é um reducionismo enfatizar a Internet como principal tecnologia perniciosa na atualidade, uma vez que todas essas práticas deletérias se processam também por outros meios de comunicação, sem contudo os sujeitos os articularem à criminalidade.

Almeida (2002) pontua, por sua vez, que novas formas de comunicação mediada por computadores já suscitam profundas discussões sobre a ética que orienta o comportamento humano na Internet, tratando de questões que abrangem conflitos relativos à autoria de trabalhos, no que remete à prática ilegal do fenômeno do “copiar-colar”, como também sobre determinados conteúdos veiculados, como poderia se considerar os acima mencionados.

Melluci (1997), no dizer de Zucchetti e Bergamaschi (2007), afirma que se amplia para a sociedade como um todo a importância também da questão dos limites na formação dos jovens, relacionada às dificuldades deles em lidar com a cadeia plena de possibilidades que lhes são abertas em suas múltiplas vivências em rede.

De acordo com os professores, a situação dos pais estarem, no entanto, muito ocupados com trabalho e pouco comprometidos com a escola no que se refere à educação dos

filhos, favorece também o desrespeito dos jovens na relação entre si e com seus professores, o que parece agravar-se a cada dia.

Conforme o docente P, com as informações captadas da Internet os jovens são capazes de abrir horizontes novos de compreensão dos fenômenos, mas pela falta de acompanhamento dos pais em relação ao uso da Internet pelos filhos, congregada ao fato de que a rede não aprofunda nem orienta os alunos acerca do que é certo e errado, não os ensina, em outras palavras, a serem críticos, a condição de formação dos jovens encontra-se agravada na atualidade.

Enguita (2004) problematiza a falta de reconhecimento das famílias sobre a importância da educação e, mais especificamente, do trabalho docente. Em muitos casos, as escolas limitam-se, na visão destas famílias, a meros albergues de seus filhos ou locais de correção de seus comportamentos não orientados em casa. Para o autor, tal situação instaura um mal-estar nas instituições educacionais, tendo em vista que as demandas às escolas são nitidamente mal delineadas, excessivas e contraditórias, traduzindo a própria desorientação da sociedade e dos envolvidos na configuração de tal quadro de desorientação, na qual se veem enlaçados os professores.

Os professores comentam, entretanto, a pouca consideração dos alunos em relação aos aconselhamentos dos pais mais atenciosos em seu processo formativo, com relação ao uso responsável da rede, - evidenciada no primeiro parágrafo do subitem 4.4.14-, e a dissimulação discente frente a estes últimos com relação ao uso da Internet. Condições preocupantes, a seu ver, também com relação à sociabilidade dos adolescentes. Um exemplo:

A situação está complicada. Têm pais angustiados que vem atrás da gente (professor) para reclamar do uso exacerbado da Internet pelos filhos, por não conseguirem controlar isso em casa. Quando a gente conversa com os alunos, alguns confessam que deixam uma série de páginas abertas da Internet enquanto estudam e aí quando os pais chegam perto deles eles retomam a tarefa ou entram no *site* de pesquisa, dizendo que estão estudando. Um enorme desrespeito. (Professora N).

Zucchetti e Bergamaschi (2007) expõem, retomando Melucci (1997), que as experiências na sociedade atual, por serem muito mais incertas e menos repassadas, tornam a percepção das biografias e da realidade como estando mais por se fazerem no dia-a-dia. A ênfase dada à importância do momento presente pelos jovens repercute sobre as relações, configurando conflitos geracionais. Isto parece ser sentido pelos professores, embora não abordado nestes termos.

A dificuldade de imposição de regras na convivência social dos jovens ultrapassa, portanto, a sala de aula, sendo marcante no contexto familiar. Pedidos aos professores pelos pais de alunos para acompanharem seus filhos durante maratona de jogos destes, em *lan houses*, justificam isso e levantam sérios questionamentos com relação ao norteamento da formação dos jovens. Sobre este ponto revela o professor P:

Vieram pais falar com a escola para pedir que nós, professores, acompanhássemos os filhos deles em noitadas internéticas nestas casas de jogos, nestas festas em que eles passam a madrugada jogando com os amigos. Eu acho que o professor não deve ir. Comentei com meus alunos e com a escola. Como fica a função de pai nessa história? A tutela dos filhos vai ser deixada sob nossa responsabilidade? O poder pátrio como fica?

O professor P avalia que tal pedido dos pais manifesta o desejo destes de se desresponsabilizarem pela orientação dos filhos com relação ao uso da Internet, atribuindo tal dever somente à escola, o que põe em xeque a formação dos alunos. Pelo discurso dos entrevistados pode-se depreender que o poder da família está debilitado. Por outro lado, é grande o poder dos amigos e das experiências vivenciadas em *sites* de relacionamentos (*Orkut, MSN*) na formação dos jovens, na contemporaneidade.

Os entrevistados, no geral, consideram que a Internet tem sido um problema para pais e professores, não somente pela pouca colaboração familiar no processo de formação dos alunos, mas também pela sociabilização dos jovens em rede fora do espaço escolar exercer um poder maior de influência sobre o comportamento destes que a ação educativa estabelecida no interior da escola, independentemente do uso pedagógico da Internet pelos professores, em sala. No entanto, não julgam que a escola perdeu sua importância social no que se relaciona a sua função intrinsecamente sociabilizadora.

A questão da centralidade da Internet na vida dos jovens e as condições escolares em lidar com tal fenômeno será tratada a seguir. Também será dissertado o conflito entre os valores supostamente preconizados pela escola e os valores exortados no meio escolar, expressos no contraste entre ações educativas desenvolvidas ou intencionadas por professores e ações requeridas pelo sistema capitalista, relativas aos modos de condução da educação de jovens, decisivas em seu processo de sociabilização, na sociedade em rede.

6 SOCIABILIZAÇÃO DISCENTE E VALORES DA SOCIEDADE EM REDE, MUDANÇAS NOS PROCESSOS FORMATIVOS NAS ESCOLAS, COM O USO DA INTERNET

Neste tópico será feita uma análise da importância e das consequências do uso da Rede Mundial de Computadores na sociabilização dos jovens, no contexto da cultura digital, como percebidos pelos docentes. Neste momento será revelado como as escolas procuram trabalhar a questão da Internet com os discentes, frente às adversidades e desafios, ao longo deste processo, considerando-se as condições de ensino-aprendizagem estabelecidas no contexto de sala de aula.

Conforme Magdalena e Costa (2003), ocorre, na sociedade tecnológica, uma transição em que o velho e o novo paradigma de educação coexistem; inovação na ação educativa choca-se com práticas pedagógicas conservadoras. Valoriza-se a construção do saber e a formação dos alunos, a partir da realização de projetos cooperativos em rede, no entanto ainda se mantêm a instrução, transmissão do conhecimento produzido, sedimentado em uma concepção de conhecimento a ser adquirido.

Tal contexto educacional parece relacionar-se às dificuldades pedagógicas e interferir nas condições de sociabilização dos jovens, conforme os entrevistados. Também parece influir nisso uma perspectiva mais fundamentada em uma racionalidade instrumental privilegiada, em dados momentos, nas escolas, em torno do universo do ciberespaço, as quais têm base, por sua vez, em valores preconizados pelo sistema capitalista.

Em meio a essas novas realidades educacionais, evidenciadas pelo uso das TICs e dos ambientes de aprendizagem, é preciso perguntar: qual será o papel a ser desempenhado pelas nossas atuais escolas e pelos seus professores e alunos? Certamente, serão necessárias grandes alterações em suas funções e desempenhos, mas o que se espera desses elementos nas novas sociedades da informação? Como formar professores para atuar nesses novos espaços profissionais? Essas questões se apresentam como desafios para pensarmos sobre a realidade da escola e da atuação de professor e alunos na atualidade. (KENSKI, 2007, p. 100).

Refletindo sobre estas condições, o professor P avalia que os jovens do terceiro ano são mais críticos de si e dos outros, mais isolados e muito preocupados com seu próprio desempenho no vestibular e resistentes a realizar trabalhos em rede com os colegas de turma devido, em parte, à quebra de determinados valores durante o Ensino Médio. Isto em razão da

escola, às vezes, negligenciar elementos morais e éticos na formação dos aprendizes nesse nível de escolaridade. A concorrência velada que se estabelece no 3º ano, a seu ver, justifica esse seu comentário. Esta muda a relação dos jovens entre si em sala e os impede também de adotarem uma atitude mais genuinamente cooperativa na Internet, nos grupos de estudos que integram no ciberespaço.

Isto contradiz o que reflete com mais otimismo Lévy (2005), o qual avalia que o movimento social e cultural que o ciberespaço propaga, instaurado com uma comunicação não midiática, interativa, comunitária, transversal, imperceptivelmente é mobilizado pela autonomia e a abertura para a alteridade. A autonomia neste caso, parece, na fala do professor P, ser buscada até mesmo em demasia por estes jovens, com suas posturas tendenciosas a uma maior independência. A abertura para a alteridade com tal comportamento competitivo parece, porém, não se evidenciar neste exemplo.

O entrevistado P problematiza que, em muitos momentos, a irreflexão e imaturidade dos jovens diante do enfrentamento dos problemas, que vivenciam no seu cotidiano e que percebem na realidade social, ocorre por forte influência, dentre outros fatores, do aspecto conteudista em sala de aula, privilegiado pela escola. O educador expressa que: “Os alunos não pesquisam na Internet como fazer primeiros socorros, como agir em um incêndio ou diante de uma enchente e isto também não é ensinado em sala de aula.” Papert (1994) postula que há nas escolas uma supervalorização do que é abstrato, desassociado da realidade, tal como vivenciada.

As informantes N e S ressaltam que pelo fato do uso da Internet pelos jovens, sem acompanhamento de pais e professores, ser um risco à formação moral e até mesmo à vida deles, temas fervilhados por lá frequentemente precisam ser discutidos seriamente em sala, de forma responsável. Citam o exemplo, trazido por alunas, de dietas alimentares que estas fazem, sem a consulta ao médico, motivadas e orientadas por informações obtidas na TV e na Internet, e indução ao suicídio em comunidades virtuais acessadas pelos jovens na Internet.

A professora N comenta, no entanto, que nem sempre dá para se discutir, em sala, sobre a Internet, e o que se obtém a partir dela. O motivo fundamenta-se na necessidade de focalizar o plano de aula, o que também sinaliza para um interesse escolar em um conhecimento mais abstrato e maior atenção ao aspecto conteudista, em detrimento de uma

maior reflexão sobre questões cotidianas que envolvem mais diretamente valores humanos sociabilizadores.

De acordo com Libâneo (2004), para o enfrentamento dos desafios do avanço acelerado da ciência e da tecnologia, da mundialização da economia, das transformações dos processos de produção, do relativismo moral, o professor em nossa sociedade precisa criar condições cognitivas e afetivas que ajudem o aluno a atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias e multimídia, significados da cultura e da ciência, a partir de mediações cognitivas e interacionais estabelecidas entre si.

A dificuldade docente em bem realizar tal ação não só na escola com o uso da rede, mas a partir de interações informais extra-sala, conectados à Internet, comunicando-se com os discentes, não só abordando temas mais científicos como temas da vida cotidiana, obstaculiza uma formação mais sociabilizadora dos jovens, como denotam os discursos dos professores.

O professor P também ressalta a importância, para a formação de jovens, de debates em sala sobre questões de valores culturais propagados por meio do ciberespaço. Para ele, mediante a tomada de uma postura reflexiva, os alunos teriam melhores condições de interagir em comunidades virtuais, se deixando influenciar menos, de forma acrítica, pelos posicionamentos e estilos de vida de todos aqueles com quem interagem em tais comunidades e nas conversações genéricas em rede. Momentos mais construtivos como estes, porém, não são comuns, segundo o educador.

Tais observações docentes, relativas à influência do ciberespaço na sociabilização dos jovens, são endossadas por alguns autores. Rivoltella (2007) preconiza que o tema mídia na sala de aula deve ser um tema transversal na escola, de interesse coletivo e trabalhado em várias disciplinas, pela sua importância para todas as áreas do saber. Marques (2006), por sua vez, complementa que, nessa sociedade tecnológica, não tem como se trabalhar educação sem incluir a ética, em todos os níveis, e disseminá-la entre os alunos, abordando o tema novas tecnologias.

Kenski (2007) avalia que o processo educacional desdobrado com essa nova educação é capaz de, supostamente, promover melhores condições de sociabilidade aos jovens. Porém, engendra-se com certa dificuldade e impondo desafios, também pelo fato das aulas de informática no projeto pedagógico das escolas nem sempre consistirem em espaços-

tempos de desenvolvimento de conhecimentos, espírito crítico e comportamentos sociais significativos.

Rivoltella (2007) complementa que tratar os conteúdos de forma organizada e crítica, utilizando as novas tecnologias para direcionar o uso dos meios de comunicação pelos alunos, é uma condição necessária aos professores para o não distanciamento da cultura dos jovens da docente e para a não imposição de obstáculos nos diálogos educativos entre ambos e dos processos de aprendizagem e interação.

Magdalena e Costa (2003) defendem que somente as inter-relações entre os sujeitos, com a discussão dos problemas multifacetados, detectados na própria realidade e discutidos em sala, com base nas experiências, nos interesses e dificuldades dos alunos em entender e explicar aquilo que investigam e com que se deparam, geram soluções para os problemas reais enfrentados pela sociedade. A mídia e a Internet têm papel importante nesses processos sociabilizadores e de transformação da realidade, por possibilitar a manutenção dos jovens sempre em dia com seus questionamentos sobre o que está sendo exposto referente aos assuntos socializados, de relevância coletiva. (MAGDALENA; COSTA, 2003).

Nicolaci-da-Costa (1998) admite inclusive que, quanto maior o contato em rede com assuntos como pornografia e violência, maior será a compreensão e as condições de se lidar com eles, quando postos em pauta pelos aprendizes no contexto educacional e apresentados na vida dos alunos fora da rede. Tal ideia, portanto, vai de encontro, de uma certa forma, à opinião de professores que consideram pernicioso o acesso dos jovens na rede a *sites* pornográficos, por exemplo. Esta questão parece se apresentar como comprometedora à formação dos jovens devido a ser mal trabalhada, dada a ausência de espaço e tempo disponibilizados para discussões sobre tais temas e outros relativos aos valores sociais, na escola e com os pais, conforme aludem os entrevistados.

Segundo Novaes (2002), elementos marcantes da época atual como, por exemplo: a transgressão das normas, o apelo do efêmero, a crescente desestabilização familiar, a expansão do consumo, são graves problemas sociais refletidos nas escolas, nas relações educativas estabelecidas neste contexto. Isto também foi trazido, em determinados momentos, pelos educadores, os quais percebem também a influência do uso da Internet pelos jovens no desdobramento de tais mudanças, considerando-se as atuais condições e propósitos de sua utilização pelos discentes.

Os professores apontaram que tais condições interferem em suas relações com os jovens, em sala, e parecem agravar-se com determinadas formas de uso da Internet pelos mesmos. Importante destacar, contudo, o papel do docente e dos demais envolvidos com a educação, para o estabelecimento de tal panorama social, incluindo psicólogos deste campo de atuação, além da sociedade.

O professor D comenta a seriedade e o afincamento da educação escolar com relação à formação de valores dos jovens e elucida que, embora esta promova uma conduta mais ética no comportamento dos adolescentes, não impede em alguns alunos determinados desvios de comportamento comprometedores não só da sociabilização deles próprios, como do bem-estar coletivo. Ele cita, em especial, a ocasião em que quebram as regras da netiqueta com o uso conjugado da rede e aparelhos eletrônicos, ponto anteriormente abordado. O professor P critica também uma jovem que fez uso de um *iPod* durante sua aula.¹⁵

Enguita (2004) explica que a escola com suas rotinas rígidas e tediosas encontra-se em condições insatisfatórias de disputar a atenção, o interesse de alunos diante das divertidas trivialidades oferecidas pela televisão, videogames e computadores. Esta também não é capaz de incursionar na cultura com maior propriedade, em razão das infindáveis oportunidades apresentadas no mundo globalizado. Para Lévy (2005), saberes estáveis, conhecimentos acomodados pela tradição, perdem a sua força diante dos saberes em fluxo permanente, dos saberes caóticos, imprevisíveis e em devir, emergentes com as aprendizagens cooperativas e mais livres no ciberespaço. Sobre este ponto versa o Ministério da Educação e Cultura:

[...] as práticas sociais envolvem inevitavelmente conflitos e contradições, os quais, quando mal dimensionados, ameaçam o próprio convívio social. O reconhecimento dessas tensões, porém, não deve conduzir os indivíduos e os grupos em que se inserem a atitudes imobilistas nem fatalistas. Antes, deve proporcionar-lhes a consciência necessária que possibilita ações de transformação e aperfeiçoamento da realidade social, na perspectiva da efetiva construção da cidadania real. (BRASIL: MEC, SEMTEC, 1999, p. 32).

O professor D esclarece que a escola em que trabalha preza muito a questão dos valores do respeito, cidadania, responsabilidade, zelo, senso de justiça e sinceridade. Evidencia a importância da Internet para o trabalho com tais valores na formação dos jovens,

¹⁵ *iPod* são tocadores de áudio digital, projetados e vendidos pela empresa *Apple*. O *iPod touch* permite acessar a Internet sem fio. (Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/iPod>> Acesso em: 20 abr. 2009.)

considerando-a, portanto, uma ferramenta de aprendizagem bastante útil aos professores para o auxílio da sociabilização dos alunos.¹⁶

Enguita (2004) frisa que somente a informação instantânea sobre as condições de vida, sobre as catástrofes e conflitos civis e bélicos etc., não é capaz de gerar a consciência coletiva de que todos compõem uma única nação, a humanidade. Os direitos individuais, a solidariedade e a democracia requerem tal conscientização, a qual deve ser trabalhada na escola, orientando-se pelos valores universais em que consistem a liberdade, a democracia e a justiça.¹⁷

Os professores comentam, no geral, a não aceitação da escola da manutenção de rixas e atitudes ofensivas entre os alunos e práticas ilícitas, sejam quais forem. Preconizam que mais importante que o desempenho exitoso dos jovens nos estudos é sua formação, alicerçada em princípios éticos, daí os penalizarem, por vezes, com a perda de pontos de participação, em ocasiões de indisciplina, como as citadas, ao longo deste trabalho, com o uso da Internet pelos discentes. Com tal medida acreditam corroborar para uma diminuição da incidência de más condutas e valorização de questões éticas pelos jovens na sua formação.

Para Enguita (2004, p.84), educar em um mundo global significa “[...] que cada um faça o que pode e quer, mas que, ao mesmo tempo, pague ou se beneficie das consequências de fazer ou não fazer.” A outra face da liberdade, dito de outro modo, é a responsabilidade. Conforme Lévy (2005), mudanças qualitativas na vida cultural e social dadas na sociedade em rede devem impulsionar o desenvolvimento das novas tecnologias pelos sujeitos no sentido de uma perspectiva mais humanista.

Parece que os professores têm a importância dos princípios éticos como prioridade na formação dos jovens, muito embora o seu fazer pedagógico não se conduza de modo mais direcionado ao alcance de tal objetivo, em determinados momentos. O ensino tecnicista compreendido como uma adversidade estabelecida, em algumas ocasiões, para o

¹⁶ O professor D não cita os valores de que trata em seu discurso, mas pediu à pesquisadora, na ocasião da entrevista, que os lesse, após a aplicação de tal técnica, no quadro central, disposto na entrada da escola.

¹⁷ O reconhecimento das diferenças e a aceitação delas, o respeito e a rejeição aos preconceitos, à discriminação e à exclusão, na convivência, é o que postula a política de igualdade, segundo Enguita (2004). Importa, neste contexto, saber conciliar igualdade e diversidade, compreendendo esta última como diversidade coletiva. Para Papert (1994), a educação deve embasar-se no princípio da diversidade e no desestímulo à intolerância e ao ódio.

cumprimento da sua missão formadora, relaciona-se, por sua vez, com os valores do sistema capitalista, associados ao ideal neoliberal de educação, privilegiado pelas “empresas-escolas”.

Castells (1999, p.188) salienta que, na sociedade informacional globalizada, valoriza-se a produtividade, a eficiência, a lucratividade, a competitividade, por serem fatores considerados prioritários para o desenvolvimento econômico e tecnológico. A comunicação de conhecimentos em uma rede global de interação é valorizada por permitir o acompanhamento rápido do progresso dos mesmos, condição imprescindível para tal desenvolvimento. Assim, “As redes são e serão os componentes fundamentais das organizações.”

O Livro Verde de educação, o qual apresenta novos desafios educacionais do século XXI, avaliados pelo Governo Federal, apregoa uma formação dos jovens pelas escolas que os tornem capazes de responder aos mandatos sociais de instrução, profissionalização, socialização, participação cívica, desenvolvimento estético e formação ética, com os recursos das tecnologias da informação e da comunicação. (KENSKI, 2007). Enguita (2004) revela que a educação deve preparar para a cidadania participativa, com o alcance de uma convivência harmônica, e uma boa apreciação da cultura e das relações sociais em constante transformação social, na atualidade. Também deve promover a atualização e a modernização. Conforme Castells (1999, p. 69):

O surgimento da sociedade em rede [...] não pode ser entendido sem a interação entre estas duas tendências relativamente autônomas: o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e a tentativa da antiga sociedade de reaparelhar-se com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia do poder.

Dowbor (2005) acredita que as aprendizagens dos alunos devem assegurar oportunidades de inversão das desigualdades e de rearticulação dos universos sociais distanciados. Tendências de flexibilização e a descentralização no sistema educacional brasileiro, como as engendradas nos ambientes virtuais de aprendizagem, são fatores importantes para isso e que contribuem para essa democratização.

Enguita (2004) considera, porém, um tanto quanto incoerente educar para a solidariedade, a paz, o bom convívio, quando a sociedade incita cada vez mais o individualismo, a competitividade e a agressividade, sobretudo através dos meios de comunicação de massa, os quais instigam o deleite com o imediato e o efêmero, rechaçando a reflexão crítica. As escolas hoje, segundo este autor, estão desacreditadas em sua capacidade

de formação humana, existindo uma perda da sintonia entre os valores sociais e os valores escolares.

Isso parece se fazer presente em algumas colocações dos professores, quando expressam, por exemplo, a dificuldade em termos de valores, deflagradas em sala de aula, com os modismos dos jovens, os quais se associam à expansão do consumismo, na visão de Novaes (2002). Bom lembrar a tendência de diferenciação dos discentes entre si, pelo uso de objetos, de aparelhos tecnológicos sofisticados levados para a escola, o que evidencia o consumismo, tão exortado na cultura digital.

Papert (1994) endossa que, no meio escolar, comumente, os computadores são introduzidos e incorporados como forma dos alunos adquirirem habilidades que lhes possibilitem condições vantajosas de empregabilidade no futuro. O caráter tecnicista impede aos alunos de atribuírem maior sentido às suas aprendizagens atuais. Os professores convertem-se em técnicos, desprezando as relações humanas afetivas, em sala de aula.

No modo capitalista de desenvolvimento da sociedade em rede, a fonte de produtividade encontra-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos, conforme Castells (1999). Isso tudo, de certa forma, explica, em parte, o interesse das escolas em converter a informação em conhecimento no processo de formação dos alunos.¹⁸

Marques (2006), por sua vez, reflete o medo de alguns professores de abordar em sala de aula determinados conteúdos inadequados ou de difícil discussão no aspecto moral, extraídos da Internet, pelos jovens. Este temor parece, em alguns momentos, ter sido trazido pelo discurso dos docentes entrevistados, mas não de um modo explícito. Papert (1994) opina que o professor vivencia um dilema entre exercer sua prática de forma humanizadora ou adotar uma postura técnica requerida pelas escolas.

Liguori (1995) parece justificar tal situação afirmando que empresas e grandes corporações organizam e ditam metas de educação e que o mundo da economia globalizada impõe à instituição escolar exigências contraditórias relativas aos processos de socialização

¹⁸ Tal conversão parece favorecer um pensamento reflexivo, crítico, nos jovens, mas por estar dissociado, por vezes, da questão ética, aponta certo predomínio do tecnicismo no âmbito da educação de jovens nas escolas, em detrimento da questão dos valores. Embora este aspecto tenha seu poder debilitado nas interações informais entre alunos e professores na Internet, fora do ambiente escolar, nas quais relações afetivas tornam-se mais manifestas de modo livre, também traz comprometimentos éticos como os já comentados no capítulo anterior.

desenvolvidos por ela. Aproximando-se das ideias de Kenski (2007) e Enguita (2004), esta autora (1995) salienta que o problema das novas tecnologias na sociedade e na educação ultrapassa vantagens e desvantagens de ordem técnica, em seu uso, mas envolve pontos críticos ideológicos, políticos e éticos que tal utilização engendra. Nas entrelinhas dos discursos docentes isto modifica as condições de sociabilização dos jovens e interfere na sua atuação sociabilizadora.

Para Papert (1994, p. 55): “O que é necessário é reconhecer que a grande questão do futuro da Educação é se a tecnologia fortalecerá ou subverterá a tecnicidade do que se tornou o modelo teórico e, numa grande extensão, a realidade da escola”. Lévy (2005) defende que a valorização da cultura, o desenvolvimento das competências e dos projetos locais na Internet devem escapar de uma lógica puramente comercial. Conforme Enguita (2004), desta forma, a valorização crescente da informação, do conhecimento e da qualificação na sociedade digital, torna suprema a importância da educação, em termos econômicos e sociais, na atualidade.

Dowbor (2005) opina que as escolas falham na formação dos alunos por não atentarem ao que eles necessitam realmente, a partir de suas diversas interações com o mundo e, sobretudo, à demanda da comunidade na qual se inserem, a qual deveria determinar a composição do universo de conhecimentos a serem estudados, de acordo com os momentos e a dinâmica concreta do devir social.

O professor P acredita que a escola não sensibiliza os alunos com relação aos dramas coletivos, não os motiva de forma satisfatória a direcionar seus estudos e pesquisas, com o auxílio da Internet, em prol de ações altruístas, sob certas circunstâncias. Para Kenski (2007), capacidades de responder às transformações do mundo e de detectar e lutar contra as fragilidades sociais são condições que dependem do desenvolvimento, com o uso das novas tecnologias, de novas habilidades, atitudes e valores nas escolas, pouco voltados a uma melhor sociabilização, nos dias atuais, na opinião docente.

Kenski (2007) preconiza que somente com o uso estimulado, aprimorado e bem orientado das novas tecnologias, a sociedade informacional pode distanciar-se de um estado de subserviência, de submissão, de alijamento das decisões, do movimento globalizatório, das finanças e políticas do mundo. As tecnologias da informação e da comunicação, neste

contexto, têm um papel transformador crucial na construção de uma sociedade alicerçada na inclusão e na justiça social.

Conforme Libâneo (2004), diante da crise de valores decorrentes da deificação do mercado e da tecnologia, do pragmatismo moral ou relativismo ético, a escola precisa opor-se ao modelo neoliberal de educação que subordina alvos políticos sociais como equidade, cidadania e democracia, a intentos econômicos como desenvolvimento tecnológico e competitividade internacional, já explanados nesta dissertação. Deve, outrossim, desenvolver nos alunos uma nova postura ético-valorativa que recoloca valores humanos fundamentais como: justiça, solidariedade, honestidade, reconhecimento da diversidade, respeito à vida e direitos humanos básicos, como suporte de convicções democráticas.

Lévy (2005) evidencia que, embora a Internet tenda a fortalecer potências científicas, financeiras e o “*cyberbusiness*”, não se deve associar o ciberespaço ao fomento do processo de globalização da economia e ao reforço de sistemas de dominações tradicionais ou a novos poderes e formas de exploração humana. Castells (1999) explica que a flexibilidade, enquanto marca da sociedade em rede, tanto pode consistir em uma força libertadora como manifestar-se como uma tendência repressiva, se os redefinidores das regras sempre forem os poderes constituídos. Na mesma linha, pode-se admitir que:

[...] o movimento transformador que atinge hoje a informação, a comunicação e a própria educação constitui uma profunda revolução tecnológica. Este potencial pode ser visto como fator de desequilíbrios, reforçando as ilhas de excelência destinadas a grupos privilegiados, ou pode constituir uma poderosa alavanca de promoção e resgate da cidadania de uma grande massa de marginalizados, criando no país uma base ampla de conhecimento, uma autêntica revolução científica e cultural. (DOWBOR, 2005, p. 29).¹⁹

Como revela Papert (1994), com o próprio uso da tecnologia são possíveis mudanças educacionais favoráveis ao engendro da destecnicização da aprendizagem, o rompimento da educação de caráter tecnicista e o estímulo à criatividade nos jovens, voltando-se a educação para ideais democráticos, como parecem desejar os docentes, em muitas de suas falas.

¹⁹ Lévy (2005, p. 245) considera, numa perspectiva mais otimista, que a cibercultura, por valorizar a reciprocidade nas relações humanas, com as trocas frequentes de informação, debates e argumentações, tende a instaurar os ideais revolucionários, republicanos e modernos de liberdade, igualdade e fraternidade, não levados a cabo durante o iluminismo, no século XVIII, e ainda pouco fortalecidos na atualidade. Acredita que somente o ciberespaço permite uma concretização de tais ideais: “Apenas, na cibercultura, esses “valores” encontram-se encarnados em dispositivos técnicos concretos.”

Manifestações artísticas dos alunos com o uso da rede, pelas quais externalizam um pouco do que são por meio de suas produções, parecem identificar-se com trabalhos pedagógicos mais direcionados a superação deste tecnicismo educacional. Como revela Lévy (2005), tal condição já está em processo, pois, nos dias atuais, são as coletividades humanas vivas no ciberespaço que engendram o saber. A busca do saber reforçará o poder do ciberespaço como um espaço socializador e transformador, na contemporaneidade, ainda que conturbado.

Para Lévy (2005), o conhecimento da realidade estará cada vez mais liberto das restrições das instituições de ensino, uma vez que o saber de interesse coletivo será aquele construído em comunidades virtuais, por meio de aprendizagens cooperativas, que engendra novos laços sociais. Castells (1999) problematiza, no entanto, que a imersão nos espaços de fluxos, dominantes na rede eletrônica, vulnerabiliza o poder dos sujeitos:

O espaço de poder e riqueza é projetado pelo mundo, enquanto a vida e a experiência das pessoas ficam enraizadas em lugares, em sua cultura, em sua história. Portanto, quanto mais uma organização social baseia-se em fluxos aistóricos substituindo a lógica de qualquer lugar específico, mais a lógica do poder global escapa ao controle sociopolítico das sociedades locais/ nacionais historicamente específicas. (CASTELLS, 1999, p. 440).

Contrariando, sob certo prisma, Lévy (2005) e com base em observações como esta de Castells (1999), Marques (2006, p.147) não considera dispensável a mediação escolar como condição de desenvolvimento humano e social. Explica:

[...] Aí se impõe a mediação da escola como ponto de ligação entre o concreto e abstrato, o local e o mundial, o pessoal e o universal, o presente intensamente vivido na comunidade local e o virtualizado nas muitas pertenças simultâneas, o passado de contínuo ressignificado e futuros alternativos, abertos.

Dowbor (2005) posiciona-se que o trabalho educacional não deve ser atribuição específica da instituição escolar, muito embora tenha ela um papel crucial na formação dos jovens. Processos sociabilizadores, fundamentados em uma educação voltada ao desenvolvimento de valores humanos, direcionada a uma formação ativa, crítica e criativa nas escolas, desta forma, dependem de uma sinergia de esforços e competências de diversos atores sociais.²⁰

²⁰ Dowbor (2005) enuncia que a transformação dos espaços do conhecimento, com a participação e o engajamento de segmentos empresariais, sindicatos, meios de comunicação, áreas da política, movimentos comunitários, grupos religiosos abertos, poderá ajudar na formação escolar, traçando caminhos a serem trilhados na sociedade do conhecimento e na busca de soluções para os problemas e mudanças educacionais.

Lévy (2005) considera que o universo da Internet em formação contínua, indeterminado e indeterminável, em decorrência do seu aspecto técnico, traz efeitos sociais que não podem, ao certo, serem previstos, visto que cada novo nó agregado à “rede das redes”, a cada instante, pode produzir, bem como emitir informações imprevisíveis, capazes de reorganizar aspectos da conectividade global. Em outras palavras, isto também redundará numa imprevisibilidade dos processos comunicativos e sociabilizadores.

Considerando-se essa ideia, salutar seria para a sociabilização se os jovens desenvolvessem suas habilidades comunicativas para promover a integração, a colaboração, a solidariedade nas relações e a inclusão social dos sujeitos. No entanto, pelo discurso de boa parte dos professores, as formas de comunicação estabelecidas pelos jovens em sala de aula, para além dela e até mesmo no próprio ciberespaço, têm construído laços sociais configuradores não só de amizades espontâneas, constantes, verdadeiras e sólidas, mas também fugazes, alcoviteiras, interesseiras e dissimuladas, não só no sentido da inclusão de grupos como de sua exclusão social. Sobre esta questão esclarece Lévy (2005, p. 234):

Mas as potencialidades positivas da cibercultura, ainda que conduzam a novas potências do humano, em nada garantem a paz ou a felicidade. Para que nos tornemos mais humanos é preciso suscitar a vigilância, pois o homem sozinho é inumano, na mesma medida de sua humanidade.

Conforme Kenski (2007), as amplas possibilidades comunicativas e informativas das novas tecnologias podem transformar o mundo, desde que transformado o universo educacional, ou seja, desde que repensadas, expandidas e dinamizadas as condições de ensino e ensinar, em forma e conteúdo, com o envolvimento de diversos sujeitos. Este é o grande desafio da sociedade informacional. Mister relevar o pensamento seguinte de Lévy (2005, p. 196), o qual expõe que: “[...] A perspectiva aqui traçada não incita de forma alguma a deixar o território para perder-se no “virtual”, nem a que um deles “imite” o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro.”

Para Kenski (2007), o futuro das relações entre tecnologia e educação é imprevisível, no entanto, inexoravelmente, existirão múltiplas formas de educação para pessoas extremamente diferentes entre si, o que poderá ampliar as barreiras entre os usuários assíduos e os não usuários dos meios digitais, para suas diversas atividades. O distanciamento entre os sujeitos não se estabelece somente, portanto, pela distância física, mas, neste novo contexto, também pela disparidade de condição de ingresso no ciberespaço. A citação abaixo

endossa esta autora, apontando a perspectiva ética de formação a ser trabalhada nas escolas na formação discente:

As possibilidades abertas o são em muitos sentidos: da exclusão social ou da emancipação de todos, do frio egoísmo ou da solidariedade com tudo o que é humano. Viver a própria vida como um valor em si, plenamente ético, num permanente apelo à consciência moral e ao bom senso: eis o desafio maior, a agenda educacional inteiramente pertinente, relevante e urgente. A escola assim se defronta com a questão-chave de como educar cidadãos globolocais, cultos, criativos e solidários na luta pela justiça social. (KENWAY, 1998 apud MARQUES, 2006, p. 140).

A seguir, alguns comentários finais serão feitos referentes ao conhecimento construído ao longo da elaboração desta dissertação, dispendo-se também impressões e opiniões mais pessoais da pesquisadora sobre a temática aprofundada neste trabalho.

7 CONCLUSÃO

O uso da Rede Mundial de computadores engendra-se na vida dos jovens de modo bastante contraditório e controverso na contemporaneidade. As facilidades e dificuldades apresentadas pelos professores na sociabilização discente circunscritas a este uso são relativizadas, em vários momentos. Analisando o teor das entrevistas concedidas, isto parece depender das situações e contextos nos quais se encontram os alunos utilizando a Rede Mundial de Computadores e do ângulo que privilegiam os docentes para sua análise da influência do uso genérico da Internet na sociabilização de jovens do Ensino Médio de escolas particulares, com base em suas experiências de sala de aula.

Os prismas adotados pelos educadores e suas avaliações feitas com relação a tal fenômeno parecem transpor, no entanto, o que percebem em sala e dependerem cada vez mais de suas interações mantidas com os jovens pela Internet em ambientes extraescolares. Estes olhares também se definem considerando-se o grau de conhecimento, envolvimento e compromisso dos professores com as ações na Internet realizadas pelos alunos, bem como fatores de ordem subjetiva, revelados por Kenski (2007), e até mesmo social, pontuados por Novaes (2002).

A transgressão das normas, o apelo do efêmero, a crescente desestabilização familiar, a expansão do consumo, problemas sociais refletidos nas escolas, nas relações educativas estabelecidas neste meio, identificados por Novaes (2002), na atualidade, foram confirmados nos discursos dos professores. A configuração deste quadro foi, além disso, atribuída, em parte, ao uso da Internet pelos jovens, considerando-se as atuais condições e propósitos de sua utilização pelos discentes. Ou seja, os professores reconhecem que tais condições sociais influenciam em suas relações com os estudantes, em sala, e parecem agravar-se com determinadas formas de utilização da Internet pelos alunos.

Aspectos positivos da sociabilização dos jovens por influência da rede evidenciaram-se em menor proporção que os negativos em suas falas, muito embora, paradoxalmente, os professores tenham exortado a Internet como instrumento sociabilizador e de desenvolvimento da aprendizagem, ao abordarem sobre sua importância. Em algumas colocações, determinados aspectos se mostraram positivos e negativos, ao mesmo tempo, quando vistos sob enfoques diferentes e articulados a pontos de vista diferenciados de autores,

como demonstrou ser a preferência da casa para a interação em rede. Outros aspectos foram explicitados em suas facetas meio que opostas, como, por exemplo, o auxílio a pessoas próximas e o desinteresse pela realidade social. A realidade, tal como experienciada e debatida, traz em si uma série de elementos contraditórios, refletidos nos discursos dos docentes e até mesmo dos teóricos estudados.

Os professores, neste novo contexto, parecem encontrar-se um tanto quanto desorientados e confusos profissionalmente com relação às novas condições de ensino-aprendizagem e às repercussões em sua ação educativa das novas formas de subjetivação configuradas. Os docentes percebem como uma dificuldade na formação dos alunos, sob determinado aspecto, o engendro de uma pluralização dos modos dos discentes se subjetivarem e sociabilizarem, com base no que observam de manifestações comportamentais multifacetadas de muitos jovens em seus modos de interação. Isso se dá quando em sala de aula e distanciados do computador, em sala conectados à rede e no ciberespaço em casa.

Os comportamentos de jovens muito comunicativos em rede quando em sua própria casa, e em sala muito pouco ativos; de jovens que estabelecem um evidente coleguismo nos contatos na Internet, no entanto, um perceptível afastamento do professor nos encontros presenciais torna as relações mais instáveis, gerando, por vezes, tensão e desconforto nos contatos, sobretudo, nos mantidos face a face. Isto é percebido não só no que tange à interação aluno-professor, como também dos alunos entre si.

A aproximação possibilitada pela rede entre alunos e professores e alunos entre si parece revolucionar a dinâmica de sala de aula, alterando os modos de participação e as posturas tomadas entre estes sujeitos neste contexto e para além dele, o que redimensiona suas formas de relacionamentos e níveis de entrosamento e a própria formação dos alunos, influenciando sobremaneira até mesmo suas vidas pessoais.

As informações fornecidas ao longo das entrevistas revelam a angústia docente em lidar com as diversas habilidades, atitudes, conhecimentos e valores dos jovens gestados, na atualidade, por influência da Rede Mundial de Computadores, agravada pela sensação de falta de colaboração e assistência da escola e dos próprios pais de alunos em suas ações educacionais.

Processos sociabilizadores, fundamentados em uma educação voltada ao desenvolvimento de valores humanos, direcionada a uma formação ativa, crítica e criativa nas

escolas dependem de uma sinergia de esforços e competências de diversos agentes sociais. Tal pensamento de Dowbor (2005) foi atestado pelos professores ao exporem suas dificuldades na formação dos jovens.

Professores que expõem a condição de uso irreflexivo e desvirtuado da rede por adultos, — possivelmente, também pais de adolescentes —, evidenciam a necessidade de incursionar pelas razões das dificuldades de jovens de usarem a Internet de forma crítica. Explicitando este ponto, poder-se-ia cogitar que uma dificuldade dos pais em orientar seus filhos quanto ao uso da rede, de modo responsável, remete-se, provavelmente, a sua própria dificuldade em assim proceder com a utilização deste instrumento, como indicam colocações dos professores. Isto traz implicações contundentes, ao ver da pesquisadora.

Se os próprios pais não demonstram, em determinados casos, maturidade e criticidade com o uso da Internet, como exigir dos filhos, para os quais são figuras de identificação, uma atitude madura e virtuosa com a utilização dela? A pesquisadora conjectura que a pouca resistência de alguns pais de alunos à espetacularização e apelos consumistas não só de objetos, mas de imagens, ideais e valores midiáticos, a partir também do mergulho no ciberespaço, pode favorecer, com as relações familiares, a reprodução desses comportamentos em jovens, manifestos em seus modos de sociabilização. Tal questionamento que entrevê uma enorme incoerência, ao contrapor os discursos paternos e sua ação, demanda, pelo que se pode analisar, um reconhecimento e mudança de comportamento dos adultos quanto a esse aspecto, considerando-se princípios éticos, para um melhor processo educacional dos alunos, também nessa direção.

A implementação de uma metodologia de ensino conservadora, por vezes, pelos docentes, privilegiada pelas escolas quando trabalham seguindo uma racionalidade mais instrumental, tecnicista, e dando menor valor e espaço para a expressão da subjetividade, consiste também em uma dificuldade dos professores na formação dos jovens, na contemporaneidade, com base em seus relatos. Tal afirmação fez-se presente e, de um modo paradoxal, os professores teceram críticas a uma maior participação dos jovens na aula, associadas à horizontalidade na relação professor-aluno, referente à mudança dos posicionamentos acima explicitada.

As colocações dos entrevistados certificam o que expõe Lévy (2005) a respeito da não aprovação dos alunos da padronização nas formas de aprender, em razão disto não

corresponder aos seus reais interesses e necessidades e à singularidade e pluralidade de suas opções de caminhos de desenvolvimento. A forma de aprendizagem cooperativa no ciberespaço, em massa e, simultaneamente, entretanto, personalizada, parece voltar-se bem mais ao atendimento dos interesses dos alunos em termos de aprendizagem, em detrimento, por vezes, de suas necessidades educativas, na visão docente.

Considerando-se esse aprendizado no espaço virtual, outras indagações pairam no ar. Serão os professores paulatinamente mais rechaçados em seu papel de educadores e distanciados de sua função formadora pelo fortalecimento da noção da rede como uma escola, ou seja, da ideia da navegação mais autônoma, livre, na Internet, como condição prioritária e decisiva de formação humana? Ou terão os docentes cada vez maior trabalho junto aos jovens e em sua qualificação para o domínio na utilização de computadores conectados à rede, de forma pedagógica, enfrentando os desafios impostos por ela, no que se remete, sobretudo, a aspectos éticos, referentes ao seu uso?

Como se encontram os professores mergulhados nesse dilema também se apresenta como uma questão a ser, emergencialmente, melhor estudada, tendo em vista o aumento do grau de ansiedade e pouco preparo dos mesmos para lidar com tais condições, que afetam a construção de suas identidades profissionais. Tal investigação torna-se imprescindível ainda pela dificuldade docente de ação apropriada, em termos pedagógico e ético, diante da obscuridade desse quadro denso e delicado, tão decisivo nos processos educativos desenvolvidos nas escolas, nos dias de hoje.

A pesquisadora acredita que, ainda que desprestigiados, dificilmente os professores serão dispensados como agentes mediadores da formação humana, por este papel não poder ser exercido satisfatoriamente sem a sua atuação mobilizadora das quatro aprendizagens tratadas por Delours (1998), comentadas no item 3.3.5. A tendência é o seu exercício profissional transformar-se quantitativamente, com uma carga horária ampliada, e qualitativamente, pelos novos modos de intervenção educadora requererem, cada vez mais, um maior conhecimento e domínio do universo tecnológico, atendendo a demanda da instituição escolar e da própria sociedade.

Na concepção dos professores, a Internet trouxe vantagens pedagógicas para a sociabilização dos jovens a partir das seguintes novas condições de ensino-aprendizagem

estabelecidas: aulas mais criativas, interativas, favoráveis a trabalhos mais ricos e dinâmicos; o auxílio dos alunos no planejamento e realização das aulas dado o conhecimento técnico dos jovens de formas mais simples de realização de tarefas consideradas mais complexas por educadores, isto devido ao maior domínio das novas tecnologias pelos estudantes; discussões sobre temas de relevância social e para a formação dos jovens, suscitados com informações extraídas da rede; marcação de encontros informais para um melhor e maior conhecimento dos alunos e otimização das relações estabelecidas com eles.

Segundo os professores, mudanças favoráveis à sociabilização relacionam-se a estas facilidades. Os estudantes, no discurso docente, comprometem-se de modo responsável em sua própria aprendizagem e formação quando desenvolvem novas habilidades comunicativas e tentam aplicá-las em suas interações em rede, ao realizarem com ela trabalhos nos quais exercitam diversos papéis ou que auxiliam seus professores e colegas em suas atividades; ao descobrirem estratégias de maior proteção contra os perigos a que estão expostos em rede; ou mesmo produzindo de modo artístico, significando suas emoções e melhor lidando com elas e conhecendo o outro, em trabalhos em parceria. Em todas essas ações, autonomia, responsabilidade, criatividade, poder de comunicação, de trabalho em equipe e aceitação das diferenças e senso crítico se fazem presentes.

Por outro lado, o mergulho na fantasia, o impulso consumista alimentado pela Internet, a dificuldade de lidar com os sentimentos aflorados nas relações em sites de relacionamento e bate-papos e, sobretudo, diante de situações delicadas e dos problemas que lhes são apresentados, consistiram em fatores problemáticos, apontados pelos docentes no comportamento dos alunos. A mínima autonomia dos jovens diante de determinadas situações de tomada de decisões de caráter pessoal em suas vidas, ou na realização de determinadas tarefas de casa, evidenciadas com os pedidos de acompanhamento próximo da realização delas pelos docentes via rede são, acrescidas as já relatadas, condições que maculam impressões mais otimistas sobre as formas de sociabilização dos jovens, na contemporaneidade.

Tais impressões sombrias também se devem, especialmente, em virtude de más atitudes, como ações de pesquisas mal orientadas em rede, que ferem regras da netiqueta e escolares, ou que fogem diametralmente aos assuntos discutidos em sala ou desfavoráveis ao seu processo formativo, como é o caso de visitas frequentes a sites de cibersexo, a *blogs* de celebridades, etc. Uma avaliação mais negativa da sociabilização dos jovens também se deve

à resistência a mudanças de comportamento com base em aconselhamentos sobre um melhor uso da rede pelos estudantes. Estas explicações docentes deixam transparecer, além disso, suas decepções com relação à sociabilidade discente nos dias atuais.

A destreza dos jovens no uso do computador e o uso contínuo da rede parecem corroborar, assim, para atitudes cooperativas, solidárias, mas também para atitudes desintegradoras dos laços sociais, que obstaculizam uma boa sociabilização e até mesmo uma boa aprendizagem, como já descrito ao longo desta dissertação. Por meio de ações medíocres e transgressoras com o uso da rede, que atentam às regras de convívio em sociedade, os jovens não só se beneficiam das situações, atendendo a interesses próprios, muitas vezes, como dificultam, pela pouca observância da legalidade de seus atos e suas consequências, uma boa interação em sala de aula e para além dela, como explicitaram os entrevistados, de um modo pouco reflexivo, em vários momentos.

Os professores não atentaram devidamente, na opinião da pesquisadora, às formas perniciosas de interação em rede configuradas pelos alunos com os demais jovens e professores, pelas quais evidenciam certo grau de imaturidade, irresponsabilidade e descaso para com a qualidade das relações. Isto pela pouca criticidade docente diante de comportamentos dos alunos neste sentido, ou seja, quando denigrem a imagem de pessoas na rede, dando-lhes rótulos ou expondo na Internet gravações do professor em seu momento de sala de aula; quando não demonstram interesse em bem se corresponder virtualmente por meio de mensagens compreensíveis, pertinentes e convenientes, dificultando posteriores contatos face a face.

Em tais situações, uma falha comprometedora da formação dos jovens, considerando-se o que prescreve os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio (BRASIL: MEC, SEMTEC, 1999), estabelece-se, sem, muitas vezes, serem avaliadas mais criticamente pelos informantes, sob o ponto de vista ético, embora concebidas como desvirtuamento de sua formação. Poucas foram as vezes em que os professores fizeram um juízo de valor das ações dos alunos, ainda que as tenham apontado como condições desfavoráveis à sua sociabilização. As colocações foram feitas, em geral, com base nos atos dos alunos, mas sem um julgamento com relação aos valores que estavam sendo negligenciados com eles.

Percebe-se, portanto, que aspectos tratados acima não estão sendo atentados e acompanhados de modo satisfatório nas escolas, com a seriedade com que tal fenômeno

merece ser não só observado, mas trabalhado com os jovens. Pode-se concluir que nos discursos dos professores não foram avaliados devidamente também os riscos das relações estabelecidas pela Internet e o mau uso dela pelos discentes, os quais, como agravante, “levam muito na brincadeira” o que experienciam em rede e até mesmo fora dela, como aponta Nicolaci-da-Costa (1998) e revelam os entrevistados em certas falas.

Também não têm sido analisados, de forma atenta e crítica, os efeitos deletérios disto em sua formação e condições de sociabilização, as quais passam a se engendrar de modo, muitas vezes, tenso, irrefletido, conturbado e desvirtuado, contribuindo, ao que parece, para uma formação cada vez mais frágil e com pouca observância da ética. Tal afirmação se justifica nas manifestações de atribulações em suas vidas dadas pelo pouco reconhecimento e valorização do outro nas relações intersubjetivas, em diversas ocasiões, sejam elas no ciberespaço como em âmbito externo a ele; dos alunos entre si e deles com seus professores e com os demais no meio social. As brigas nas escolas marcadas pela Internet, as exclusões dos professores, de seus perfis de *Orkut*, do *MSN* e até mesmo da sala de aula, dos alunos que invadem sua privacidade em rede, são exemplos que ilustram essa ideia.

As experiências de diversas tonalidades emocionais dos jovens internautas a partir das interações em rede que, na opinião de Nicolaci-da-Costa (1998) e em certos comentários dos docentes, estão possibilitando aos alunos construir pontes entre as experiências ciberespaciais e cotidianas, foram mencionadas em determinadas circunstâncias. Conforme esta autora (1998) e os informantes, os alunos estão atribuindo, paulatinamente, significados às suas experiências virtuais aproveitando-os em suas vivências *off-line* para o desenvolvimento intelectual e para melhor lidar com seus conflitos pessoais e estabelecer relações mais saudáveis, em determinados momentos. As produções artísticas e desempenho de novos papéis dos discentes validam essa ideia. Entretanto, esta foi relativizada em diversos exemplos citados pelos docentes, como os mencionados nos parágrafos anteriores desta conclusão, que evidenciam a imaturidade também marcante na vida dos internautas adolescentes.

Talvez, a dificuldade dos professores em desenvolverem suas funções na atualidade guarde relação com o não saber bem lidar, em determinados momentos, com a desordem cibernética, aproveitando suas vantagens, e com a falta de entendimento teórico e condições técnicas para o engendro de uma inteligência similar à inteligência coletiva, idealizada por Lévy (2005) na formação dos alunos, com o uso da rede.

Importante esclarecer que na visão da pesquisadora esta inteligência é um tanto quanto utópica, considerando-se todos os obstáculos à sua configuração impostos pelas condições atuais reais de aprendizagem e sociabilização dos jovens. Também é bom ter-se em vista a necessidade de uma contenção da fantasia, como propõe Felinto (2005), no entendimento do que se passa na realidade concreta, o que implica, ao ver da pesquisadora, uma criticidade com relação à concepção de tal inteligência coletiva.

Os docentes parecem ter, ao menos de modo claro, a compreensão da Internet não ser por si nem boa nem má para a sociabilização dos jovens, dependendo tal apreciação do tipo de uso que se faz da rede e as finalidades de seus usuários, o que pode contribuir para uma maior inclusão dos grupos excluídos, como agravar a exclusão destes, como mesmo postulam Braga (2007) e Kenski (2007). Os informantes parecem evidenciar esta condição a partir de sua percepção contraditória sobre as mudanças no comportamento dos jovens com seu ingresso no ciberespaço. Porém, seu parecer quanto a esta questão ocorre, em vários momentos, de uma forma confusa em demasia e pouco refletida, conforme já explicitado, consistindo em um empecilho à sociabilização dos alunos, por dificultar uma melhor orientação de sua prática profissional.

A centralidade da Internet na vida dos jovens talvez consista também em mais um agravante para o desenho de tal cenário conflituoso e delicado de formação humana. Como mesmo adverte Felinto (2005), o mundo das tecnologias informáticas admirável e fascinante também é fonte de perplexidades, obscuridades e riscos, quando a imaginação lhe subordina. Conforme Felinto (2005), e a opinião desta pesquisadora, o grande perigo é deixar-se seduzir pelos encantos das novas tecnologias e aceitar de modo acrítico os mitos, as metáforas, os sonhos utópicos construídos em torno delas. Em determinados momentos, parecem os professores caírem nestas armadilhas do imaginário tecnológico, em suas interações virtuais com os alunos, sobretudo, quando se dão tais encontros em uma frequência um tanto quanto imoderada e livre de qualquer tipo de regras.

Concordando com Marques (2006), a pesquisadora também avalia que o real e o fantástico, experiência e intuição devem auxiliar de modo interligado a significação do mundo pelos jovens com e sem o uso da Rede Mundial de Computadores, para o desdobramento de processos saudáveis de sociabilização. Tal condição apresentou-se, contudo, como uma dificuldade nesse processo dos jovens, considerando-se o discurso docente.

Pactuando com Lévy (2005), a pesquisadora julga ainda que uma aceitação acrítica das fantasias gnósticas em torno do ciberespaço, por alunos e professores, significa expor a cultura à possibilidade de novas formas de totalitarismo digital, com a deificação, sobretudo, do computador conectado à rede, condição comprometedora à sociabilização dos jovens e por que não dizer também dos educadores.

O grau de despreocupação dos discentes em relação à resolução dos problemas sociais, o gosto pelo que se veicula na mídia de forma espetacular, associado a um maior interesse por entretenimento e questões triviais, por vezes, instigados pelo vício à rede e sua naturalização parecem atestar essa tendência à supremacia do imaginário tecnológico, acima denunciada, e impedir o senso crítico necessário para o enfrentamento dos dilemas e desafios da vida e a transformação da realidade, do que se pode depreender do discurso dos professores.

Vale ressaltar que tal condição, na visão dos autores Lévy (2005) e Marques (2006), e da pesquisadora, dificulta o exercício da cidadania, corroborando a um profundo mal-estar nas relações e na vida pessoal de docentes e discentes, como dissertado neste trabalho. Importante, porém, frisar a necessidade, para um bom convívio social, de uma disposição interessada e constante na aceitação deliberada das diferenças, daquelas, porém, que não ponham em risco à integridade física e psíquica de cada sujeito e que não prescindam, em seu âmago, de valores sociabilizadores. Assim, diferenças que obstaculizem tal condição não devem ser desconsideradas, toleradas e banalizadas.

Com relação a este ponto, os professores queixam-se de certa discriminação dos alunos aos docentes que pouco interagem no ciberespaço com eles, bem como dos discentes na interação em rede com estudantes do mesmo nível de ensino oriundos de comunidades carentes. Com base nisso, mister se faz um maior questionamento e aprofundamento no que tange à questão de como se dão, desta forma, as relações dos jovens com os demais sujeitos que desconhecem totalmente até mesmo o que seja Internet, que nunca tenham navegado no ciberespaço. Outras pesquisas seriam necessárias para lançar luz sobre esta problemática. Bom considerar também que existem milhares de excluídos digitais em uma sociedade, em que tal como aponta esta pesquisa e revelam os teóricos estudados (CASTELLS, 1999; KENSKI, 2007), a Internet ocupa posição central na vida das pessoas.

Do que se pode concluir, pautado nos relatos dos entrevistados nesta pesquisa, é que comportamentos discriminatórios dos alunos, tal como os exemplificados acima, dificulta-lhes a colocação de seus conhecimentos produzidos com o auxílio das novas tecnologias e da rede em prol da mudança da condição econômica, cultural e social das camadas menos favorecidas da sociedade, tal como opinam os educadores.

A partir de tais reflexões, as lógicas de integração e democracia presentes na contemporaneidade, segundo Nicolaci-da-Costa (1998), não podem ainda ser consideradas marcas características da vida dos jovens, na atualidade, de acordo com o que expressam os professores e a avaliação pessoal da pesquisadora sobre o tema estudado.

Importante, no entanto, não perder de foco que a diversidade de apropriações e de modalidades de uso da rede, bem como as diferenças com relação às frequências de acesso ao ciberespaço pelos jovens, ao seu grau de interesse e intensidade nos contatos nele estabelecidos e a ações e produções feitas por meio da Internet, comentadas nos relatos docentes, podem engendrar uma gama infindável de formas de se singularizar e de se sociabilizar pelos jovens, quer sejam em suas casas, na rua ou nas escolas.

A pesquisadora, desta forma, acredita que determinados usos não-autorizados das tecnologias podem consistir em práticas transgressoras estimuladoras de movimentos emancipatórios, transformadores do instituído, das lógicas previsíveis e conservadoras de regulação social, como postula Oliveira (2002). Saberes em fluxo podem se converter em oportunidades de refinamento da subjetividade e desenvolvimento humano e social, como mesmo preconiza Lévy (2005). Com base nisto, faz-se possível e importante alimentar otimismo no que envolve o movimento social engendrado pelos jovens com seu mergulho no ciberespaço.

Poder-se-ia pontuar, ainda, a necessidade de reflexão, resgate e valorização de costumes, hábitos, princípios, práticas e saberes de nossa própria cultura, nas interações em rede, no interior das escolas e para além de seus muros, favoráveis a melhorias nos processos de subjetivação e laços de socialização e desenvolvimento cultural e social, sempre sintonizada com o reconhecimento da alteridade.

Uma problemática levantada com as informações trazidas neste trabalho consiste em como se dará a formação e o convívio social de jovens que, de algum modo, e, ou por alguma razão, resistem a utilizar a Internet como instrumento prioritário de subjetivação e

sociabilização. O vício à rede evidencia-se no comportamento de muitos discentes, no entanto, embora os professores não tenham trazido em seus discursos, é também do conhecimento de autores estudados, (LIGUORI, 1995; NICOLACI-DA-COSTA, 1998), casos de tecnofobia, uma postura temerosa com relação ao uso das novas tecnologias e interações mantidas no espaço virtual, que sinalizam, portanto, um mal-estar com a utilização técnica do computador, bem como sentido pelo internauta, a partir do que faz e vive no ciberespaço. Essencial referir-se à manifestação deste problema ainda que mais comum em adultos, nascidos em décadas anteriores à do surgimento da rede.

Problematizar tal questão faz-se importante, considerando-se ainda o paradoxo em que consiste a supremacia da premissa de centralidade da rede, na sociedade que exorta à multiplicidade de manifestações subjetivas, mostrar-se contrária, ao que se pode inferir, ao direito dos sujeitos de uma certa pluralização de seus modos de subjetivação e sociabilização, o que quer dizer, por exemplo, em outras bases que não pelo mergulho no espaço virtual. Em outras palavras, o que se torna um questionamento é se existe a tolerância, nas escolas, de um processo de constituição psíquica de possíveis jovens de classe média alta que optem por se singularizarem mantendo certo distanciamento do ciberespaço. A condição de heterogeneidade subjetiva é e será respeitada neste caso, em nossa sociedade?

A pesquisadora vaticina que isto se apresentará, brevemente, como um forte motivo de preocupação, ao refletir que alunos também podem desgostar e ter para com o computador conectado à rede uma reação aversiva, remetendo-se, sobretudo, a casos idênticos ou similares aos retratados nesta dissertação, de experiências dolorosas e/ou traumáticas vivenciadas no espaço cibernético e suas repercussões deletérias sobre a vida cotidiana dos discentes, em todas as suas dimensões. Em tais casos, as escolas deveriam trabalhar aspectos emocionais dos jovens, para seu maior equilíbrio, como também legitimados e valorizados processos de subjetivação que não se desenvolvessem, de forma premente, via rede, confrontando-se à tendência majoritária.

A descoberta de estratégias criativas e críticas para lidar com angústias, depressões, baixa auto-estima, rancores, agressividade de alunos que vivenciam experiências como as acima mencionadas, tratar-se-á de um trabalho importante e imprescindível a ser abraçado por toda a equipe escolar, especialmente, por psicólogos, para a administração

salutar de conflitos internos e externos e conquista de um melhor clima educacional e bem-estar pessoal, nas relações estabelecidas no contexto escolar e no meio social.

Coadunando-se ao pensamento de Nicolaci-da-Costa (1998), dadas as mudanças desdobradas neste contexto histórico e as previstas, como as percorridas ao longo deste estudo, cada vez mais se fará necessário o empenho de psicólogos no entendimento das condições de como melhor lidar com os sentimentos, desejos, emoções, problemas e necessidades estabelecidas, a partir dos novos discursos, das novas formas de pensar, de agir, de se relacionar dos jovens com o uso da Internet, para sua melhor atuação neste âmbito.

O panorama de sociabilização de jovens delineado nesta pesquisa deve ensinar, pois, questionamentos e mobilização de profissionais envolvidos com o universo educacional, de modo sinérgico, na construção de caminhos direcionados a uma singularização e pluralização de identidades no processo formativo dos discentes, com base em uma formação mais humana e, portanto, mais sensível e engajada em processos de democratização e inclusão social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lenilda. EDUTECH: uma rede de amigos: novas formas de socialização e relações através da Internet. In: MERCADO, Luís Leopoldo (Org.). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002. p.29-62.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

ARAÚJO, Júlio César; RIBEIRO, Márcia. “Tia, Eu já escrevi o site do ‘Rotmeio’. Agora é só apertar o enter?” In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). **Internet e ensino: Novos gêneros outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.165-178.

BASTOS, Núbia M.Garcia. **Introdução à metodologia do trabalho acadêmico**. 3. ed. Fortaleza: Nacional, 2005.

BRAGA, Denise. Práticas letradas digitais: Considerações sobre as possibilidades de ensino e de reflexão social crítica. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). **Internet e ensino: Novos gêneros outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.181-195.

BRASIL: MEC, SEMTEC. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília, 1999. v. 4.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CESALTINA, Ana. Relacionamento, arte e educação, num clique. **Universidade Pública**, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - CE, ano VII, n. 38, jul./ago. 2007.

COELHO JÚNIOR, Néilson Ernesto. Ética & técnica em psicologia: Narciso e o avesso do espelho. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 447-500, jul./ dez. 2007.

DELORS, J. (Org.). **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Unesco/MEC/Cortez, 1998. (cap.4).

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da educação. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ENGUIITA, Mariano Fernández. **Educar em tempos incertos**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas**: ensaios sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTES, Maria do Carmo. O uso dos emoticons em chats: Afetividade em ensino a distância. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). **Internet e ensino**: Novos gêneros outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.64-77.

GASPARETTI, Marco. **Computador na educação**: guia para o ensino com as novas tecnologias. São Paulo: Esfera, 2001.

GIBSON, William. **Neuromancer**. New York: Ace Books, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GLOBAL INTERNET TREND – GNET. Disponível em: <http://portalimprensa.com.br/portal/ultimas_noticias/2008/07/24/imprensa21157.shtml> Acesso em: 01 jun. 2009.

GNETT IBOPE/Netratings. Disponível em: <<http://www.Cetic.br/usuarios/ibope.index.htm>>. Acesso em: 22 maio. 2009.

HEIDEGGER, Martin (1954). A questão da técnica. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2002. p. 11-38.

INTERNET WORLD STATES. Disponível em: <<http://www.internetworldstates.com>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e novas tecnologias**: o novo rumo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KENWAY, Jane. Educando cibercidadãos que sejam “ligados” e críticos. In: SILVA, Luiz Heron da. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 99-120.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LEAL, Viviane. O chat quando não é chato: o papel da mediação pedagógica em chats educacionais. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). **Internet e ensino: Novos gêneros outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.48-63.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

LEWIS, M. Next. **The future just happened**. Nova York: W.W.Norton, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LIBEDISNKY, Marta. A utilização do correio eletrônico na escola. In: LITWIN, Edith (Org.). **Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.182-191.

LIGUORI, Laura. As novas tecnologias da informação e comunicação no campo de velhos problemas e desafios educacionais. In: LITWIN, Edith (Org.). **Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.78-97.

LION, Carina. Mitos e realidades na tecnologia educacional. In: LITWIN, Edith (Org.). **Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.23-36.

MAGDALENA, Beatriz C.; COSTA, Iris E. T. **Internet em sala de aula: com a palavra, os professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MANCEBO, Deise. Contemporaneidade e efeitos da subjetivação. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003. p.75-91.

MARQUES, Mario Osório. **A escola no computador: Linguagens rearticuladas, educação outra**. 2. ed. rev. Ijuí-RS/ Brasília: Inep, 2006. v. 2.

MELLUCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. especial, p.5-14, 1997.

MERCADO, Luís L. A Internet como ambiente de pesquisa na escola. In: _____ (Org.). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática.** Maceió: EDUFAL, 2002. p.191-207.

NETVIEW IBOPE/Netratings. Disponível em: <<http://www.Cetic.br/usuarios/ibope.index.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2009.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede: os impactos íntimos da Internet.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NOVAES, Maria Helena. A convivência em novos espaços e tempos educativos. In: GUZZO, Raquel Souza Lobo (Org.). **Psicologia escolar LDB e educação hoje.** Campinas, SP: Alínea, 2002. p.91-102.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. A rebeldia do/ no cotidiano: regras de consumo e usos transgressores da emancipação social. In: FILÉ, Márcia Leite e Valter (Org.). **Subjetividade tecnologias e escolas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.27-42. (Coleção o sentido da escola).

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1994.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. Falta cultura digital na sala de aula. **Nova escola.** São Paulo: Abril Cultural, n. 200, p.15-18, mar. 2007.

RÜDIGER, Francisco. Georg Simmel e a tragédia da cultura na era da técnica. **Famecos: mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre: Edipucrs, n. 17, p. 161-168, abr. 2002.

SANTOS, Gildásio Mendes dos. **A realidade do virtual.** Campo Grande: UCDB, 2001.

SANTOS, Hermílio. Alteridade, decepção e estigma no ciberespaço: desdobramentos da interação social mediada. **Famecos: mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre: Edipucrs, n. 26, p. 41- 46, abr. 2005.

SENNET, Richard. **The fall of public man.** New York: W.W. Norton, 1992.

SIMMEL, Georg. **The philosophy of money.** Londres: Routledge, 1990.

TAPSCOTT, D. **Growing up digital: The rise of the generation.** Nova York: McGraw Hill, 1998.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen**. New York: Touchstone, 1997.

WIKIPEDIA. Enciclopédia Eletrônica. Disponível em: < [http:// pt.wikipedia.org/wiki/IPod](http://pt.wikipedia.org/wiki/IPod)> .
Acesso em: 20 abr. 2009.

ZUCCHETTI, Dinorá T.; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Cadernos de Educação**.
Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Pelotas: FAE/ ppge/UFPel, ano 16,
n. 28, jan./jun.

APÊNDICE

APÊNDICE

PERGUNTAS DO ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1- Você percebe alguma mudança no perfil do jovem usuário da Internet no contexto de sala de aula?
- 2- Em seu ponto de vista, a Internet interfere na formação moral, de valores e princípios dos jovens e em sua sociabilidade em sala de aula? Caso sim, que mudanças engendra com relação a estas e como?
- 3- O uso genérico da Internet pelos jovens traz alguma facilidade e, ou, dificuldade para a ação sociabilizadora do professor em sala de aula? Caso sim, quais?
- 4- Em sua opinião, que importância os alunos dão à internet em seu processo de socialização? Por quê?
- 5- Como você acha que os adolescentes avaliam as condições e a qualidade de sua socialização com a utilização da Internet por eles?
- 6- Questões relativas à socialização dos jovens com o advento da internet são discutidas em sala de aula? Caso sim, de que modo?
- 07- Qual a importância, os benefícios e malefícios do uso da Internet para o processo de socialização dos jovens, conforme sua avaliação, com base em sua experiência em sala de aula?

ANEXOS

ANEXO A



Universidade Federal do Ceará
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. N° 07/09

Fortaleza, 20 de fevereiro de 2009

Protocolo COMEPE n° 182/ 08

Pesquisador responsável: Daniela Adonai Lima e Silva

Dept°./Serviço: Departamento de Psicologia/ UFC

Título do Projeto: “Rede mundial de computadores e sua influência, no contexto da cibercultura na sociabilização dos jovens, segundo a percepção docente”

Levamos ao conhecimento de V.S^a. que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Resolução n° 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares, aprovou as alterações do projeto supracitado na reunião do dia 19 de fevereiro de 2009.

Outrossim, informamos, que o pesquisador deverá se comprometer a enviar o relatório final do referido projeto.

Atenciosamente,

Dra. Mirian Parente Monteiro
Coordenadora Adjunta do Comitê
de Ética em Pesquisa
COMEPE/UFC

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado por mim, Daniela Adonai Lima e Silva, a participar desta pesquisa intitulada: “Rede mundial de computadores e sua influência, no contexto da cibercultura, na sociabilização dos jovens, segundo a percepção docente”, que objetiva investigar a percepção dos professores sobre a influência do uso genérico da Rede de Mundial de Computadores (internet), no contexto da cibercultura, na sociabilização de jovens do Ensino Médio de escolas particulares, a partir da experiência de sala de aula.

Sua participação é importante, porém, você não deve participar contra sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar sobre a descrição da pesquisa a seguir, para que todos os procedimentos desta sejam esclarecidos.

Neste trabalho, professores do Ensino Médio de escolas particulares de ensino regular da cidade de Fortaleza, de ambos os sexos, com alunos na faixa etária de 14 a 18 anos, com no mínimo um ano de experiência docente, serão convidados a participar da pesquisa.

As escolas com as quais você e os demais docentes mantenham vínculos empregatícios não participarão diretamente deste trabalho; também não concederão seus espaços privados para a realização da coleta de dados deste. No entanto, mister fez-se a autorização das mesmas para o empreendimento de tal etapa de campo da pesquisa.

Ao colaborar com este estudo, você deve assinar por escrito este termo em duas vias (uma para você e outra para a pesquisadora), neste momento, comprometendo-se em participar hoje de uma entrevista individual, em seu domicílio ou no Laboratório de Psicologia da Subjetividade e Sociedade, vinculado ao mestrado de Psicologia da UFC, com a pesquisadora, a qual abordará a temática do projeto em pauta por meio de perguntas abertas, norteadas por um roteiro.

Você pode falar livremente sobre o assunto, nessa ocasião, por um período de em média 50 min, mas sempre atentando em manter o foco da conversa profissional voltada aos objetivos da pesquisa. A entrevista será gravada e transcrita pela pesquisadora, após a sua conclusão, para fins de análise do seu conteúdo, procedimento necessário para a produção do trabalho acadêmico do mestrado. A pesquisadora poderá fazer anotações sobre informações que você der na entrevista durante esta. O conteúdo da gravação poderá ser disponibilizado a você, após a sua transcrição pela entrevistadora, caso deseje obter as informações prestadas nessa fase de campo.

A entrevista terá início após sua assinatura desse termo e será finalizada após a abordagem satisfatória das questões dispostas em seu roteiro.

Complementações posteriores às informações dadas durante esse primeiro contato poderão ser feitas e incluídas no material de análise coletado, a partir de uma segunda entrevista, havendo a necessidade da mesma, para uma melhor explicitação do assunto em pauta.

Você tem a liberdade de recusar a participar em qualquer momento da entrevista e pode ainda tirar seu consentimento em qualquer momento do estudo, sem que isto lhe traga qualquer penalidade e sem nenhum prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso poderá entrar em contato com a responsável pela pesquisa.

“Rede mundial de computadores e modos de subjetivação: desafios à formação dos jovens, a partir do trabalho docente” Qual é o título da dissertação?

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco a sua integridade física, psíquica e moral.

Todas as informações obtidas a partir da entrevista são estritamente confidenciais. As respostas às questões abordadas serão selecionadas e publicadas, respeitando os princípios éticos que norteiam a pesquisa, conforme as regras estabelecidas pelo Comitê de Ética que a regulamenta. Apenas a pesquisadora terá acesso ao material coletado na íntegra. Os dados tratados, analisados e interpretados, no geral, serão explicitados na dissertação de mestrado da pesquisadora sem a exposição de sua identidade e da instituição educacional à qual pertence.

Este termo garante, assim, que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa e do local em que trabalha, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. No entanto, a mesma poderá favorecer um aprofundamento dos seus conhecimentos na temática investigada por lhe propiciar uma reflexão crítica sobre o tema que poderá facilitar sua tomada de decisões em seu cotidiano profissional e possíveis descobertas de caminhos de mudança de suas estratégias pedagógicas.

Esperamos que esta investigação proporcione à pesquisadora e aos estudiosos e atuantes na área informações importantes sobre a influência do uso genérico da rede mundial de computadores (internet), no contexto da cibercultura, na sociabilização de jovens do Ensino Médio de escolas particulares, a partir da experiência docente em sala de aula, possibilitando uma ampliação do conhecimento coletivo e otimização da prática de psicólogos educacionais e educadores, no geral.

No futuro essas informações poderão ser usadas para fins de ensino e debates científicos, em benefício de alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia no Brasil, bem como de educadores e alunos do Ensino Médio, usuários da internet com objetivos educacionais. Poderá fomentar, com isso,

a produção científica nesse campo em nosso Estado e capacitar profissionais para o exercício da docência.

A posterior divulgação pela pesquisadora do assunto discutido na entrevista por meio de sua dissertação poderá instigar também uma problematização profícua do tema internet nas escolas e uma conseqüente melhor utilização desta nas redes regulares de ensino particular.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso ao conteúdo transcrito da entrevista e dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele **participar e para tanto eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO(A) OU OBRIGADO(A).**

Fortaleza, ___ de _____ de 2009

<p>“Rede mundial de computadores e modos de subjetivação: desafios à formação dos jovens, a partir do trabalho docente” Qual é o título da dissertação?</p>
--

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do (a) professor (a)

José Célio Freire
Orientador do Projeto

Endereço da pesquisadora:
Daniela Adonai Lima e Silva
Rua José Vilar 1450, ap 901, Aldeota
Cep: 60.125-000-CE- Brasil
Telefone: (085) 32613244
E-mail: daniela_adonai@yahoo.com.br

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 - Rodolfo Teófilo, Telefone: 3366.8338

Endereço do (a) participante - voluntário(a)

Domicílio:

Telefone: